



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

ISADORA LIMA RODRIGUES

Encontrando a si e um retrato da sociedade:
a poética de uma Catadora de Palavras.

BRASÍLIA, 2023

ISADORA LIMA RODRIGUES

Encontrando a si e um retrato da sociedade:
a poética de uma Catadora de Palavras.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, do Instituto de Artes da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Artes Cênicas. Orientador: Prof. Dr. Érico José.

BRASÍLIA, 2023

Ficha catalográfica elaborada automaticamente, com
os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Le

Lima Rodrigues, Isadora

Encontrando a si e um retrato da sociedade: a poética de
uma catadora de palavras. / Isadora Lima Rodrigues;
orientador Érico José Souza de Oliveira. -- Brasília, 2023.

173 p.

1. Palavra. 2. Imagem. 3. Voz. 4. Corpo. 5. Escrita. I.
José Souza de Oliveira, Érico, orient. II. Título.

ISADORA LIMA RODRIGUES

Encontrando a si e um retrato da sociedade:
a poética de uma Catadora de Palavras.

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-graduação em
Artes Cênicas, do Instituto de Artes
da Universidade de Brasília, como
requisito para a obtenção do grau de
Mestre em Artes Cênicas.
Orientador: Prof. Dr. Érico José.

Aprovada em 22 de maio de 2023.

Prof. Dr. Érico José (orientador)

Profa. Dra. Cynthia de Cássia Santos Barra

Prof. Dr. Rafael Litvin Villas Bôas

Profa. Dra. Alice Stefânia Curi (suplente)

I. Coragem.

Dedico meus passos e escolhas; meu fazer e insistência; lutas e conquistas à criança que fui. À criança que minha mãe e meu pai foram e às crianças que meus irmãos e irmãs, de sangue e consideração foram. Às memórias de quem ousou narrar o passado para reivindicar o presente. Às crianças que minhas avós e avôs foram e às crianças que meus tios e tias foram – e se fizeram minhas mães e foram mães de muitos e muitas – crianças que cuidaram de outras crianças.

À todas as crianças e jovens de quebrada: filhos e filhas da classe trabalhadora periférica, dos desempregados, das donas de casa, das faxineiras e dos fazedores de bicos. À todas as crianças e jovens do campo: filhos e filhas do peão, do caseiro, da pequena agricultora, da feirante e do “iletrado” dentro da gramática normativa.

Às mulheres provenientes da periferia, as consideradas “marginais”, as que carregam o mundo nas costas. Sejam àquelas localizadas geograficamente na “periferia do mundo” ou àquelas subjetivamente nas fronteiras, no entre lugar – àquelas que existem sempre deslocadas.

Às corpos e corpos que seguem de pé apesar das adversidades de um ambiente dominado por padrões opressivos, pela obsessão em rotulá-los e negá-los, na inútil tentativa de capturá-los.

Às quadras QNO 1 e QNO 5, especificamente aos conjuntos “A” da Ceilândia Norte – Setor “O”: aos becos que serviram de ótimo esconderijo para o pique-esconde e as brincadeiras de rua que me fizeram uma criança inventiva, corajosa, destemida e esperta; à vizinhança que também era família me fazendo pertencer – Ao pertencimento; às amizades que perduram até hoje: ao apoio quando penso e pensei em desistir, ensinando que não se sonha só. Pelas relações afetivas e constitutivas de gente e lugar, por uma construção da solidariedade e da perseverança.

Às crianças, jovens e adultos, estudantes da educação básica de ensino público. Que a escola não perca seu sentido de comunidade, construção de mundo, cidadania e

democracia. A perda de sentido da escola se soma à perda de sentido da vida. Que possamos continuar construindo história, cultura e perspectiva.

Pelo corre e o pão de cada dia, mas também pelo lazer, pela cultura, pela saúde, pela educação, pela moradia, pela dignidade e pela cidadania. Sejam inventivas e corajosas no combate contra toda precarização do trabalho, da educação, da retirada de direitos e do rebaixamento das condições materiais e simbólicas da vida da classe trabalhadora. Não nos adequemos à lógica do neoliberalismo, tão alheio às bases sociais.

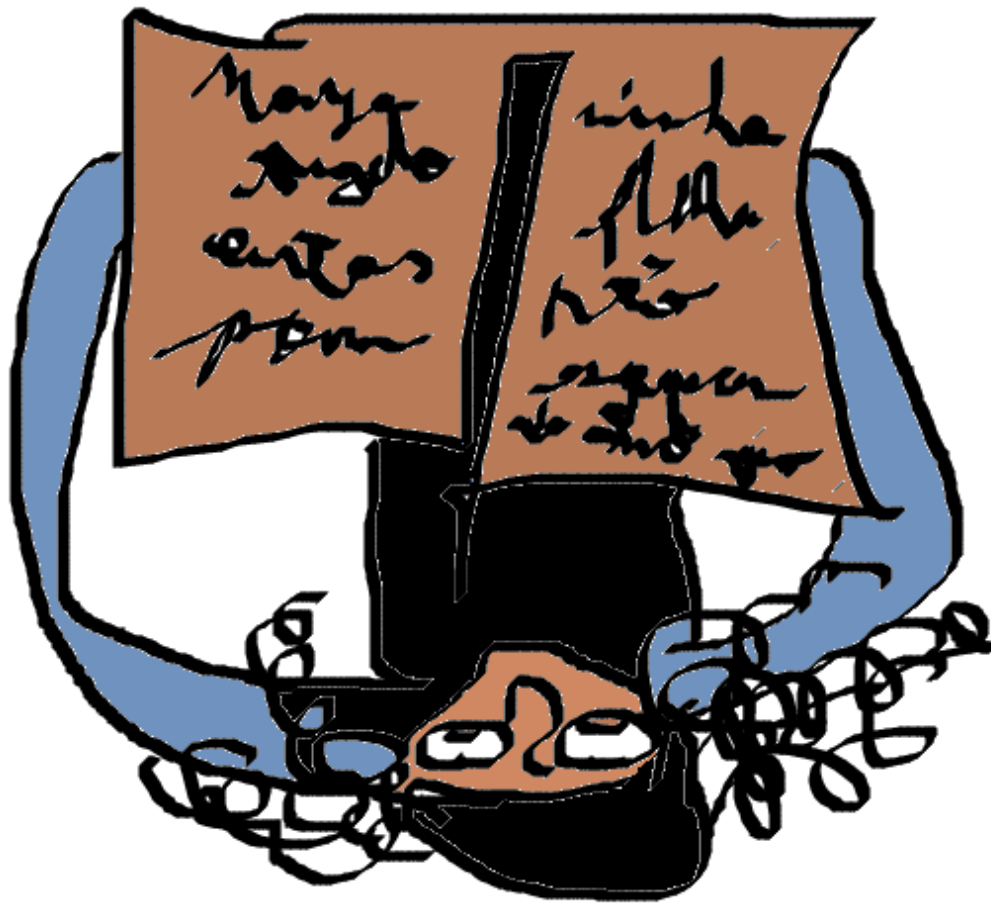
Pela nossa emancipação. Por melhores condições de vida, de forma micro e macroestrutural. Pela educação que acontece de mãos dadas com a arte e a cultura. Pelos agentes dispostos à mudança e irmanados (as) em um projeto comum anticapitalista, antipatriarcal e antirracista.

Pelo conhecimento historicizado no corpo e pelo corpo, nos seus modos de vida e significações. Pela produção de novos imaginários e horizontes palpáveis. Pelos pressupostos de Freire e hooks como um ato de amor: onde toda relação social tem sua função pedagógica nos valores e laços que constrói.

Aos “irregulares” pela “invasão” dos territórios, inclusive esse a qual falo, já que a universidade pública – assim como uma extensão da sociedade – continua sendo elitista, machista e racista. Pelas políticas públicas; pelas políticas públicas de ações afirmativas. Pelas políticas públicas de acesso e permanência. Pela educação pública de qualidade e excelência: escolas classes, fundamentais, médios, EJAs; universidades e institutos. Pelos educadores e educadoras, pelo reconhecimento e a valorização da categoria.

A universidade já olhou muito para nós, agora é hora da gente olhar para ela. Pelo conhecimento transformado em alegria e não mais em sofrimento.

II. Perseverança.



Cenário 1 – Lendo Maya Angelou no ônibus.

No movimento do *baú* ao trabalho, leio um trecho do livro *Carta à minha filha* de Maya Angelou (2019),

Onde os ventos do desapontamento levaram ao chão a casa dos meus sonhos e a raiva, como um polvo, enrolou seus tentáculos em minha alma. Eu parei. Parei em minhas pegadas e procurei uma coisa que pudesse me curar. Encontrei na minha memória um rosto de criança. Qualquer rosto de criança olhando para o brinquedo desejado. Com suave surpresa um rosto de criança com esperança e expectativa nos olhos. (ANGELOU, 2019, P.117)

Por mais difícil que seja continuar caminhando sobre o chão da educação, diante as realidades/contextos, expectativas e circunstâncias... aquelas palavras de Angelou naquele momento em que pensava em desistir dialogavam comigo, fazendo com que eu continuasse insistindo na educação.

Olho para o lado e vejo Pedro, um estudante que compartilha as viagens de ônibus comigo. Pedro me chama com um olhar interessado: *Eaí, profa! Tem um desses livros que você costuma ler aqui no ônibus com você?* Respondo com entusiasmo: *Tenho sim. Você quer ler um?* Pedro todo agradecido: *Quero sim! Sempre te vejo lendo, será que tem algum legal aí pra mim?* Respondo mais entusiasmada ainda: *Tenho! Você me disse que quer ser jogador de futebol, então lê esse.* (Entrego para ele o livro *O jogo da democracia* de Aldenor Pimentel (2021) que estava em minha bolsa). Pedro arregala os olhos com um sorriso gigante: *Que massa, é de futebol.* Começa a foliar o livro na mesma hora, abre na primeira página e começa a leitura.

Ele lê de um lado e eu do outro até chegar nossa parada – sou sua professora de Artes no fundamental II – descemos juntos e vamos caminhando até a escola. Pedro todo feliz pergunta se pode terminar de ler o livro na escola e depois me devolver. Empresto com maior prazer.



Cenário 2 – Pedro lendo o livro no ônibus.

No outro dia encontro Pedro todo feliz no ônibus, ele me devolve o livro e diz: *Caramba, professora! Ler é mesmo massa né?! Tô pensando em várias coisas que o livro disse.* Eu mais feliz ainda: *É massa né, Pedro?! Vamos ler o livro hoje na turma?*

Entusiasmado: *Bora!!!! Vai ser massa demais!*

Lembro de um trecho de *Cartas à minha filha* (2019) novamente, onde Maya Angelou escreve: “Encontrei na minha memória um rosto de criança. Qualquer rosto de criança olhando para o brinquedo desejado. Com suave surpresa um rosto de criança com esperança e expectativa nos olhos.”. (ANGELOU, 2019, p.117). Talvez eu seja a criança com esperança e expectativa nos olhos enquanto olho para a educação. A educação como possibilidade, ferramenta e instrumento de transformação social.

Gostaria que os *Pedros* soubessem que eles podem ser jogadores de futebol se quiserem, assim como *Geovanas* podem ser médicas, *Dyogos* artistas e *Anas* professoras. Gostaria que a *Isadora*, que aqui escreve, soubesse, que se ela quiser também pode ser mestra e doutora de universidade. Não pelo *status* ou pela ideia de intelectualidade narcísica que só serve para si, mas pelo **projeto de ação e trabalho de base**. Novamente os passos e as escolhas; o fazer e a insistência; a luta e a conquista de um mundo em que todos/as/es tenham e usufruam das mesmas oportunidades. Para isso não basta somente “*ser o que se quiser*” – essa etapa já é uma conquista e tanto considerando que nos delimitam e nos esperam em outros espaços – mas para “*ser o que se quiser*” é preciso oportunidade: caminhos de base, de luta e prosperidade, para que o sonho de fato seja possível.

A educação é um sonho inegociável, por isso aqui estou e não desisto!

Primeiras Palavras Agradecimentos



Cenário 3 – Base da construção.

A empregada e o poeta

*Na suspeição de que a empregada envenenaria o poeta
anteciparam as dores dos livros.*

*Folhas mortas despencariam dos troncos,
lombadas folheadas em ouro,
tesouro do poeta,
que a mesma serviçal
eficiente e justa cuidava em sua obra.*

*A empregada envenenaria o poeta,
um mofo podre avolumaria
de cada letra morta.*

*E a biblioteca manuseada
pela mente assassina
esperaria uma nova edição
de um debochado cordel,
que cantaria a história do poeta
e do bife envenenado,
trazendo o verso final:*

“o peixe morre é pela boca.”

*Todos suspeitariam,
condolências antecipadas
surgiriam em prosa e verso.
Entretanto suspeição alguma
ouviu e leu a história da empregada.*

Ela jamais assassinaria o poeta.

*Quando o bife passou
quase amargo e cru,
foi porque o tempo logrou
as tarefas de Raimunda.
O não e o mal feito da empregada
eram gastos às escondidas em leituras
do tesouro que não lhe pertencia.
No entanto ela sabia, mesmo antes do poeta,
que rima era só rima.
E em meio às lacrimejantes cebolas
misturadas às dores apimentadas
nos olhos do mundo,
Raimunda entre vassouras, rodos,
panelas e pó desinventava de si
as dores inventadas pelo poeta.
Conceição Evaristo (2017)*

Aprendi com *Raimundas e Raimundos* – mulheres e homens da minha família (cozinheiras, babás, faxineiras, passadeiras, manicures, donas de casa, pedreiros e fazedores de bicos) – que mesmo em espaços que dizem não nos pertencer, como as casas grandes que trabalhavam e dormiam nos quatinhos pequenos das empregadas (distantes mesmo sendo na mesma casa), na porta de entrada pelos fundos ou no elevador de serviço... que não importa onde estaremos, sempre pensaremos nos nossos: *“cuidando de outras crianças pensando nas nossas”*, como diziam as Raimundas daqui de casa.

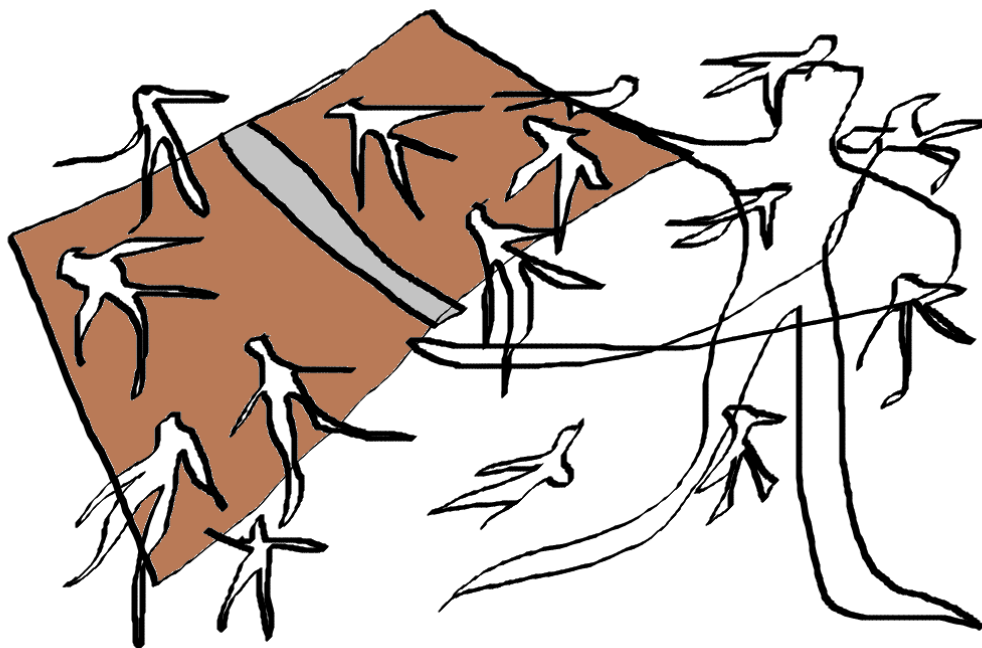
Aprendi com minha família o processo de uma construção. Não que eu saiba majestosamente botar de pé um barraco, ou uma mansão que nunca seria nossa, mas aprendi um pouquinho do que é preciso para começar qualquer coisa: uma base forte.

Na minha base têm mãos firmes e calejadas ainda segurando firme os tijolos, exaustos e exaustas de um ritmo de trabalho explorador e ininterrupto. E mesmo assim, ao entardecer do dia, ainda contando histórias – alicerçando seus hábitos de vida, construindo no tato-palavra que nos toca o corpo a materialidade de que a vida com suas memórias e invenções os/as/es pertencem. Rastros dos

que foram estão nos braços de quem fica: levantando tijolos e reerguendo algo que nos pertence – nossa base forte.

Raimundos e Raimundas, ligando-se em um destino historicamente compulsório de muitas periferias brasileiras, ambos vivenciando os efeitos da violência – que vão se estender a tantas categorias de análise como dispositivos de poder de maneiras distintas e semelhantes.

Raimundos e Raimundas, comunidade de relações que me construiu e constrói. De *corpus-corporis*, que nessas folhas são coautores/as e interlocutores/as. Assim como referências bibliográficas de uma biblioteca feita de gente.



Cenário 4 – Biblioteca feita de gente.

As grandes casas alicerçaram e alicerçam grandes estruturas para continuarem intactas ao longo do tempo: se reatualizam, se reproduzem e fazem morada até na gente – na forma de pensar, de ser, de ter. Parecem fortalezas com seus muros, câmeras, cercas elétricas e monitoramento. Nos afastam de suas casas, e mesmo assim, tem mais de nós dentro delas do que eles. Não desfrutando, óbvio, mas como empregados/as/es. Ainda ousam dizer que esse

cenário é justificado por mérito, esforço (*Doídera! Se fosse por esforço teríamos “tudo e mais um pouco”*).

As estruturas fazem de tudo para tentar nos jogar para longe: os cortes, os desmontes, as privatizações... como se fossemos invasores. “Invasores” que dedicaram suas vidas em prol do trabalho da manutenção dos *status* de pessoas que querem somente a nossa força de trabalho – a maestria das mãos e dos pés calejados de quem dispôs seu tempo enquanto se perdia a vida.

Enquanto isso, nos espaços: a mesma gente adentra e a mesma gente fica de fora... a mesma gente que constrói e a mesma gente que usufrui.

*Muitos ouviram falar da minha história
Muitos fingiram não me ver,
Mas eu estou aqui
Eu vou cantar, eu vou cantar
Até quando deus me permitir.
Nosso canto vai resistir ao tempo
Pois não são simples palavras, jogadas ao vento
Som de guerra de quem entrou na batalha
Pra vencer, conquistar sem temer a nada.
(Atitude feminina, 2013: Desistir jamais)*

Catemos nossas letras espalhadas pelos mecanismos de silenciamentos para compor *palavras-corpos-corpus* de vida, transformando o conhecimento endurecido de corpos rígidos e saberes mesquinhos em narrativas insurgentes de significações e modos de vida.

Assim como Carolina Maria de Jesus (1963) em *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada* dedicava a catar materiais recicláveis para sobreviver, a busca por letras em meio aos mecanismos de silenciamentos requer perseverança e habilidade para encontrar pequenas pistas em meio a um ambiente que muitas vezes não valoriza ou reconhece a importância dessas histórias. É preciso trazer-fazer conexões-reflexões entre diferentes tempos “aparentemente desconectados”. Para que o tempo andarilho, como diz Tiganá Santana (2020), começará a sua viagem, repleta de acontecimentos, dessa vez, com o desperto testemunho do que é vivo e está, agora evidentemente, sob o

sol; não sob a sua 'ausência-pausa', a qual conduz a outras sortes de transcurso e paisagem existencial.

Tatear a vida com as palavras das linhas do nosso destino nas mãos; tocar com os pés para que as palavras-rastros dos corpos sejam escritas pelos caminhos.



Cenário 5 – Escrita nas linhas das mãos.



Cenário 6 – Escrita nas linhas dos pés.

Escrevo a miséria e a vida infausta dos favelados.

Eu era revoltada, não acreditava em ninguém.

Odiava os políticos e os patrões, porque o meu sonho era escrever e o pobre não pode ter ideal nobre.

Eu sabia que ia angariar inimigos, porque ninguém está habituado a esse tipo de literatura.

Seja o que Deus quiser.

Eu escrevi a realidade.

(Carolina Maria de Jesus, 1963)

Uma vez me disseram: “*Menina da ciência, não esquece do seu coração, para todo lugar que vá, leve-o com você. Até mesmo para a academia.*”. É por isso que meu nome pode aparecer sozinho no que chamamos de capa e

contracapa, seguindo a ^{O-R-D-E-M} acadêmica..., mas gostaria de inverter

essa ^{W-E-D-E-M} fazendo das primeiras folhas, os

Agradecimentos.

III. Licença.

Confesso que ao iniciar qualquer leitura pulo as páginas, vou direto aos agradecimentos... diante do que me ensinaram e aprendi sobre base... é ali, nos agradecimentos, que entendo a força do que foi e do que virá. Os nomes e o que eles representam dão sentido às palavras, as desenham com traçados específicos de quem as contam/narram.

Com esses argumentos, inverteo as ordens acadêmicas. Essas são as primeiras páginas que vocês veem (mesmo que no imaginário da leitura). Esquece a capa e a contracapa de um nome só. **Um nome não se escreve sozinho.**

Nomes que prosperam em mim, nas minhas palavras, como diz Maya Angelou (2019): minha missão na vida não é meramente sobreviver, mas prosperar; e fazê-lo com alguma paixão, alguma compaixão, algum humor e algum estilo.

Escrevo de onde o primeiro traço se inicia. A letra começa por esses nomes: Maria Deuzinha, Raimunda Lúcia, Adolfo, Raimundo, Alba, César, Linícker, Ravi, Cristiane, Maria Gorete, João Pedro e Márcio. Esses são nomes-base para começar essa escrita.

Para continuar escrevendo cito o nome do meu orientador Érico José. Imenso respeito e admiração. Sua sensibilidade e acolhimento foi de fundamental importância nesse processo de mestrado, e para a vida que respira e sopra nessas folhas e além.

Cynthia Cy Barra e Rafael Villas Bôas, referências e inspirações na educação transformadora, no fazer e no criar mundo. Generosos, atenciosos, profundamente cuidadosos e potentes nas suas leituras e contribuições para/com essa pesquisa. Todo meu agradecimento por poder vivenciar-experimentar o sabor de uma banca tão bonita e especial.

Alice Stefani, por ter aberto as portas e as oportunidades – acreditando e somando – sempre de forma tão atenciosa e excelente.

Pela Universidade de Brasília (UnB), Instituto de Artes (IdA), em especial ao Departamento de Artes Cênicas (CEN) e a todo corpo/corpa que o faz vivo. São dez anos (2013 a 2023) pisando nesse chão e sonhando através dele.

Para quem se estende na inteireza do compartilhamento, do ser juntos/as/es: celebrar, lutar, persistir, dançar ou simplesmente enxugar lágrimas. Meus amigos/as/es, companheiros/as/es... sempre vou lhes agradecer por tudo e tanto.

Por quem cuida dos meus caminhos, protege meus passos, me aconselha e afina minha escuta para a vida. Todo meu amor e fé.

*Lutar para termos uma vida digna
sem esquecer da base:
a que se eu cair,
vai me segurar e dizer que não estou só;
a que estende o ouvido atento,
escutando o mais íntimo das profundezas do peito;
a que na passagem da possibilidade da desistência
me mostra o motivo da insistência.
Do rito da presença que abastece a práxis-vida.
No encontro das lágrimas que fortalece a passagem do rio.
Assisto outros percursos para continuar confiando,
e também ser base.*

RESUMO

O presente trabalho investiga a poética da palavra enquanto linguagem plurissignificativa: conceito aliado à sensoridade da mensagem *verbi-voco-visual*. Na qual a palavra não se reduz à vocalidade e muito menos à palavra grafada. Palavra-imagem-som se interligam, sendo o corpo expressão da memória, da força vocalizada que intervém em um percurso da composição da palavra. Traço, voz, letra e imagem se encontrando corpo a corpo na proposta de uma composição dramática – sendo a dissertação, em seu processo de escrita – movências, processo metodológico-prático-teórico da poética da palavra.

Transmissão e legitimação de contra-narrativas e modos de vida pela poética da palavra, através de percursos e escavações de uma personagem chamada Catadora de Palavras, que ao sentir o tremor do chão, começa a cavá-lo – encontrando a si e um retrato da sociedade. Buracos sem fim, maquiados por “verdades translúcidas” com o objetivo de mascarar o tempo espiralar que se faz de passado-agora.

Dissertação que se propõe ser dramaturgia, instalação ou ensaio numa tríade: vivência, teoria e projeto composicional. Escrita que experimenta estéticas em que o signo verbal extrapola seus próprios limites, revelando a palavra como cenário não só de letra e de voz, mas, sobretudo, de uma escrita performativa.

Palavras-chave: Palavra, Imagem, Voz, Corpo, Escrita.

ABSTRACT

This study enquire about the poetics of the word as a plurisignificant language: a concept combined with the sensoriality of the verbal-vocal-visual message. In which the word is not reduced to vocality, much less to the spelled word. Word-image-sound are interconnected, the body is the expression of memory, the body is the vocalized force that intervenes in a course of word composition. Trace, voice, letter and image are meeting body to body in the proposal of a dramaturgical composition – in which this study, in its writing process – movements, methodological-practical-theoretical process of the poetics of the word.

Transmission and legitimization of counter-narratives and ways of life through the poetics of the word, through the paths and excavations of a character called Catadora de Palavras [Words Catcher], that, when feeling the ground trembling, begins to dig it – finding herself and a portrait of society . Endless holes, masked by “translucent truths” with the goal of masking the spiraling time that is made of past-now.

Study that proposes to be a dramaturgy, an art installation or a literary essay, in a triad: experience, theory and compositional project. Writing which experiments an aesthetics in which the verbal sign goes beyond its own limits, revealing the word as a scenario not only of lyrics and voice, but, above all, of performative writing.

Keywords: Word, Image, Voice, Body, Writing.

CENÁRIOS

Cenário 1 – Lendo Maya Angelou no ônibus.	7
Cenário 2 – Pedro lendo o livro no ônibus.	8
Cenário 3 – Base da construção.	10
Cenário 4 – Biblioteca feita de gente.	12
Cenário 5 – Escrita nas linhas das mãos.	14
Cenário 6 – Escrita nas linhas dos pés.	15
Cenário 7 – às memórias-vivas da educação; escola território de pertencimento. CEM 09 – Ceilândia Norte.	24
Cenário 8 – O livro vencerá a arma.	26
Cenário 9 – O rasgo no dicionário.	27
Cenário 10 – Memória escondida atrás da orelha.	28
Cenário 11 – Verbo escondido na garganta.	28
Cenário 12 – A posse da palavra, da imagem e do som.	31
Cenário 13 – Letras dando nós na garganta.	32
Cenário 14 – Começando a desatar os nós das letras.	32
Cenário 15 – Tomando posse da palavra, da imagem e do som.	33
Cenário 16 – Coreografia do encaixe.	35
Cenário 17 – Poder tem palavra.	36
Cenário 18 – Escrita no peito.	37
Cenário 19 – Perco a escuta ao escrever?	41
Cenário 20 – Perco o tato ao escrever?	41
Cenário 21 – Palavra-Escuta.	42
Cenário 22 – Palavra-Tato.	43
Cenário 23 – Da onde eu olho?	44
Cenário 24 – Pra onde eu aponto?	45
Cenário 25 – Palavra Grito.	47
Cenário 26 – Antes da escrita.	48
Cenário 27 – Ajustando o foco da percepção.	48
Cenário 28 – Imagens sobrepostas, de gente e lugar.	49
Cenário 29 – Chamando letras.	50
Cenário 30 – Palavra Fresta.	51
Cenário 31 – Escrita.	52
Cenário 32 – Dedos sangrando nas letras.	53
Cenário 33 – Alfabeto do corpo.	54
Cenário 34 – Revolta, desenho do meu pai.	61
Cenário 35 – Palavra Revolta.	64
Cenário 36 – A memória desafia a história.	65
Cenário 37 – A memória desafia a história II.	66
Cenário 38 – A memória desafia a história III.	66
Cenário 39 – A memória desafia a história IV.	67
Cenário 40 – A memória desafia a história V.	67
Cenário 41 – Romper com a roupagem I.	69
Cenário 42 – Romper com a roupagem II.	69
Cenário 43 – Romper com a roupagem III.	70
Cenário 44 – Romper com a roupagem IV.	70

Cenário 45 – Palavra Escondida.....	71
Cenário 46 – O tremor.....	73
Cenário 47 – Pendurada no pêndulo do capitalismo.....	75
Cenário 48 – Retratos do tempo capital I.	76
Cenário 49 – Retratos do tempo capital II.	77
Cenário 50 – Retratos do tempo capital III.	78
Cenário 51 – Retratos do tempo capital IV.....	79
Cenário 52 – Retratos do tempo capital V.....	80
Cenário 53 – Quebrar o tempo do capitalismo.	81
Cenário 54 – Doença de Chronos.....	82
Cenário 55 – Olhos se demaquilando.	86
Cenário 56 – O olhar ocidental.....	86
Cenário 57 – Ideologia dominante.....	89
Cenário 58 – Olhar atento.	91
Cenário 59 – Nova rota para o sentido da visão.	92
Cenário 60 – Silenciamento.	93
Cenário 61 – Ato de cavação.	94
Cenário 62 – O buraco sem fim.....	95
Cenário 63 – A fachada.....	97
Cenário 64 – A fachada da verdade.....	98
Cenário 65 – O corpo branco.	99
Cenário 66 – O Colonizador.....	100
Cenário 67 – Meu reflexo-imagem.	106
Cenário 68 – Tencionando o corpo branco.	111
Cenário 69 – Cacos subjetivos de um corpo.....	113
Cenário 70 – Retrato dominante universal.	115
Cenário 71 – Violência patriarcal.....	117
Cenário 72 – Colonização no Brasil I.	118
Cenário 73 – Colonização no Brasil II.	118
Cenário 74 – Colonização no Brasil III.	119
Cenário 75 – O pecado original.....	120
Cenário 76 – Corpo queer.....	122
Cenário 77 – A gaiola.....	123
Cenário 78 – Fugitiva.	125
Cenário 79 – Tecer novas rotas I.	126
Cenário 80 – Tecer novas rotas II.	127
Cenário 81 – Face feita de várias.....	128
Cenário 82 – Mapa de origem avó materna.	129
Cenário 83 – Avó materna, Raimunda Lúcia.....	129
Cenário 84 – Vô Raimundo e Vó Raimunda; Ceilândia – DF.....	131
Cenário 85 – Mapa de origem avó paterna.	132
Cenário 86 – Avó paterna, Maria Deuzinha.....	132
Cenário 87 – Avô paterno, Adolfo.	134
Cenário 88 – Mapa origem, Setor O – Ceilândia Norte.	135
Cenário 89 – Isadora com 6 anos de idade com sua cachorra Cora.....	135
Cenário 90 – QNO 1, Magal, amigo da família e meu pai, 1980.	138
Cenário 91 – QNO 1, meu tio, meu sobrinho e minha avó paterna, 2022.	139

Cenário 92 – Percurso do que me faz.....	140
Cenário 93 – Palavras-corpos.....	141
Cenário 94 – Vista do conjunto A da quadra QNO 1.....	142
Cenário 95 – Vista do conjunto A da quadra QNO 5.....	143
Cenário 96 – Pipa nos fios.....	144
Cenário 97 – Quem é que sabe ler?	145
Cenário 98 – Placa de entrada.....	145
Cenário 99 – Muro da escola.....	146
Cenário 100 – Vista da laje.....	146
Cenário 101 – Grafite Caixa d'água.....	147
Cenário 102 – Pixo é arte.....	147
Cenário 103 – Rua enquanto relação; pique pega.....	148
Cenário 104 – Rua enquanto relação; pique esconde.....	149
Cenário 105 – Rua enquanto relação; biloca.....	149
Cenário 106 – Rua enquanto relação; pipa.....	150
Cenário 107 – Casa enquanto arquivo de memória: riso.....	151
Cenário 108 – Casa enquanto arquivo de memória: medo.....	151
Cenário 109 – Casa enquanto arquivo de memória: história.....	152
Cenário 110 – Casa enquanto arquivo de memória: prosa.....	152
Cenário 111 – Casa enquanto arquivo de memória: choro.....	153
Cenário 112 – Casa enquanto arquivo de memória: café.....	153
Cenário 113 – Casa enquanto arquivo de memória: chá.....	154
Cenário 114 – Casa enquanto arquivo de memória: bolo.....	154
Cenário 115 – Casa enquanto arquivo de memória: beju.....	155
Cenário 116 – Quintal com plantas.....	156
Cenário 117 – Plantando palavras.....	157
Cenário 118 – Palavra tem poder.....	158
Cenário 119 – Palavra Futuro.....	159
Cenário 120 – Plantando palavra Futuro.....	159
Cenário 121 – Palavra Futuro plantada.....	160
Cenário 122 – Palavra Ancestral.....	160
Cenário 123 – Verbo e corpo como forças motrizes.....	162
Cenário 124 – Zoom corpo-verbo.....	162
Cenário 125 – Recortes de uma cena, comunidade.....	163
Cenário 126 – Recortes de uma cena, comunidade II.....	163
Cenário 127 – Recortes de uma cena, comunidade III.....	164
Cenário 128 – Recortes de uma cena, comunidade IV.....	164
Cenário 129 – Retrato de si e da sociedade.....	168
Cenário 130 – Continuar escrevendo.....	169

Sumário

Retrato de si e da sociedade.	24
Primeiro retrato.....	24
Segundo retrato.....	29
Tomando posse.....	33
Conflito, instrumento e forma.	34
Palavra além dos limites.....	37
Conhecimento corporificado.....	41
Por que escrever é tão difícil?	47
Por que escrevo?	47
Primeira Parte – Carta como Epistemologia.	55
Segunda Parte – Cavar, Percurso e Corpo.	65
Essa é a história de uma catadora de palavras.....	68
O tremor.	73
Os sentidos da visão.	86
Corpo, marcas de poder.....	87
Terceira Parte – Reencontrando uma nova rota para o sentido da visão. 92	
O branco.....	95
O que fazem os brancos com todo esse ouro? Por acaso, eles o comem?.....	99
Cavando meu próprio reflexo-imagem.	106
Questionando o espelho.	111
Localizando os cacos (sexo, gênero e sexualidade).	113
O bicho.....	123
Quarta Parte – Vozes geopolíticas do conhecimento.	128
Raimunda Lúcia, avó materna.....	129
Maria Deuzinha, avó paterna.	132
Uma nova interlocutora, a história da Catadora de Palavras.	135
<i>Referências bibliografias</i>	170

Retrato de si e da sociedade.

Sou grata às muitas mulheres e homens que ousam criar teoria a partir do lugar da dor e da luta, que expõem corajosamente suas feridas para nos oferecer sua experiência como mestra e guia, como meio para mapear novas jornadas teóricas. (hooks, 2013, p.103)

Primeiro retrato.



Cenário 7 – às memórias-vivas da educação; escola território de pertencimento. CEM 09 – Ceilândia Norte.

Perguntaram-me por que fazer um mestrado, como se estivesse “perdendo tempo”. Essa pergunta veio como uma afirmação: “você está perdendo o seu tempo”. Que tempo seria esse? Tempo este onde todos estão em busca e quando o encontra logo o perde? Um tempo fugaz, nada generoso, enganoso e mesquinho. Tempo que nos ganha sem que o ganhemos. Tempo que nos retira a vida enquanto acreditamos que ganhar vida é tê-lo. Tempo

capital. Tempo estranho, dobra a vida e nos faz senti-la outra coisa que não é viva.

Se a educação, que é um direito fundamental e inegociável de todas as pessoas é desvalorizada, precarizada, desmontada e serve a poucos/as através do privilégio da posse do “tempo” /recursos materiais e simbólicos, devemos ficar atentos/as/es. Como nos diz Darcy Ribeiro: a crise da educação no Brasil não é uma crise; é um projeto. Um projeto que é alheio às bases sociais a que destina. Uma adequação hegemônica da lógica neoliberal, onde o conhecimento é invalidado e a ignorância passa a ser via de regra, determinando espaços e paradigmas. Onde a barbárie cria cada dia mais novas vítimas de uma cultura de violência que se alastra pelo Brasil, não coincidentemente, através do “fundamento” que enxerga todo espaço pedagógico como uma zona inimiga e uma forma de promover o estado de terror; sendo os professores/as inimigos/as/es públicos, acusados/as/es de doutrinadores. Um ataque sistemático aliado ao fascismo, à misoginia, ao racismo e à LGBTQIA+fobia; contra as instituições, à democracia, a qualquer tipo de justiça, igualdade e solidariedade. É urgente e necessário desbarbarizar a educação para além dos muros das escolas e das universidades, sendo um trabalho de toda a comunidade; romper a lógica odiosa através da emancipação-humanização dos sujeitos. Não há democracia sem emancipação (ADORNO, 2000).



Cenário 8 – O livro vencerá a arma.

Em meio ao cabo de duas forças que nos encontramos – sobrevivência e sonhos inegociáveis – que se mostram repetidamente contrárias, vamos tentando nos equilibrar. Existe uma cosmologia *bantu-kongo*, como coloca Tiganá Santana (2020), que a saber, aquele/a que desenha, analisa, pensa, constrói, abre-se a um dado mundo (e um dado mundo pode abrir-se a ele e a ela igualmente). Precisamos abrir mundo; possibilidades, oportunidades que concretizem horizontes coletivos, que garantem histórias vivas de um tempo eloquente, onde “o que não está dito é o que não está ao alcance do sol.” (2020, p.13).



Cenário 10 – Memória escondida atrás da orelha.



Cenário 11 – Verbo escondido na garganta.

Segundo retrato.

Quando falam, é científico;

Quando falamos, é acientífico.

Quando falam, é universal.

Quando falamos, é específico.

Quando falam, é objetivo.

Quando falamos, é subjetivo.

Quando falam, é racional.

Quando falamos, é emocional.

Quando falam, é imparcial.

Quando falamos, é parcial.

Eles têm fatos, nós temos opiniões.

Eles têm conhecimentos, nós temos experiências.

(KILOMBA, 2020, p.52)

Preciso fechar a porta do cômodo na qual escrevo para que a realidade me dê um tempo. Preciso pedir licença para a rotina exaustiva só por uns minutos para poder me concentrar [...] e mesmo assim não adianta. É sobre a realidade que preciso escrever, está na ponta afiada dos meus dedos, apontada pelo próprio estado de inaceitação, inadequação. Como diz Anzaldúa (2021, p.54 - 55) “o perigo da escrita é não fundir nossa experiência pessoal e visão de mundo à realidade social que vivemos, à nossa vida interna, nossa história, nossa economia e nossa perspectiva.”.

Palavras são símbolos (BOAL, 2009) e integra os arsenais da opressão e da revolta; são nós atados nas gargantas que sobrevivem desfazendo-os todos os dias. Da violência estatal decorrente de uma suposta vantagem comparativa alcançada pela assim chamada “civilização brasileira” (SANTOS, 2019) de uma sociedade injusta, opressora, capitalista e racista sob inúmeras formas. Nós das línguas que se rompem e se rasgam nos últimos cinco séculos de expansão violenta e genocida dos países europeus centrais e dos Estados Unidos pelo mundo inteiro. Vozes que se projetam para recontar e contar, segundo suas perspectivas de clamor por justiça e resistência, a dor a que estiveram (e que ainda estão) submetidos/as/es (SANTOS, 2019).

O trabalho intelectual não é algo abstrato, situado na razão, dissociado da realidade, do corpo como um todo, construído na cabeça de poucos como

leituras obrigatórias, e somente os iniciados nas teorizações desses autores (homens do norte global) podem acessar seus conceitos e traduzi-los para nós que não somos “dotados/as/es” da habilidade de teorizar, e por vezes de não entender suas escritas “rebuscadas”.

Não existe neutralidade entre e nas palavras. É preciso ter cuidado ao se deparar com a escrita – palavras grafadas não são apenas formas, são linguagens, corpos. Corpos em órbita, numa via de mundo. Cada vida carrega consigo suas próprias subjetividades, nem todo mundo tem a autoestima necessária para sobreviver, por exemplo, no espaço acadêmico – “lugar” de produção de conhecimento. Ainda mais quando você, sua família, sua comunidade, seu bairro, suas ideais e modos de vida [...] foram considerados objetos e não sujeitos do conhecimento. Como diz Paulo Freire (1996), como posso ser neutra, grafar palavras vazias – sem corpo, imagem e voz – diante da história em que o conhecimento foi pego pelas garras de uma tirania, na qual poucos corpos são vistos e escutados; poucos corpos podem significar e produzir sentido. Corpos-*corpus*-palavras de mulheres e de homens no rastro do tempo como puro objeto de espoliação e de descaso. Todos/as/es nós falamos de um tempo e lugar específico; de uma história e uma realidade específica – não há discursos neutros (KILOMBA, 2020).

É pela posse da Palavra, da Imagem e do Som que os opressores oprimem (BOAL, 2009), antes que o façam pelo dinheiro e pelas armas. Só a televisão já suplantou, em termos quantitativos, a imprensa escrita, o rádio, o cinema – para não falar do teatro. Essa é a síntese hegemônica dos discursos, das práticas “artísticas”, das diferentes possibilidades de linguagens que chega para o povo de classe popular, e quando chega. Sua mais profunda natureza requer o silêncio do/a ouvinte, do/a telespectador/a, condenado/a pelo estatuto da moderna produção monopolística a uma relação social que o/a define como mero usuário/a: desde bens de consumo materiais e culturais até mesmo a palavra irresponsável de um *Outro* confundido com o código da ordem produtiva, se articulando com outras formas monopolísticas da fala na sociedade (SODRÉ, 1991).

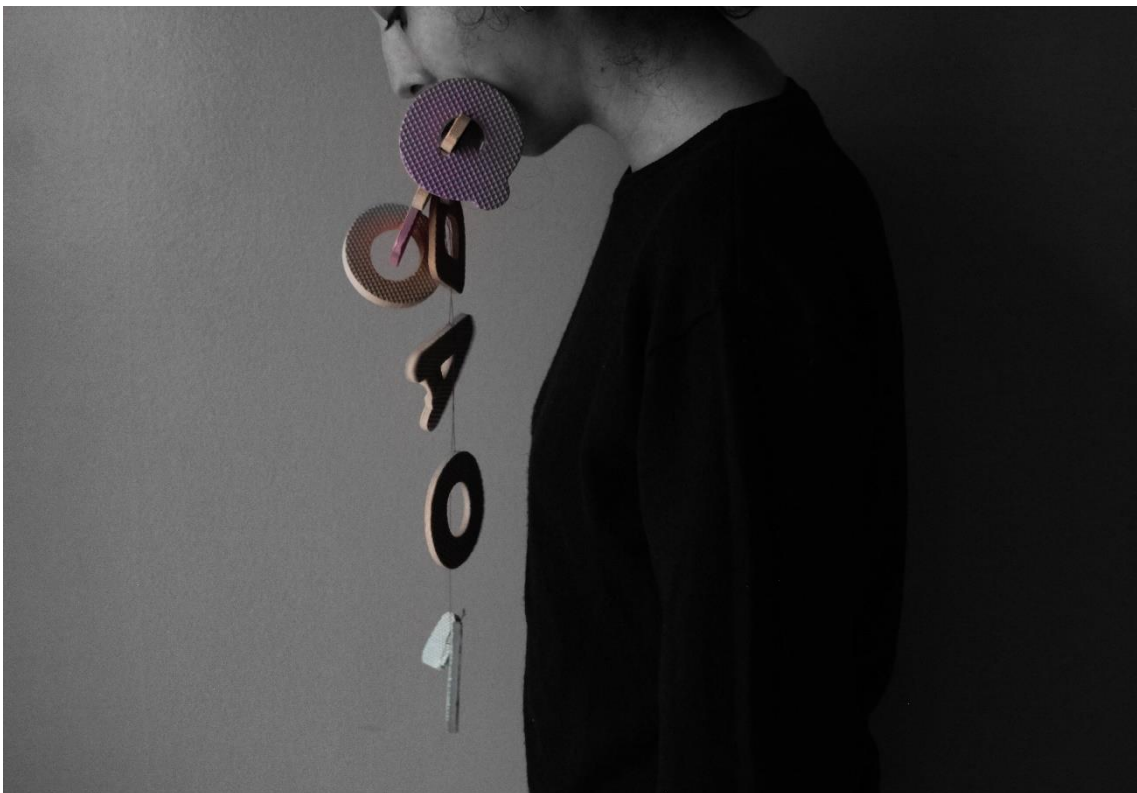


Cenário 12 – A posse da palavra, da imagem e do som.

Reconquistar a Palavra, a Imagem e o Som. A palavra precisa ser conjugada com a memória – o arcabouço da vida que nos forma – com a imagem vista e imaginada através dos cenários que constituem nossa subjetividade, com o som das vozes que compartilham lugares de pertencimento, com o gosto do que nos alimenta a vontade, com a sensação do corpo que treme e nos faz continuar insistindo em novos sistemas-mundo para existirmos, no corpo que se faz linguagem – signos e significações geopolíticas... com o conhecimento que temos de nós mesmas, dos nossos e das nossas, do mundo que nos foi apresentado e que passamos a enxergá-lo, percebê-lo, significá-lo e reconstruí-lo na tentativa de lançar aqui e ali novas e velhas palavras, desejando um horizonte possível e palpável, tencionando o perigo de uma história única (ADICHIE, 2019).



Cenário 13 – Letras dando nós na garganta.



Cenário 14 – Começando a desatar os nós das letras.



Cenário 15 – Tomando posse da palavra, da imagem e do som.

Essa não é uma escrita-pesquisa de pontos finais, de conclusões e fechamentos. Essa é uma escrita-pesquisa-processo, uma trilha imagética de palavra que ousa sussurros e gritos nos olhos de quem lê e nos ouvidos de quem imagina a voz que escreve. Um ensaio aberto de uma dissertação dramatúrgica na qual a personagem, uma Catadora de Palavras, é feita de palavras escritas por letras-vozes de muita gente – um alfabeto do corpo, que ao juntar letra por letra conta-se uma comunidade. Um ensaio-manifesto a qual te convido para escutar e também dar continuidade – além das folhas e da universidade. Uma instalação feita de chaves narrativas, experiências estéticas, onde a palavra verbo-voco-visual (escrita, voz e imagem) propõe uma reflexão entre nosso retrato e o retrato da sociedade. Uma exposição, galerias de coragem – onde a rasura é bem-vinda e o rasgo o próprio desejo. Instalação do objeto da transformação – da busca e da ânsia por justiça e mudança – gesto artístico indispensável; arte ética feita na moral estética.

Dessa forma não encare as imagens (fotografia, desenho, traço e etc) expostas nesse percurso como ilustrações de um texto grafado. Essas imagens, as quais chamo de cenário – local onde a história se passa, são narrativas – aparições visuais de experiências corporais de memória coletiva, seja ligada ao real ou ao imaginário. Fazem parte de um tempo anacrônico – memória de memórias, cenários de arquivos declaradamente vivos (SAMAIN, 2012). Cada imagem conta uma história em diversos níveis, emitindo pistas ou indícios até tentarmos pensar o que exatamente significa e nesse sentido capturar seus sentidos e significados faz parte do processo de percepção e aproximação com a imagem, com a vivência historicizada da experiência.

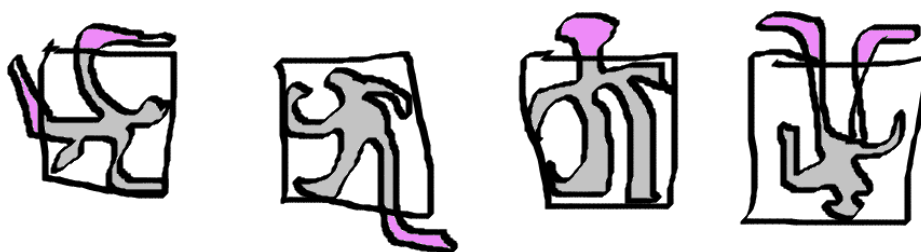
A polissemia da mensagem visual envolve ramificações de associações, uma multiplicidade de símbolos e interpretações e possui como variável, um repertório cultural construído em meio às relações sociais e históricas, implicando também pela ótica de quem percebe. É necessário, pois, abrir a imagem, desdobrar a imagem, inquietar-se diante de cada imagem (DIDI-HUBERMAN, 2010). Furar e romper a superfície (SAMAIN, 2012).

A imagem nos olha desde outro tempo, antes mesmo de capturá-la – não para prendê-la/congelar no tempo, pelo contrário, libertá-la enquanto registro

vivo de um pensamento/reflexão que se constitui de percepção. Acionando a nossa memória cultural, a nossa sensibilidade em tensão dialética com o contexto social, político, econômico e cultural que cada cenário apresenta e nos insere.

O verbal escrito instaurou-se como ordem epistemológica e fizemos tanto da fala quanto da escrita as crenças (para não falar em dogmas) e as alavancas de nossas faculdades de apreensão e intelecção. Não é somente possível como necessário livrar-se dessa epistemologia, que ignora, enquadra e reduz a indizibilidade e a riqueza polissêmica do sensorial humano. (SAMAIN, 2012, p.17).

Preciso escrever nos moldes da academia ao mesmo tempo em que a questiono, pois, o mesmo sistema em que adentramos e lutamos para permanecer nos adoce. É como uma coreografia do encaixe: tentamos entender os passos, como executá-los, romper com o ritmo estabelecido, improvisar, sair do eixo, voltar e continuar.



Cenário 16 – Coreografia do encaixe.

Tentar caber sem se moldar. Transformar as estruturas retomando qualquer instrumento negado ou privilegiado, como a própria escrita, em ferramenta de transformação social; em ferramenta de transformação. Produzir vida-memória no arcabouço dos seus repertórios eurocêtricos de dominação.

Como afirma Butler (2021, p.17) “a linguagem sustenta o corpo não por trazê-lo à existência ou por alimentá-lo de maneira literal; ao contrário, é por ser

interpelada nos termos da linguagem que certa existência social do corpo se torna possível.”. Deve-se evocar as realidades pessoais e sociais — não através da retórica, mas com sangue, pus e suor (ANZALDÚA, 2021). Portanto, escrever é um modo de viver; fazer da folha um espaço de escuta e diálogo, a qual cada letra vem carregada de referencial e também de perspectiva. A escrita também é lugar de poder.



Cenário 17 – Poder tem palavra.



Cenário 18 – Escrita no peito.

“[...] sua experiência como mestra e guia, como meio para mapear novas jornadas teóricas.”, hooks (2013, p.103) ao dizer que a experiência é como mestra e guia, afirma que ao usarmos a teoria para elaborar a dor em suas dimensões individual e coletiva, ela também cumpre um papel curativo, libertador e revolucionário (hooks, 2013, p. 88). Como diz Collins (2022, p.26) “experiências dão motivo para as pessoas se disporem a enfrentar a difícil tarefa de teorizar”, portando, pensar e agir não são esforços separados, mas sim relacionados. Sendo a experiência e a ação social – formas constituintes de fundamentar a teorização no âmbito das relações de poder, não como reação ao poder, mas como ação social em resposta às relações de poder (COLLINS, 2022).

Acreditando nesse papel e na contribuição da pesquisa acadêmica engajada com a sociedade insisto na reflexão sobre a realidade através da minha experiência enquanto professora, pesquisadora e artista, para pensar saídas para vida, compreendendo meus espaços de atuação no âmbito individual-coletivo e profissional na feitura da realidade a qual estou inserida, que ora podem se apresentar em espaços de atuações diferentes (educação e arte), porém, as

percebo fazendo parte de um mesmo locús na construção da elaboração de um novo sistema-mundo. Dissociando esses marcadores de ideias e interesses individuais, os analiso por uma constituição subjetiva da experiência de vida, como reflexão crítica metodológica (COLLINS, 2022) da realidade social a qual estou inserida na coletividade, que constitui o mundo social.

Assim como não se separa atuações de papéis sociais as quais eticamente desempenhamos, nos encontramos e nos relacionamos em sociedade, para Mário Theodoro (2022) essa mesma sociedade da qual falo – brasileira – é profundamente estruturada por interconexões de racismo e branquitude em sua formação desigual. Sendo a raça um fator importante na determinação da posição social de uma pessoa no Brasil e a discriminação racial, estrutural e sistemática, uma das principais causas da desigualdade social no país. Theodoro (2022) enfatiza que a raça e a classe não podem ser analisadas separadamente, e que a interconexão entre essas categorias é fundamental para entender a desigualdade social no Brasil, sendo essa uma constante na vida de toda/o periférico/a brasileiro/a de forma semelhante, ao mesmo tempo em que não, mas que se faz necessária na luta de toda e qualquer opressão.

Angela Davis (2016) nesse diálogo, acrescenta a interconexão do gênero argumentando que essas categorias são interdependentes e inseparáveis, sendo as opressões baseadas em gênero, raça e classe interconectadas, reforçando umas às outras, criando uma estrutura complexa de desigualdade. Para Davis, a luta contra a opressão deve ser feita de forma interseccional, levando em conta as múltiplas dimensões da opressão e a interconexão entre elas. Necessitando de uma compreensão interseccional da opressão e da luta pela igualdade.

Portanto, como metodologia de análise social e teoria social crítica em construção, a interseccionalidade não é uma teoria da identidade, entendendo o conceito de identidade como “um processo de posicionalidade em constante mudança” (COLLINS, 2022, p.59), nunca concluído de devir – um processo que envolve a variação de identificações em vez de um estado de ser singular, completo, terminado. Não se trata de utilizar as categorias “raça” significando pessoas negras, “gênero” significando mulheres e “classe” significando pessoas pobres, como se esses conceitos, tendo suas próprias tradições históricas de produção intelectual e ativismo feito pelas comunidades interpretativas que se desenvolveram em torno de cada uma delas confinassem seus significados

apenas a pessoas subordinadas. É possível e é preciso, estudá-las enquanto privilégios e estruturas sociais, com o objetivo de alinhar as relações de poder que as constituem, e que se equivalem, descortinando com base nas análises estruturais o racismo, o capitalismo e o patriarcado.

Utilizarei o conceito e o significado de *raça* não como um termo fixo, estático, e sim, inevitavelmente atrelado às circunstâncias históricas em que é utilizado (ALMEIDA, 2020). Inclusive, a noção de *raça* como referência a distintas categorias de seres humanos é um fenômeno da modernidade que remonta aos meados do século XVI com a expansão econômica mercantilista (MBEMBE, 2014) e do colonialismo como violência em estado bruto (FANON, 2022). Transformando o europeu no homem universal (atentar ao gênero aqui é importante) e todos os povos e culturas não condizentes com os sistemas culturais europeus – branco, cisgênero, heterossexual, cristão, proprietário, sem deficiência, tudo no masculino – eram/são variações menos evoluídas. Portanto, “Por trás da *raça* sempre há contingência, conflito, poder e decisão, de tal sorte que se trata de um conceito relacional e histórico” (ALMEIDA, 2020, p.24). Para Silvio Almeida (2020) a história da *raça* ou das *raças* é a história da constituição política e econômica das sociedades contemporâneas.

De acordo com Silvio Almeida (2020) o *racismo*

é uma forma sistemática de discriminação que tem a *raça* como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo social racial ao qual pertençam. (ALMEIDA, 2020, p.32)

Partindo do princípio da relação e do contexto social em que entendemos o conceito de *raça*, traço uma interrelação com o conceito de *gênero* como construção teórica e ideológica (OYĚWÙMÍ, 2021). A qual no discurso ocidental do colonizador a categoria biológica dicotômica é então usada como base para a construção de hierarquias sociais. Sendo o corpo usado como uma chave para situar as pessoas no sistema social ocidental, na medida em que a posse ou a ausência de certas partes do corpo inscreve diferentes privilégios e desvantagens sociais. O gênero masculino é o gênero privilegiado, sendo o *patriarcado* “uma instituição masculina em todos os seus aspectos: sua ideologia “masculina”, sua organização e processos militares, seus rituais de poder e hierarquia, suas fortes

fronteiras entre os sexos” (OYĚWÙMÍ, 2021, p.189).

Classe como descreve bell hooks (2020) é muito mais do que a definição de Marx para o relacionamento com os meios de produção. A classe envolve seu comportamento, seus pressupostos básicos, como você é ensinada/o a se comportar, o que você espera de si e dos outros, seu conceito de futuro, como você entende os problemas e os soluciona, como você pensa, sente, age. Interseccionado novamente diante do contexto histórico brasileiro em sua formação colonial, evidencia-se um país que possibilitou o acúmulo de riquezas para alguns/as e deixou deliberadamente amplas maiorias de fora, numa modernização excludente. Sendo o racismo “elemento organizador” da desigualdade no Brasil (THEODORO, 2022). Para Silvio Almeida (2020) o *capitalismo* implica uma transformação da individualidade humana que se estende desde a educação da força de trabalho até a formação de uma ideologia dominante suscetível de ser adotada pelos próprios dominados, e que não existe “consciência de classe” sem consciência do problema racial, “historicamente, o racismo foi e ainda é um fator de divisão não apenas entre as classes, mas também no interior das classes” (ALMEIDA, 2020, p.187).

Conhecimento corporificado.



Cenário 19 – Perco a escuta ao escrever?



Cenário 20 – Perco o tato ao escrever?

As elites não são as únicas que teorizam, muitas pessoas de cotidianos diversos oferecem explicações contundentes de seus mundos sociais. Me interessa pensar de que maneira significativa minha comunidade, através de seus modos e significações de vida, especificamente, através da linguagem e da palavra verbo-voco-visual buscam fazer análise dessas violências estruturais acerca do colonialismo, patriarcado, racismo, nacionalismo e do capitalismo neoliberal. O constructo de comunidade aqui entende-se como forma de identidade e ação coletiva (COLLINS, 2022). Isto posto, como eu atravessada por todas essas subjetividades, sendo parte dessa comunidade e também sujeita dela produzo/crio/recrio a partir de suas próprias epistemologias no mundo.



Cenário 21 – Palavra-Escuta.



Cenário 22 – Palavra-Tato.

Toda pesquisa parte de uma escolha epistemológica, “uma teoria do conhecimento” que delinea um conjunto de pressupostos sobre o mundo social e sobre quem pode ser sujeito do conhecimento e o que pode ser conhecido (HARDING, 1998, p. 13). O que não podemos esquecer é que toda escolha imbrica em um posicionamento perante a realidade, no seu contexto sociocultural e no percurso que queremos elaborar e construir.

A epistemologia precisa considerar a relevância do sujeito, da observadora e do observador dentro dos processos científicos, levando em consideração a forma como a realidade social de cada uma e cada um reflete em suas produções científicas. Para Haraway (1995) isso só é possível a partir de uma objetividade corporificada, na qual a pesquisadora e o pesquisador devem estar presentes no processo científico, reafirmando que todo conhecimento é, também, um autoconhecimento, um processo de emancipação individual e coletivo como afirma bell hooks (2013).



Cenário 23 – Da onde eu olho?

Sandra Harding (1998) indica que todos “os pressupostos de classe, raça, cultura, e gênero, as crenças e os comportamentos da própria pesquisadora e pesquisador devem ser colocados dentro da moldura do quadro que pretende descrever”, pois, desta forma, aparece “não como uma voz de autoridade invisível ou anônima, mas como um indivíduo real, histórico, com desejos e interesses concretos” (HARDING, 1998, p. 25). Tensionando a parcialidade, admitindo seu posicionamento no sistema-mundo, desorganizando a lógica dominante de um poder-saber patriarcal (objetividade e neutralidade; separação entre sujeito e objeto).



Cenário 24 – Pra onde eu aponto?

Para Collins (2022), teorias sociais justificam ou contestam as ordens sociais vigentes, enquanto teoria social crítica tanto explica quanto critica desigualdades sociais vigentes com o olhar voltado para a criação de possibilidades de mudança, ou seja, visam “reformular o que está posto com a esperança de transformá-lo em algo diferente” (COLLINS, 2022, p.17), pondo em foco o mundo social e nos colocando como sujeitos/as da mudança social ou em sua reprodução, incluindo mudanças em nossas próprias práxis – entender e transformar o mundo social um objeto primário de investigação.

A interseccionalidade, portanto, é uma investigação crítica porque constitui blocos de construção para o conteúdo da interseccionalidade como teoria social crítica, e processos de teorização crítica usada em seu desenvolvimento caracteriza sua metodologia e práxis. Por consequência, as seguintes páginas-galerias desse processo de escrita organiza-se da seguinte forma: *Por que escrever é tão difícil? Por que escrevo?* Questões iniciais para pensar-sentir a escrita, o poder e a linguagem. *Primeira Parte – Carta como Epistemologia.* Forma de um pensamento-corpo, do discurso ficcional, filosófico, crítico, narrativo, poético e íntimo como formas equivalentes de experiência na construção da pesquisa científica-artística. *Segunda Parte – Cavar, Percurso e*

Corpo. O tremor faz-se um conceito analítico de percepção guia entre os sentidos da visão e suas marcas de poder através do tempo espiralado. Abrem-se as fabulações e teorizações de uma personagem chamada Catadora de Palavras. *Terceira Parte – Reencontrando uma nova rota para o sentido da visão*. As marcas de poder são analisadas através de blocos interseccionalizados. A Catadora de Palavras no gesto da escavação encontra um espelho e observa seu próprio reflexo. Uma nova personagem surge: um bicho. *Quarta Parte – Vozes geopolíticas do conhecimento*. *Corpos-corpis* que fizeram a Catadora de Palavras: vivência, teoria e projeto. Vivência, enquanto compreensão de modos de vida, leitura do mundo e construção de um projeto de sociedade. Produzindo efeitos de deslocamento do cânone e seus modos de legitimidade: da artista pesquisadora.

“[...] a todas as pessoas que não tiveram sequer uma chance real de ter uma vida digna; que não puderam ser cidadãos, pois lhes impediram de ter direitos, mas lhes foram cobrados deveres. Àqueles/as que foram maltratados/as/es física e psicologicamente pela nossa “bem informada polícia brasileira”; àqueles/as que não foram alfabetizados/as/es e, portanto, não poderão ler esta obra; àqueles/as que, num momento de dor; se deram conta de que estão sozinhos/as e de que o Estado é bem pago, mas não cumpre suas obrigações; Àqueles/as que padeceram num leito de hospital por não terem dinheiro suficiente para serem tratados/as/es como seres humanos; àqueles/as que foram baleados/as/es e esfaqueados/as/es pelos próprios manos/as de pobreza; àqueles/as que sucumbiram à vontade de ter algo melhor, pois estavam cansados/as/es de viver na monotonia, e resolveram assim ter aquilo que a mídia clicou em suas mentes desde pequenos/as/es. Embora minha profissão para essas pessoas não tenha o menor sentido, isto aqui é também dedicado a elas.”

Ferréz, Capão Pecado (2020).

“Poesia para mim é quando ela desce do pedestal e beija os pés da comunidade [...] a gente não escreve para a periferia, a gente escreve com a periferia.”

Sérgio Vaz.

Respira.

Por que escrever é tão difícil?

Por que escrevo?

Quais são as palavras que você ainda não tem? O que você precisa dizer? Quais são as tiranias que você engole dia após dia e tenta tomar para si, até adoecer e morrer por causa delas, ainda em silêncio?
Audre Lorde, 2020.



Cenário 25 – Palavra Grito.

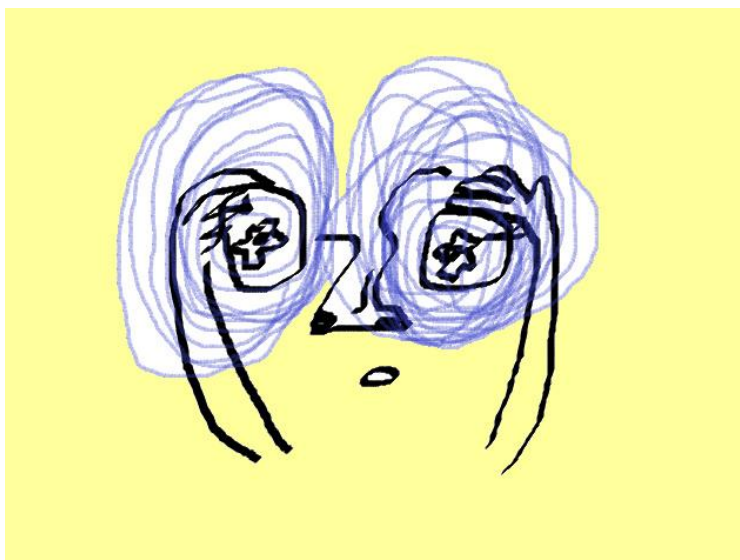
Fotografias perdidas, achadas e imaginadas, coladas na parede em segundo plano¹. No primeiro plano meu computador – página em branco do documento em *word*.

¹ Essa expressão está ligada às linguagens narrativas do cinema e da fotografia, e é usado para definir os limites do enquadramento. Enquadramento abrange a ideia de profundidade e contextualização dos elementos em relação ao plano de fundo. Além disso, cada um dos planos tem conotações que ajudam a atribuir um certo significado à imagem e à cena. Plano determina, portanto, o tamanho dos personagens e objetos apresentados em cada quadro, assim como qual parte deles veremos. A escolha do plano contribui para o que podemos saber de um tema numa certa cena e também pode exercer um efeito poderoso em nossas camadas emocionais.



Cenário 26 – Antes da escrita.

Meus olhos focam no segundo plano como se fossem uma máquina fotográfica analógica, sou eu ajustando manualmente o foco com minha percepção. O zoom me faz voltar para dentro do meu corpo, em um tempo que se repete, sem começo, meio ou fim. Onde a memória faz de tudo vivo, de tudo presença – inclusive a palavra. A memória é capaz disso: não cair no esquecimento.



Cenário 27 – Ajustando o foco da percepção.

Observo meu corpo, meu coração repousa nas imagens, pulsa com o batimento de vida que aquele papel fotográfico carrega. Não é só um papel fotográfico, são corpos-telas vivos. Estão vivos quando os observo, me dão pistas de quem são, de quem eram. Do pouco que foi documentado, registrado, dito, inventado, passado, fofocado, é de rastros que tentamos ressuscitar os/as/es que foram enterrados/as/es vivos/as/es, ou, os/as/es que estão vivos/as/es e são dados/as/es como mortos/as/es.

Encontro dentro do meu corpo uma galeria interna, com todas essas fotos fixadas e expostas, as que resgatei e as imaginadas – que criei lá dentro para preencher espaços vazios. Tentam até passar por cima do que foi exposto. Do lado de fora é preciso criar para também preenchê-los. Não os deixar tomar de conta dos espaços – onde só uma imagem-fixa predomina. Dar lugar ao que falta, ao escondido que encontramos, que sempre esteve diante de nós, porém invisibilizado com um manto que diz: “você não poderão dizer quem são”.



Cenário 28 – Imagens sobrepostas, de gente e lugar.

Algo permanecerá apenas com o rastro do que já foi, com o rastro do que volta a ser, com o rastro do que ainda não consigo perceber. Com a marca, a sombra do que foi levado à força. É por isso que é preciso criar, inventar para reconstruir, não só o que me falta, mas o que nos falta.

Olho para o primeiro plano. Meu computador com a folha do documento *word*, antes em branco, agora encontra-se com algumas linhas em forma de palavra, imagem e muitas vozes que saltam de mim – várias bocas enroladas na minha garganta gritam.

É preciso uma letra para começar a chamar as outras. Uma letra é capaz de convocar escuta, espaço, passagem. Por isso chamo uma letra!



Cenário 29 – Chamando letras.

Sigo em direção às palavras que vão se encontrando. Palavras que se encontram em outras palavras que escutei e que me abriram caminhos. Palavras que no encontro delas tornam-se mais fortes para continuar a contar-se. A palavra fora de ordem, da ordem que deram, em deslocamento no mundo, deslocada, entre mundos, buscando seu lugar ou sua volta, num tempo que é outro e se abre.

Existe um tempo-corpo para que as letras comecem a sair pelos poros, pela pele, pelas frestas do corpo; um tempo não nomeável, não mensurado; um tempo próprio de se organizar as letras para se tornar palavras; um tempo próprio de se organizar as palavras para se tornar narrativa; um tempo próprio. Tempo-corpo.



Cenário 30 – Palavra Fresta.

Que a palavra seja companheira do tempo, uma flecha, uma fenda onde se possa nascer de novo. Se fazer nascer. Continuar a vida dos mortos que nunca morreram ao serem lembrados.



Cenário 31 – Escrita.

Por que escrever é tão difícil? Cada letra que meus dedos afundam nas teclas é um gesto de coragem. Eu gostaria de ter as estruturas dos dedos brancos de filósofos, teóricos e literários – a “ousadia” de escrever confiante, de quem “sabe que sabe”, de quem diz e te escutam, de quem escreve e te leem. De quem escreve “difícil” sem se preocupar com o que vão entender, porque sabem que farão um esforço para entender, ou simplesmente não, mas fingirão que entenderam e continuarão citando-os.

É difícil como Audre Lorde (2020) diz por que se dá na transformação do silêncio em linguagem e em ação, um ato de revelação individual, algo que parece estar sempre carregado de perigo, já que é território de disputa e espaço de poder. Porém, de uma forma ou de outra, compartilhamos um compromisso com a linguagem, com o poder da linguagem e com o ato de ressignificar essa linguagem que foi criada para operar contra nós. Cada letra nessa transformação é vital nesse processo.

Nas linhas complexas da resistência e da aceitação, da recusa e da capitulação, que transformam o campo da cultura em uma espécie de

campo de batalha permanente, onde vão se obtém vitória definitiva, mas onde há sempre posições estratégicas a serem conquistadas ou perdidas (HALL, 2003, p.255).



Cenário 32 – Dedos sangrando nas letras.

O que me é mais importante deve ser dito, verbalizado e compartilhado, mesmo que eu corra o risco de ser magoada ou incompreendida (LORDE, 2020). Podemos fazer um grande esforço para fundar uma verdadeira linha de frente de resistência às mortes que esperam que tenhamos, simplesmente para que essa linha de frente seja atacada ou ameaçada pelas farsas que fomos socializadas para temer, ou pela batida em retirada das aprovações que fomos orientadas a buscar por segurança. De um jeito ou de outro, a máquina vai tentar nos reduzir a pó, quer falemos, quer não. Podemos ficar eternamente caladas pelos cantos enquanto somos diminuídas. Podemos ficar caladas a salvo nos nossos cantos, de bico fechado, e ainda assim nosso medo não será menor (LORDE, 2020).

Desde a primeira palavra lançada, o lápis ainda não firmou na mão trêmula, o medo não cessou, mas escrevo. Minhas palavras são meu corpo, os

verbos são minhas mãos. Objeto é o objeto de desejo (BOAL, 2009). Desejo de enunciação: o dito concreto, falado, lido ou ouvido... de letras que são corpos.

Dentro das bocas existem palavras banhadas de sangue:

Saqueadas,

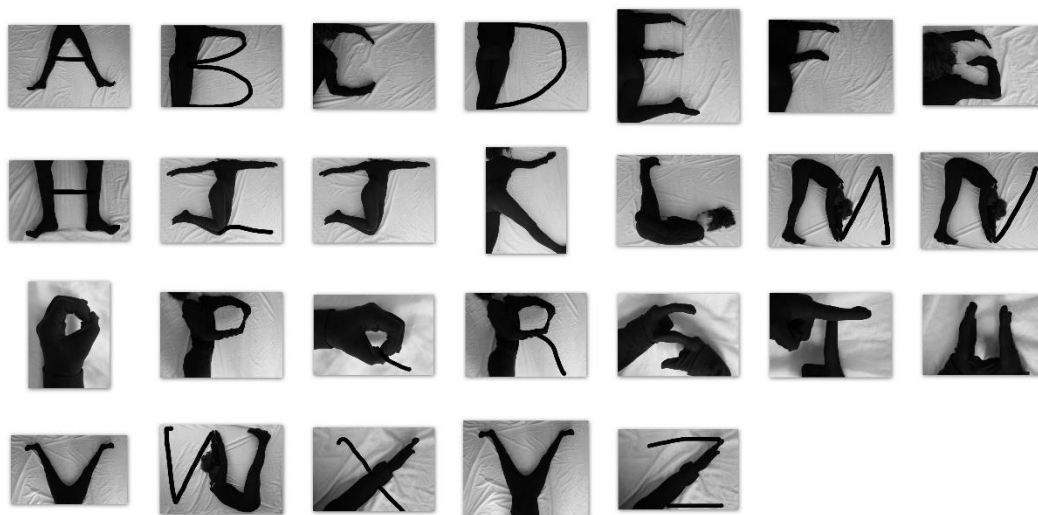
Mastigadas,

Escondidas entre os caninos.

Nesse banquete de corpos-palavras-corpus,

*Como posso desenhar as minhas
antes mesmo que as apaguem.*

É preciso dar novos sentidos às palavras, à escrita. Sentidos são sociais e políticos, e compartilhem tudo que envolva o pensamento e a ética (BOAL, 2009). A palavra transporta corpos, nós mesmas/os/es. Somos corpos transformados em sons e traços. Um alfabeto de vozes audíveis, visíveis e corporais. Façamos escritas de nós.



Cenário 33 – Alfabeto do corpo.

Primeira Parte – Carta como Epistemologia.

Através da poesia que damos nome àquelas ideias que – antes do poema – não têm nome nem forma, que estão para nascer, mas já são sentidas. Essa destilação da experiência da qual brota a verdadeira poesia faz nascer o pensamento, tal como o sonho faz nascer o conceito, tal como a sensação faz nascer a ideia, tal como o conhecimento faz nascer (antecede) a compreensão.

Audre Lorde, 2020.

Você estava certo em quase tudo, mas eu não gosto de admitir isso, porque sei o quanto infla o peito e o quanto meus desejos “deram errado”. Se eu tivesse te escutado talvez estaria “bem melhor”, ou então, não seria o que sou e me tornei / estou sendo e me tornando. Será que eu gostaria dessa minha outra versão? Eu gosto de mim, do que venho sendo, do que venho me tornando. E olha, que nunca foi fácil, e continua não sendo. Inclusive quando penso em você. Até hoje não consigo me defender como gostaria. Rugir com mais força onde deveria. Tenho buscado outras estratégias de defesa, se preservar é uma delas. O que me faz forte é que têm nós / vocês em tudo que sou. Olha que contraditório. Vocês me fizeram, me fazem. Será que eu também os faço? Eu acho que sim, a partir do momento em que vim, em que cheguei, outras letras teceram e tecem nossa escrita, nossa história. Tipo um novo capítulo, uma fresta que se abre, ou então um novo parágrafo das mesmas letras que vinham sendo desenhadas com uma nova caligrafia. Foi quando Ravi chegou, assim, de repente, nos pegando de surpresa... percebi que quando um chega na história de nós as coisas se transformam, as letras se embaralham e depois voltam a se desenrolar, tecendo novo vínculo no velho e velho vínculo no novo. É como se a gente tivesse diante de uma nova oportunidade, de traçar novas rotas. Transformar velhas relações nas novas. Mostrar todos os passos dados, sentir o solo dos passos firmes no hoje e sonhar com os passos-sonhos do amanhã, que é logo ali. Por que você deixou de fazer isso? Deixou de acreditar. Me viu como inimiga, por adentrar certos espaços que nunca adentramos... minha jóia ficou feliz, disse para eu continuar. Já você disse que eu não fazia mais parte de vocês. É como se eu estivesse no entre, não me sinto pertencente lá e dizem que aqui não pertenço. Mesmo doendo faço um esforço para te compreender,

sei que existe um sentimento de inferioridade que colocaram e colocam todos os dias em nós. Alguns metem o pé e vão, conquistam, levando outras e outros consigo. Não para deixar de ser/pertencer, muito pelo contrário, mostrar que nossos saberes são nossos próprios modos de ver a vida, e é através das nossas significações que também queremos construí-la. Eu acredito nisso, estou indo por nós, não é um desejo de querer tornar-se aquela outra que sempre combatemos – a burguesia. Gostaria que entendesse isso, o que eu faço. Às vezes dói tanto... como agora, nesse momento em que sinto o peso de olhar para o mundo e perceber o quão difícil é romper com algumas lógicas, se é que serão rompidas..., mas só pela tentativa, continuo. A tentativa diária, daquele velho dizer da vó Deuzinha “matar um leão por dia”, é que são vários leões e eles continuam rugindo na sua cara, dizendo que são deles aqueles espaços, e até quem tá do seu lado aprendeu a viver assim: disputando, machucando, ostentando, passando por cima e não se importando. Tornando-se o outro com seus modos operante, longe de modificar as estruturas. Parece que dou minha vida, todas minhas tripas, e mesmo assim algo falta. Será que deveria aprender a viver assim? Você me disse que diante de qualquer escolha eu perderia algo, o que estou disposta a perder nisso que dão como uma corrida? E se é uma corrida, por que não existe fim? Não adianta, ninguém liga. Na corrida ninguém se enxerga. Na primeira oportunidade vem a rasteira, e se você cair, o próprio sistema te dá como inválida. Descartável. Um tanto de coisa acontece ao mesmo tempo, tudo é atropelado. O fazer, o sentir e até mesmo a pausa. Se isso é vida, por que o coração grita? Como se não houvesse o amanhã garantido ou garantindo o amanhã sem ter o hoje. Disputa. Corre. Corre. Corre, correria. Qual sua quilometragem percorrida? Passou das estatísticas? Os privilégios garantem sinais abertos. Os silenciamentos disputam pela fala. Mutilar aos poucos constrói guerreiras. Carregar toneladas nomeia fortes. Encostar a cabeça e assinar sua sentença de culpada. Não mostrar as medalhas e o medo de cair no esquecimento. Não mostrar os troféus e a concorrência não se sentir intimidada. Se isso é vida, por que o coração grita? Estou cansada, lembro da primeira vez que senti revolta. Senti uma coisa rasgando meu peito de dentro para fora, passei a chamar de parto no peito. Sinto que fui parindo aos poucos, com o peito se dilatando. Foi onde eu e o teatro nos encontramos. Eu jamais faria teatro, até porque como fazer algo sem conhecer? Sem saber o que é?! Eu não conhecia

teatro, ou o que chamam de arte por aí. Conhecia circo, aqueles que paravam no campão de terra no final da rua ali do setor “O”, que se montavam durante uma semana e iam embora na outra. E mesmo assim não íamos, porque não achávamos que era para a gente. Eu era super tímida, não que tenha deixado de ser, só em casa mesmo fazia aquele bando de marmota (como você dizia). Mas foi com o teatro que entendi um meio de se abrir o peito, um meio de se parir revoltas. Eu entendo seus questionamentos... nem eu e nem mesmo você, sabíamos o que poderia ser. Não tivemos a possibilidade de imaginar, pois não fazia parte da nossa realidade, o que ainda hoje não faz. Quando vou ao teatro ainda percebo as mesmas pessoas da classe média e da classe média artística consumindo cultura e fazendo cultura. Quando trabalhei no único teatro perto de casa na Ceilândia, as pessoas ainda não acreditavam que aquele espaço era delas. Vinha gente do Plano, pouquíssimos, e não vinha gente da Ceilândia... até que um dia uma senhora me perguntou se podia entrar lá e eu disse: isso aqui é seu! Ela passou a ir toda semana. Por que você nunca foi assistir meu trabalho? A vó disse que você não se sente bem nesses espaços. Quer conversar sobre? Eu também me sentia assim, e por vezes ainda me sinto, mas aprendi que a gente também pode fazer esses espaços serem nossos. Não como uma disputa, como são suas lógicas, mas dando nossa cara, mostrando o que importa para nós. Isso tudo que continuo insistindo é muito importante para mim, e sei que também é no coletivo, por tudo o que acredito. Espero que me leia para entender, da mesma forma que tento te compreender e que de fato acabo compreendo, porque também sinto do que sente, mas passei a encarar de outra forma, dando outras formas... tudo começou com uma amiga me apresentando ao teatro através de um projeto social, chegando lá não sei o que aconteceu comigo, só sei que aquele algo se rompeu no peito. Pela primeira vez aquela bolsa de palavras gritadas que antes estavam presas, se embaralhando e dando nó na garganta, trancafiadas em folhas e guardadas nas minhas gavetas ganharam voz e corpo. Me colocaram para falar qualquer coisa e eu falei. Falei coisas que só escrevia naqueles papéis, nas fanzines das gig's punks da família, palavras que escutava daqueles/as que estavam por perto, das músicas que fazíamos e escutávamos. Falei de nós, de mim. Abri as prisões, as jaulas, pois os silenciamentos e a aceitação corrói. Palavras-feras puderam sair e encontrar espaço, fazer casa, levar casa e encontrar ouvidos, nos encontrar e encontrar

mais gente; encontrar corpos que também tinham palavras-feras no peito. A arte, pra mim, sempre teve um pouco de revolta. Meio pela qual o peito pudesse parir revolta. Uma coisa tinha a ver com a outra (arte e revolta), caminharam e caminham lado a lado. Tudo começou com as palavras, minha primeira expressão, onde aprendi a ser, dar vazão ao ser, ao existir e tudo que a existência compõe. O que escutei de vocês, das músicas que me apresentaram, as palavras imagens de pessoas, vidas, cenários e lugares. O teatro, naquele projeto social, me mostrou que palavra era corpo, imagem e voz a partir do momento em que eu era a própria folha, a própria linguagem. Onde a palavra se desenhava em mim, no meu gesto, na minha voz. A coragem tomou lugar da timidez, era isso que eu queria. Foi assim que aprendi a viver. Feita de coragem, ou tentando fabricá-la para continuar. Agradeço a vó por sempre me mostrar que os estudos seriam o caminho para os sonhos impossíveis se tornarem possíveis. Agradeço a ela por ter me “vigiado” enquanto ia para a escola, para ter certeza que não estava indo para um “caminho ruim”. Foi escutando minha vó, e querendo ajudar em casa que fui a primeira da família a ingressar na universidade, dar orgulho para vocês. Não foi nesses cursos que o povo quer, “que dá dinheiro” porque sempre fui sonhadora, destemida e revoltada. E aquele sentimento do projeto social de teatro ainda reverberava no meu corpo. Lá na universidade tudo era diferente, primeiro que achava que o mundo só ia até Taguatinga, segundo que era gente de todo tipo junto. Ao adentrar em Artes Cênicas percebi que poucos vinham da educação pública e que poucos moravam tão longe quanto eu. E que ainda muitos tinham tempo livre para ficar nas festas e nos gramados pós aula, e que poucos precisavam trabalhar e ir pegar o ônibus na rodoviária antes do último horário. Percebi que nas apresentações que fazíamos tinham familiares aplaudindo, era um luxo ter um artista na família, algo meio “cult”, programações nos fins de semana com seu próprio nome. Fui trilhando esse caminho de forma solitária, me identifiquei com alguns colegas que até hoje são meus amigos e minhas amigas. Me identifiquei também com os conteúdos que me foram apresentados de teatro político, mesmo com todos aqueles nomes estranhos, sentia no peito um caminho – Brecht, Piscator, Boal – por mais que não fossem tão aprofundados, passei por conta própria a pesquisá-los. Essas percepções me desanimavam muito, quis mudar de curso umas três vezes, até que entendi que meu caminho era o da

licenciatura – não como quebra galho e sim como base – uma ética-política a ser construída nas minhas relações e no meu fazer-mundo. Um novo desejo de um sonho coletivo a qual meu peito revolta também se encontrava: ser professora de teatro. Entendi que assim como todo o resto, aquilo deveria ter e ser o próprio propósito, o plano, a rota. A questão não era apenas o que acontece com a história quando se transforma em arte, mas o que acontece com a arte quando constrói a história. Não apenas denunciar, mas incidir no sistema, transformá-lo pelas vias éticas-estéticas-poéticas-políticas (leia e diga como se fosse apenas uma palavra, pois não se separam). “Que o que eu faça esteja mais ligado a uma certa artesanaria social, esteja mais ligado à feira do que ao shopping” disse Grace Passo. E assim como essas palavras não se separam, entendi que a educação não se separa do fazer-pensar artístico. Foi assim que cheguei na licenciatura, na educação – não como quebra galho (como costumam dizer) e sim como base – uma ética política a ser construída nas minhas e nas relações, no fazer-mundo, na criação, na poética. De que forma fazemos mundo, criamos, teorizamos? Com que ética? Meu bacharel tem como base a licenciatura. Para uma família que “não tem estudo” sou uma heroína, para um sistema como o nosso, enquanto trabalhadora e pesquisadora (ainda mais na área artística) não tenho nenhum valor. Cheguei a sonhar com o poder que eles já sonhavam quando eram pequenos, porque já viam nos pais, querer ser isso ou aquilo, o “topo” como dizem, o que o sistema valoriza – no carimbo das mesmas caras que vemos. Mas entendi que aquela não seria a minha luta, ainda coerente com meu coração, sigo escolhendo lutar nos espaços da arte e da educação. Entendi que muito antes de saber o que era arte por eles, na academia e no centro cultural da cidade (plano piloto) eu já tinha uma biblioteca feita de gente que havia me ensinado o que era na prática, na vivência de uma vida, através da experiência que me fez e continua me fazendo no meu fazer... Pai, foi você que me apresentou Racionais, Facção Central, Gog, Viela 17, DJ Jamaika. Raps nacionais e locais, isso porque sempre dava ênfase em quem era da Ceilândia. Foi o tio Márcio que me apresentou o Punk Rock nacional, sendo ele da primeira banda punk de Ceilândia, me levou para todos os shows na cidade junto com a tia Cristiane, me fez cantar em cima do palco com umas das primeiras bandas punks de mulheres do DF “caos clitoriano”. Foi meu avô que nos raros momentos sóbrio me contava histórias de personagens que ele mesmo inventava para falar

de uma sociedade injusta e desigual, que acabava se misturando na sua própria história de vida, na nossa. Foi minha avó que sempre me mostrou o quão era para a frente do seu tempo, não tendo escolaridade, mas sempre protestando e fazendo parte dos movimentos sociais do bairro. Nossa escola é a vida. Na escola e na universidade voltamos para ela. Hoje você é o único de nós que não bota mais fé, inclusive em mim. Por que? Esse discurso neoliberal não nos levará para nenhum lugar. Do que adianta ter um carro maneiro dividido enquanto for vivo, trezentas parcelas de um apartamento no bairro daqueles que estão se tornando classe média e não se sentir pertencente? O que eu faço, é diferente. Não esqueço de quem sou, vou mostrar quem somos e do quanto nossas significações movem sistemas-mundos. Faz tempo que eu não te vejo, você decidiu ficar sozinho e estou tentando respeitar essa decisão. Mas ando pensando... depois que parimos revolta, como fazemos? O que se torna depois que nasce? Depois que cresce e amadurece? Outra revolta começa a se dilatar no peito? Como se gesta e pari sonhos? Porque até mesmo para sonhar é necessário o básico... tipo uma cama. Quem fabrica cama para que possamos continuar sonhando? Você sempre me falou do básico e do quanto ele já era muito para nós, nossa luta diária. Acham engraçado quando eu falo que meu sonho quando criança era vender pipoca ou quebra-queixo, ter algum daqueles carrinhos. Tinha uma frase escrita quase em todos os lugares do instituto de arte da universidade, dizia "arte salva". Como ela salva? E como ela salva gente como a gente, pobre – de classe popular, de periferia? Os leões continuam batendo na porta todos os dias, às vezes de monte e até disfarçados. Quanto mais longe vou, mais fortes ficam. Até dentro de mim. O que eu faço, e insisto em continuar fazendo (mesmo com tudo se desmoronando, com todos os desmontes e o projeto de desesperança em curso), ainda não nos compra camas, pois o valor que damos, para outras pessoas não é o mesmo. Mas é algo tão poderoso que constrói e edifica outras bases que no agora dessas palavras não consigo desenhar, nem escrever, mas sei que escava vias alternas de outros caminhos possíveis, sempre desejosos de transformações da realidade social. Talvez seja dessa forma que a arte possa nos salvar, quando podemos participar da criação das significações da sociedade, de nós mesmos/as/es e conseqüentemente do coletivo, na incidência do sistema, no seu fazer-mundo. O que carrego já é algo para além do que conheci quando meu peito se abriu...

tem a ver com revolta, mas é diferente. Agora tem a ver com vontade, perseverança, prosperidade e escolha. Onde, como e qual luta lutar. Talvez seja a própria ação do sonho, como se pedaços-sonho estivessem me visitando/nos visitando quando percebo algo se transformando. Pedacos de cama aparecendo, corpos as reivindicando por inteiras, criando suas peças, possibilidades para sonhar. Fazendo dos espaços casa, lar, onde possamos nos encontrar... Encontro, não tão distante, um pouco mais próximo. Estamos fazendo com que a margem seja centro, deslocando seus limites, expandindo suas significações, suas vidas. Espero que um dia possamos escutar rap/rock juntos novamente e refletir sobre as letras, pensando qual trabalho de base podemos fazer. Hoje tem festival em Brazlândia, tio Márcio ta organizando, você poderia ir. Encontrei um desenho seu em um antigo vinil punk na casa da vó:



Cenário 34 – Revolta, desenho do meu pai.

O estudo do conhecimento, suas fontes e como ocorre sua aquisição: epistemologia – uma carta – a escrita-corpo-voz-imagem que emerge do agente propositivo sensível de valores éticos, estéticos, poéticos e políticos. Forma de um pensamento-corpo, do discurso ficcional, filosófico e crítico como formas equivalentes de experiência.

Um território em comum: periferia. Os costumes compartilhados, a percepção de situações comuns em determinado espaço geográfico e social. O pertencimento, pois é a partir de determinado lugar que teorizamos a respeito de nossas mais variadas inquietações (hooks, 2022). A construção da subjetividade pelo que me precede, o que veio antes de mim – o território e suas extensões. Periferia é uma condição objetiva que modula as formações subjetivas. Houve e há uma luta intensa para a afirmação dos desejos, dos afetos e dos sentimentos de subjetividades periféricas, cuja história de exploração e sofrimento psíquico necessitou e necessita de um tenso processo de cura (D'ANDREA, 2022); cura também pela teoria. Consciência teórica – produção de vivência e experiência, das quais o território e a subjetividade são resultantes. Compartilhar coletivamente para adquirir força e sentido, mesmo que de forma tão íntima – uma carta – ato de coragem.

Na medida em que aprendemos a suportar a intimidade da investigação e a florescer dentro dela, na medida em que aprendemos a usar o resultado dessa investigação para dar poder à nossa vida, os medos que dominam nossa existência e moldam nossos silêncios começam a perder seu controle sobre nós. (LORDE, 2020, p.45).

Nada se separa, se entrelaça e só faz sentido em conjunto. Vivência como compreensão de modos de vida, leitura de mundo; teoria que parta da vivência ao mesmo tempo em que explique quais são os arranjos estruturais que as produzem; e projeto com um melhor entendimento de quem somos, agora necessitamos saber para onde vamos.

Precisamos de um movimento de massa onde a classe seja a protagonista, composta por uma variedade de agentes dispostos à mudança e irmanados em um projeto comum anticapitalista, antipatriarcal e antirracista. Nessa tarefa serão necessárias mulheres e homens, negros e brancos, jovens e velhos, LGBTs e heterossexuais. Essas sujeitas e sujeitos periféricos, que fazem a história em condições não escolhidas, começarão pelas periferias

urbanas e tomarão todo o país, sendo as protagonistas do novo ciclo que se inicia. (D'ANDREA, 2022, p.264).

A carta narra como cheguei nos espaços a qual falo e me encontro: educação e arte. Conseqüentemente, na educação pública do ensino básico como professora de artes e na educação pública de ensino superior como discente sonhando em ser docente um dia. Lugares que acredito pelas motivações-desejos de transformação e emancipação social de uma sociedade extremamente desigual. Espaços disputados enquanto ferramentas de projetos de sociedade, portanto, difícil de permanecer – mas mesmo assim, insistimos. Nesse sentido narro o quanto não foi e continua não sendo fácil estar em um lugar chamado de *entre* – onde realidades opostas se mostram e se tensionam a todo instante. Por ser de uma família pobre e periférica brasileira, ao mesmo tempo em que adentro o espaço acadêmico de uma universidade pública, em um instituto de arte e na realidade cultural de Brasília do Plano Piloto (ambos espaços elitizados) – causando um sentimento de não pertencimento, na qual luto todos os dias para ter autoestima suficiente para conseguir ir adiante.

Algumas questões saltam pelas reflexões desses tensionamentos, me faço presente como voz que participa das dinâmicas sociais arraigadas nos processos de produção do conhecimento científico e artístico. Como a arte poderia “salvar” pessoas como nós? Nós, leia-se pobres, de classe popular e periféricas. Mais que “salvar”, como transformar o que é dominante em categorias políticas? Dialogicamente, me compreendo enquanto sujeita nos seus diversos sentidos e campos; compreendo também o coletivo, que não se separa do/a sujeito/a... entre suas farpas e amarras, potencialidades e modos de significações e produção de mundo.

Quando olhamos a vida ao modo europeu como apenas um problema a ser resolvido, confiamos exclusivamente em nossas ideias para nos libertar, pois elas, segundo nos disseram os patriarcas brancos, são o que temos de valioso. No entanto, quando entramos em contato com nossa ancestralidade, com a consciência não europeia de vida como situação a ser experimentada e com a qual se interage, aprendemos cada vez mais a apreciar nossos sentimentos e a respeitar essas fontes ocultas do nosso poder – é delas que surge o verdadeiro

conhecimento e, com ele, as atitudes duradouras. (LORDE, 2020, p.46).



Cenário 35 – Palavra Revolta.

Segunda Parte – Cavar, Percurso e Corpo.

Procurar incessantemente reconstruir novos caminhos, novas rotas para as palavras.

As estradas estão rachadas e não é de hoje. Passam-se asfaltos atemporais para maquiá-las. Maquiagem translúcida, em geral na cor branca. Acabamento transparente, para que o efeito seja duradouro, com o objetivo de suavizar o traçado das pegadas-marcas violentas nos rastros-corpos do tempo.

Vídeo de uma cena,
<https://www.youtube.com/watch?v=L0DVEHvTY0U>



Cenário 36 – A memória desafia a história.



Cenário 37 – A memória desafia a história II.



Cenário 38 – A memória desafia a história III.



Cenário 39 – A memória desafia a história IV.



Cenário 40 – A memória desafia a história V.

Essa é a história de uma catadora de palavras.

Catar palavras requer aprender a ler o mundo (FREIRE, 2021). Perceber a *palavra-mundo* (FREIRE, 1989), e não esquecer que toda palavra possui uma corporeidade – som, imagem, gesto, rastro – memória e história. Memória viva de algo que nos faz, nos escreve inscrevendo lá no fundo das nossas entranhas, de cada célula que nos faz, com uma forma-disforme de sentir. Expostas na galeria das significações da nossa vida. Onde antes de sermos lidas, de contarmos nossas histórias, as respiramos e pegamos o primeiro sopro de vida. Com esse sopro se faz o som – com o movimentar-se da língua (órgão muscular e oralidade). Não é à toa que palavra tem gosto e poder. Na fala da minha avó, Maria Deuzinha: “cuide bem das tuas palavras, para não amargar teu ser ou ferir outras pessoas”. Conceição Evaristo (2008, p.91) no livro *Poemas da recordação e outros movimentos* nos conta: “O que os livros escondem, as palavras ditas libertam. E não há quem ponha um ponto final na história [...] e não há quem ponha um ponto final no rap; é preciso eternizar as palavras da liberdade ainda e agora.”. É por isso que eu as cato, as procuro.

No percurso da vida, da temporalidade, muitas palavras ficaram presas nas gargantas, muitas não encontraram ouvidos e tatos. Muitas ecoaram e ecoam procurando corpo. Muitas palavras foram violentadas, sequestradas de seus hálitos – transformadas em mercadoria: nos meios de comunicação dominantes, nos livros do intelectualismo narcísico, nas bocas sem galerias de significações, em mentes tortuosas e espinhosas, em engenhosas tecnologias esfumaçadas. Tiraram o corpo das palavras, colocando-as em uma roupagem utilitarista – de esquecimento.

Palavra precisa ser sólida, não pode desaparecer com o tempo, com o papel e com a tecnologia – ficam dentro da gente – dentro de uma memória longa e forte. Enraizadas com firmeza no fundo do peito, onde ecoa a palavra de quem já foi e se faz memória, grito-sussurro, de quem fica. Uma dádiva que nos acompanha, que nos ensina, que nos mostra os caminhos e nos dá o discernimento da escuta e da fala, independentemente de como o faça – criar diálogo e mundo.



Cenário 41 – Romper com a roupagem I.



Cenário 42 – Romper com a roupagem II.



Cenário 43 – Romper com a roupagem III.



Cenário 44 – Romper com a roupagem IV.

Seguir o percurso – é preciso continuar insistindo – catando palavras que desviaram da roupagem: palavras desviantes. Encontrar seus corpos, seu poder de liberdade.



Cenário 45 – Palavra Escondida.

DO VELHO AO JOVEM

Conceição Evaristo (2008)

*Na face do velho
as rugas são letras,
palavras escritas na carne,
abecedário do viver.*

*Na face do jovem
o frescor da pele,
e o brilho dos olhos
são dúvidas.*

*Nas mãos entrelaçadas
de ambos, o velho tempo*

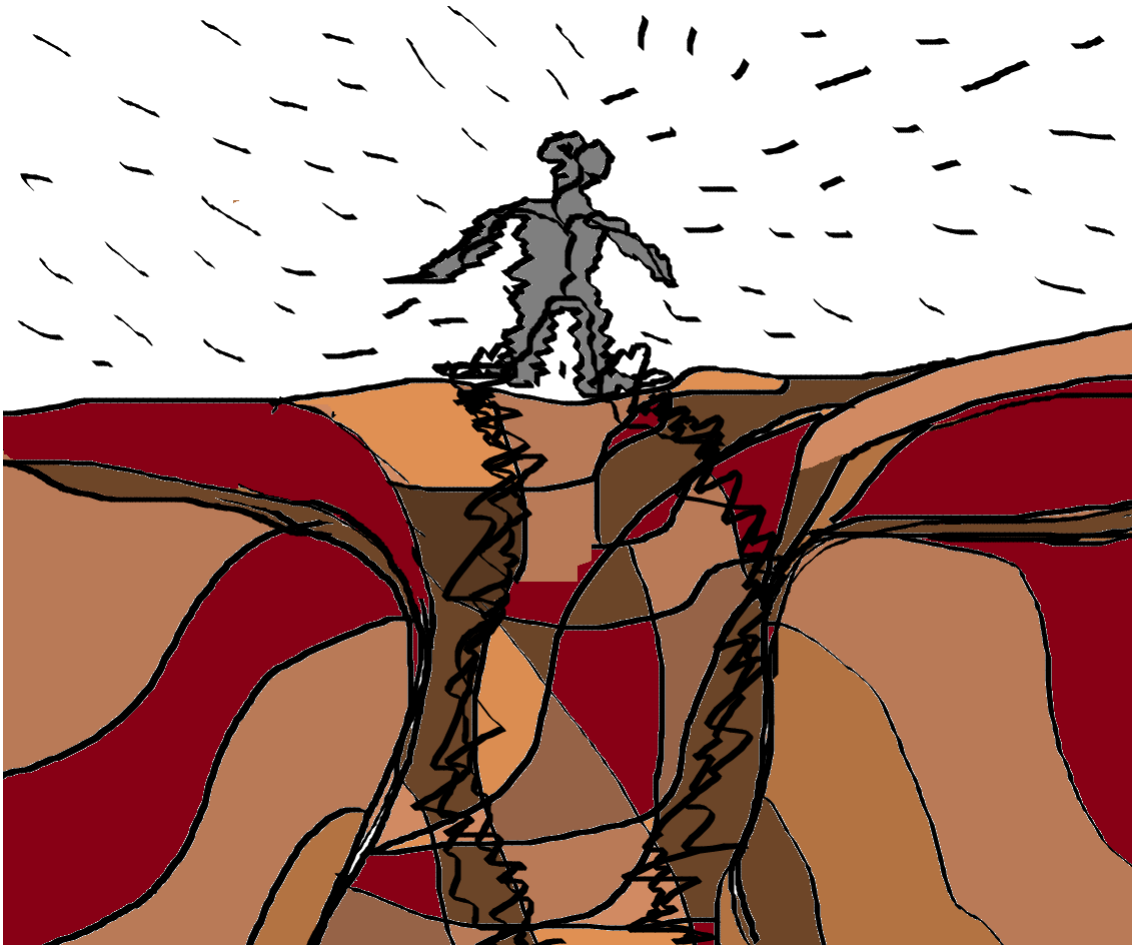
*funde-se ao novo,
e as falas silenciadas
explodem.*

*O que os livros escondem,
as palavras ditas libertam.
E não há quem ponha
um ponto final na história*

*Infinitas são as personagens:
Vovó Kalinda, Tia Mambene,
Primo Sendó, Ya Tapuli,
Menina Meká, Menino Kambi,
Neide do Brás, Cíntia da Lapa,
Piter do Estácio, Cris de Acari,
Mabel do Pelô, Sil de Manaíra,
E também de Santana e de Belô
e mais e mais, outras e outros...*

*Nos olhos do jovem
também o brilho de muitas histórias.
e não há quem ponha
um ponto final no rap*

é preciso eternizar as palavras da liberdade ainda e agora.



Cenário 46 – O tremor.

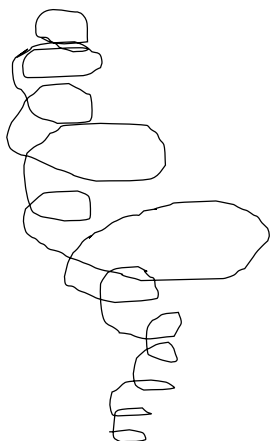
Há quem ande e não perceba os tremores vindos do chão: segurando os pés, subindo pelas pernas, pela coluna, pelos ossos e tecidos moles, pelos sentidos... atingindo todo o corpo, como uma estrutura frágil em colapso pelo terremoto das histórias que nos alertam. Em *Tremores*, Jorge Larrosa (LARROSA, 2020, p.10) diz que “é algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão, e que às vezes, algumas vezes, quando cai em mãos de alguém capaz de dar forma a esse tremor, então, somente então, se converte em canto”.

E esse canto atravessa o tempo e o espaço. E ressoa em outras experiências e em outros tremores e outros cantos. Em algumas ocasiões, esses cantos de guerra ou de luta contra as formas dominantes de linguagem, de pensamento e de subjetividade. Outras vezes são cantos de dor, de lamento, cantos que expressam a queixa de uma vida subjugada, violentada, de uma potência de vida enjaulada,

de uma possibilidade presa ou acorrentada. Outras são cantos elegíacos, fúnebres, cantos de despedida, de ausência ou de perda, E às vezes são cantos épicos, aventureiros, cantos de viajantes e de exploradores, desses que vão sempre mais além do conhecido, mais além do seguro e do garantido, ainda que não saibam muito bem aonde. (LARROSA, 2020, p.10)

O percurso insiste na percepção para que possamos sentir seus tremores. Parar no futuro-hoje que nos foi fabricado no passado-agora – tempos que perpetuam mais buracos-covas de um poço realmente sem fim.

Os tremores nos acompanham passo a passo nos caminhos. Nos mostram que tudo o que é vivo de alguma forma se encontra e o que morre continua vivo – pois o tempo não se encerra. O tempo é uma continuidade sem pontas, lados e oposições, é núcleo – *espiralado* como soprou forte as palavras de Leda Maria Martins (2021) em *Performances do tempo espiralar*. Vários círculos se movimentam, refletindo um no outro enquanto giram e dançam.



Espiralar é o que, no meu entendimento, melhor ilustra essa percepção, concepção e experiência. As composições que se seguem visam contribuir para a ideia de que o tempo pode ser ontologicamente experimentado como movimentos de reversibilidade, dilatação e contenção, não linearidade, descontinuidade, contração e descontração, simultaneidade das instâncias presente, passado e futuro, como experiências ontológica e cosmológica que têm como princípio básico do corpo não o repouso, como em Aristóteles, mas, sim, o movimento. Nas temporalidades curvas, tempo e memória são imagens que se refletem. (MARTINS, 2021, p. 23)

Se prestarmos bastante atenção: a maquiagem não é completamente transparente como os poros encobertos de branco ousam afirmar, e o tempo não se estanca conforme dita a tirania de *Chronos* (LEDA, 2021) a qual o tempo vive na partição, que se divide em agora e antes, em hoje e amanhã, em instantes e devires, impondo sua tirania no Ocidente.



Cenário 47 – Pendurada no pêndulo do capitalismo.

Esse é meu retrato do agora, e talvez a imagem refletida do tempo – onde vários corpos estiveram e estão nesse exato momento – pendurados no pêndulo do capitalismo.

Na obtenção do lucro, um histórico genocida perpetuado pela burguesia por meio de agentes estatais e para estatais; por uma sociabilidade marcada pela precariedade e pela invenção de táticas e estratégias organizativas de reatualização da dominação como a implementação do neoliberalismo; pela despossessão dos meios de produção e da propriedade.



Cenário 48 – Retratos do tempo capital I.



Cenário 49 – Retratos do tempo capital II.



Cenário 50 – Retratos do tempo capital III.



Cenário 51 – Retratos do tempo capital IV.



Cenário 52 – Retratos do tempo capital V.

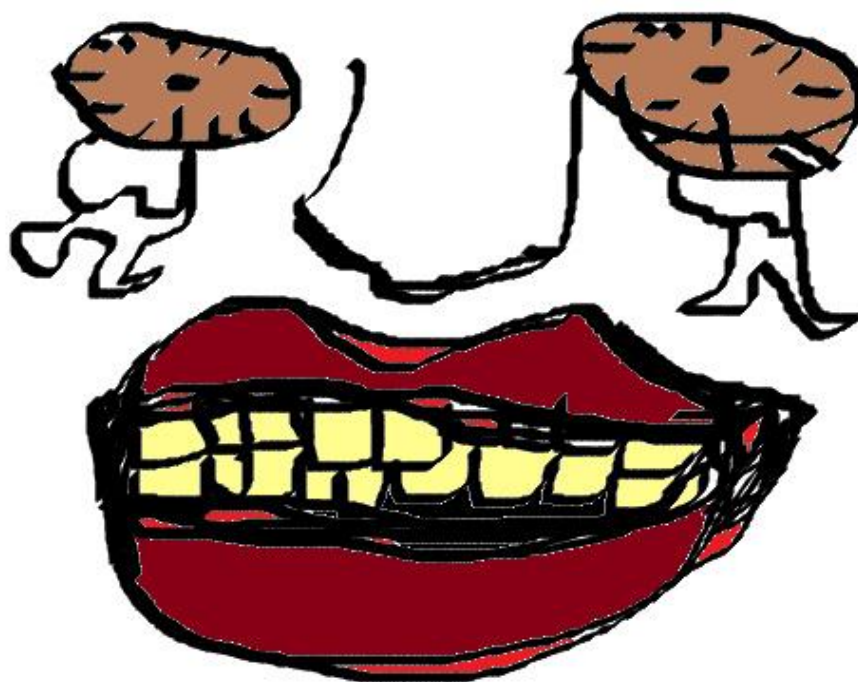
Jogados/as/es de um lado para o outro, no ritmo de um tempo mecânico e desumano. Esparramando nas engrenagens e nas baterias humanas a competição, o individualismo e o ocultamento da exploração. Baseados em discursos dissimulados de um pódio feito a custas de muitos/as/es, e de uma meritocracia enganosa, onde os mesmos sempre garantem seus lugares.

Quebrar o tempo do capital por vias de práticas tão antigas quanto fundamentais para a sobrevivência dos mais pobres e explorados: a solidariedade (D'ANDREA, 2020). Não será fácil, continuaremos de um lado para o outro sendo jogados/as/es contra o tempo que nos faz tremer, nos faz vivos/as/es... para que dentro desse sistema o aluguel continue sendo pago e o arroz continue na panela... sem isso, nem consigo catar palavras..., mas, não deixar cair em esquecimento a solidariedade (esquecer é estratégia mecânica). Da partilha do alimento em roda; do fundo de greve e da mão amiga; da troca de saberes e da ajuda mútua. Esse é o legado de uma memória afetiva e espiralada, a qual o neoliberalismo não conseguirá envenenar.



Cenário 53 – Quebrar o tempo do capitalismo.

Eu já fui envenenada pelo tempo mecânico. Onde os ponteiros deram corda no meu peito. Passei a olhar através de dois relógios de *Chronos*: passado e futuro. Na repartição ilusória do tempo tirano nos paralisamos, enquanto ele age nos tirando toda a potência de vida – essa da qual preciso para continuar catando palavras.



Cenário 54 – Doença de Chronos.

Tudo começou pela boca [...] encostava os dentes de cima nos de baixo com tanta força que sentia uma dor diária. Maxilar preso, não saía nenhuma palavra. Tive que ir ao dentista sem ter o que o capital sempre pede: dinheiro – ele disse que era ansiedade. *Putz! Encaminhamento ao psiquiatra.* Procurar um psiquiatra a preço popular não é tarefa fácil e aumenta a ansiedade – trabalhadores/as não tem direito de ficar doente. Ansiedade era um dos venenos do tempo mecânico: um sentimento ligado à preocupação, nervosismo e medo intenso. Tudo passa bem rápido na sua frente – te atropela.

Minha cabeça zozza vaga. Vaga pelo mundo vagante de corpos vagos. Escuto um zumbido no ouvido direito. Fecho os olhos em silêncio e escuto os rastros de tudo aquilo que me transpassa. Eu sou um corpo no meio do nada. Eu sou um corpo no meio do trânsito. Tudo passa. Às vezes batem em mim, passam por cima de mim. Meu corpo continua em pé. Vozes pesam uma tonelada. Elas se dirigem até mim, até meu corpo como carrinhos de bate-bate. Fingem ser vagas, mas pesam toneladas. Estou atropelada! Estou atropelada! Estou atropelada! Dá para ver do lado de dentro todas as feridas, todos os ossos quebrados. Dá para ver do lado de fora uma coisa vaga, um olhar sem foco. Um corpo no meio do nada. O nada é um trânsito. Como carrinho de bate-bate de palavras que pesam toneladas.

Mesmo com tudo acelerado, sente-se do impacto sem ter recursos necessários do corpo para descolar os pés do chão. Esse tempo paralisa. As palavras estavam refugiadas numa toca lá dentro do corpo: onde elas mesmas foram cavando no espaço mais solitário que encontraram. Sem ferramentas para puxá-las até o céu da boca.

No psiquiatra

Toma isso. Vai te ajudar!

Engulo seco.

Não estou sentindo nada.

Isso, deixar de sentir vai te ajudar.

Então é assim que se lida? Deixando de sentir? Distante da realidade?

O “mundo melhor” é aquele que não me lembra da dor?

Não sei como a burguesia consegue...

mas eu não consegui deixar de sentir.

O coração disparou.

Pronto socorro – Hospital público

Quando será atendida?

Não sabemos. Estamos superlotados. Respira, tá?

Não estou conseguindo... preciso pegar um atestado, posso ser despedida.

Não pensa nisso agora! Tenta respirar.

Como não pensar?

No resultado do exame de eletrocardiograma – exame de avaliação da atividade elétrica do coração. Encontrou-se palavras entupidas nas linhas do coração:



Cenário 46 – Eletrocardiograma.

Diziam: *Um tanto de coisa acontece ao mesmo tempo. Tudo é atropelado. O fazer, o sentir, até mesmo a pausa. Dentro ao ter dimensão do impacto, de olhar para frente e perceber todo o movimento embaraçado, acumulado e as partes com mais partes, repartidas e jogadas por todos os cantos – aperta o coração. Se isso é vida – correr, correr, correr de um lado para o outro – **por que o coração grita?** Como se não houvesse o amanhã garantido ou garantindo o amanhã sem ter o hoje. Como se tudo fosse disputa, comparação: como se corre, a quilometragem percorrida, a água que bebe ou a sede que sente. Onde os privilégios garantem caminhos. Onde até os silenciamentos disputam pela fala, pela história mais marcada. Ninguém se escuta, se vê, se percebe, se sente. Onde mutilar corpos aos poucos constrói “guerreiros”. Onde carregar várias pedras nomeia-se os “fortes”. Onde encostar a cabeça é sinal de culpa. Não mostrar as medalhas e o medo de cair no esquecimento. Não mostrar os troféus e a “concorrência” não se sentir intimidada. Mostrar e ser ou não reconhecida pelos olhos que valida. Se isso é vida, **por que o coração grita?** Se isso é vida **por que estamos tão sozinhos?***

Para desentupir as linhas rítmicas das palavras no peito é preciso encontrar estratégias, processos composicionais. Quando falo aqui, por exemplo, não sou necessariamente escritura, sou voz encarnada na folha. Salto-voz no seu corpo, que me percebe para além do ato leitura. Encontro de vozes. Nesse momento você lê a forma da minha fala com o som da sua voz. Não se lê em silêncio – na escuta dialogamos. Isso aqui é escuta.

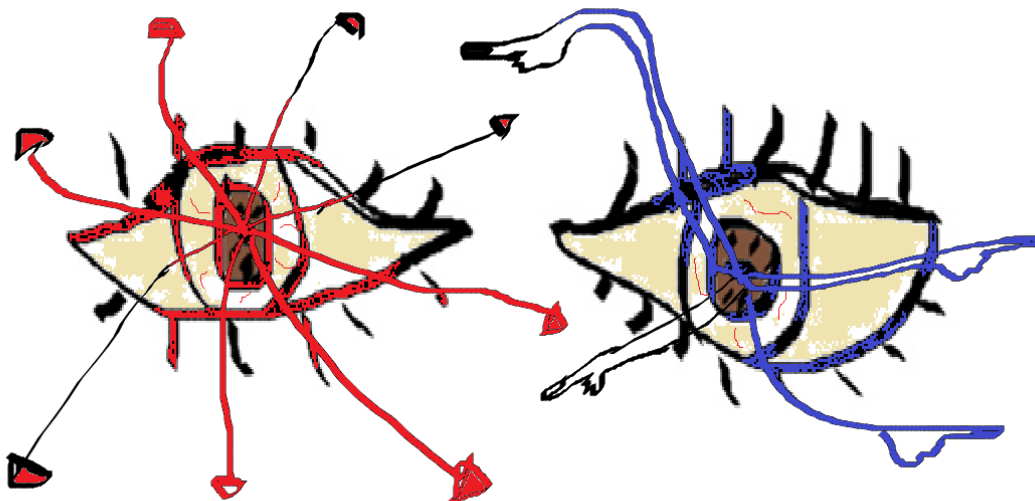
BATO BATO BATO com um martelo no relógio mecânico, continua se movendo, não para. Percebo que é um relógio invisível na parede, de ponteiro em ponteiro vai adentrando nossos corpos – como adentrou minha arcada dentária.

“No corpo o tempo bailarina” (LEDA, 2021, p.21), antes de uma cronologia, o tempo é uma ontologia, uma andança anterior à progressão, um modo de predispor os seres no cosmos. Se essa tirania Ocidental nos retirou o acesso às nossas percepções para tremer junto ao espiralar do tempo, devemos urgentemente demaquilar nossos sentidos.



Cenário 55 – Olhos se demaquilando.

Nossa visão e os poderes ocidentais atribuídos ao ver (OYĚWÙMÍ, 2021), do olhar que diferencia, subjuga, inferioriza, desumaniza, violenta, destrói.



Cenário 56 – O olhar ocidental.

Quem é diferente do olho que olha (o/a Outro/a) é visto/a através de diversas estratégias dominantes para destruir e isso, por sua vez, é usado para explicar sua posição social desfavorecida. A noção de sociedade que emerge dessa concepção ocidentalizante é constituída por corpos e como corpos (OYĚWÙMÍ, 2021) – masculinos, femininos, judaicos, arianos, negros, brancos, ricos, pobres [...] a palavra corpo é e foi usada como uma metonímia (palavra fora de seu contexto) para a biologia, e conseqüentemente, para a fisicalidade “pura” em suas metáforas do corpo.

Corpo, marcas de poder.

A ordem social é fundada pelo alicerce do corpo, este que está sempre em vista e à vista. Invocando seu olhar dominante, onde certos tipos de corpos tiveram e ainda são eliminados: tiro ao alvo, onde o alvo foi e é o corpo negro, da pessoa racializada, do/a indígena, da concepção do corpo feminino, do/a pobre, do/a dissidente de suas concepções novamente de gênero e sexualidade.

Diz-se que corpos carregam marcas. Poderíamos, então, perguntar: onde elas se inscrevem? Na pele, nos pelos, nas formas, nos traços, nos gestos? O que elas “dizem” dos corpos? Que significam? São tangíveis, palpáveis, físicas? Exibem-se facilmente, à espera de serem reconhecidas? Ou se insinuam, sugerindo, qualificando, nomeando? Há corpos “não-marcados”? Elas, as marcas, existem, de fato? Ou são uma invenção do olhar do “outro”? Hoje, como antes, a determinação dos lugares sociais ou das posições dos sujeitos no interior de um grupo é referida a seus corpos. Ao longo dos tempos, os sujeitos vêm sendo indicados, classificados, ordenados, hierarquizados e definidos pela aparência de seus corpos; a partir dos padrões e referências, das normas, valores e ideais da cultura. Então, os corpos são o que são na cultura. A cor da pele ou dos cabelos; o formato dos olhos, do nariz ou da boca; a presença da vagina ou do pênis; o tamanho das mãos, a redondeza das ancas e dos seios são, sempre, significados culturalmente e é assim que se tornam (ou não) *marcas* de raça, de gênero, de etnia, até mesmo de classe e de nacionalidade. Podem valer mais ou valer menos. Podem ser decisivos para dizer do lugar social de um sujeito, ou podem ser irrelevantes, sem qualquer validade para o sistema classificatório de um dado grupo cultural. Características dos corpos significadas como marcas pela cultura

distinguem sujeitos e se constituem em marcas de poder. (LOURO, 2020, p.69 e 70)

Sueli Carneiro (2005) em *A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser*, diz que o *outro* é considerado como um NÃO-SER (*objeto*) que será usado na construção do SER (*sujeito*), nessa estrutura o SER constrói o NÃO-SER, “subtraindo-lhe aquele conjunto de características definidoras do SER pleno: autocontrole, cultura, desenvolvimento, progresso e civilização. No contexto da relação de dominação e retificação do outro, instalada pelo processo colonial, o estatuto do Outro é o de coisa que fala” (CARNEIRO, 2005, p. 99).

A/O *outra/o* (KILOMBA, 2020) faz parte dessa longa história de silêncio imposto. Da fala que se propaga e ecoa, do *sujeito* cujo olhar é dominante e domina – traçando a distância entre o outro, ousando apunhalar lupas que aumentam e desfocam a realidade de quem atiram seus modos de operação. Uma forma de ocultar, produzir uma inversão, uma naturalização, que não implica uma “falsidade”, mas na expressão das relações sociais dominantes que são reificadas. Lupas fabricadas pelos próprios olhos dissimulados, com o objetivo de retratar imagens avistadas de único horizonte possível – a ideia universalizante de uma paisagem no tempo para ser fixada. bell hooks diz que *sujeitos* são aqueles que têm o direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades, de nomear suas histórias (hooks, 1989). Para que todos vejam e continuem olhando o alvo, o *objeto*... Como *objetos*, a realidade é definida por outros, identidades criadas por outros, história designada somente de maneiras que definem relação com aqueles que são sujeito. (hooks, 1989). Sem perceber o chão rachado e rachando, ou até percebendo, os detentores da visão da paisagem fixada no horizonte dos passos que seguem, ainda caminhando por cima do chão, vão reforçando as estruturas maquiadas e violentas. Reproduzindo a continuidade da construção de sujeitos e objetos nos caminhos atemporais da história.

Munidos do olhar que atravessa os corpos matando e deixando feridas, cicatrizes e traumas – dedos-lâminas afiados cortam línguas e reescrevem por cima da folha-tempo pensamentos-linguagens-discursos alicerçados em uma ideia de dominação – uma ideologia dominante.



Cenário 57 – Ideologia dominante.

Para Marilena Chauí em *O que é ideologia?* (2008), a ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (ideias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer.

“A ideologia é, portanto, um corpo explicativo (representações) e prático (normas, regras, preceitos) de caráter prescritivo, normativo, regulador, cuja função é dar aos membros de uma sociedade dividida em classes uma explicação racional para as diferenças sociais, políticas e culturais, sem jamais atribuir tais diferenças à divisão da sociedade em classes a partir das divisões na esfera da produção. Pelo contrário, a função da ideologia é a de apagar as diferenças como de classes e fornecer aos membros da sociedade o sentimento da identidade social, encontrando certos referenciais identificadores de todos e para todos, como por exemplo, a Humanidade, A Liberdade, a Igualdade, a Nação ou o Estado”. (CHAUÍ, 2008, p.108-109).

Um ideário histórico, social e político que oculta a realidade, e que esse ocultamento é uma forma de assegurar e manter a exploração econômica, a

desigualdade social e a dominação política. As ideias dominantes cada vez mais são apresentadas como universalidade. Para a manutenção da dominação, deve-se apresentar seu interesse particular como interesse geral, expresso de forma ideal como as únicas ideias universalmente válidas. Nomeando-se como “ponto de vista” e elencando-se apenas como um único ponto de uma única perspectiva – do seu próprio olhar. Habitado a enxergar corpo e conhecimento como entidades distintas... de Aristóteles aos cartesianos, permanece de pé sobre o chão a herança tão cara à ideologia predominante – cuja existência precede, diacronicamente, o modo de produção e reprodução capitalista e o advento de sua ideologia (SODRÉ, 1991). Onde o antropocentrismo possui a continuação da mesma face do etnocentrismo, do eurocentrismo e consequentemente do ocidentocentrismo, um termo que inclui os Estados Unidos (OYĚWÙMÍ, 2021). Essas teorias tornam-se ferramentas de hegemonia na medida em que são aplicadas universalmente.

Os tremores confrontam a ideologia dominante, corporificando seus saberes de várias ordens, sejam eles de natureza filosófica, estética, técnica, entre outros, sobrevivem nos alertando que mais uma vez seus movimentos fundam o ser no tempo, inscrevendo-os como temporalidade (LEDA, 2021), na busca por construir novas concepções de mundo e de relações sociais, políticas e econômicas. Quer nos mais notáveis eventos socioculturais, quer nas mínimas e incríveis ações do cotidiano.

Em tudo o que fazemos, expressamos os tremores do tempo espiralado, para escutá-los ou abafá-los. A ideia de humanidade na base de muitas rotas justificadas pelo uso da violência (KRENAK, 2019), se constrói através dessa abstração civilizatória que é absurda. Suprimindo a diversidade, negando a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. Oferecendo o mesmo cardápio, o mesmo figurino, e se possível, a mesma língua para todo mundo.

Em tudo o que fazemos, expressamos o que somos, o que nos pulsiona, o que nos forma e o que formamos,

Nossos mínimos gestos e olhares, as eleições de nossos paladar e olfato, nossa auscultação e resposta aos sons, nossa vibração corporal nossos torneiros de linguagem, nossos silêncios, e arrepios, nossos modos e meios de experimentar e interrogar o cosmos, nossa sensibilidade; enfim, em tudo o que somos, e nos modos como somos, respondemos a cosmopercepções que nos constituem. Respondemos

também a concepções de tempo e de temporalidades tanto em nossos rituais do cotidiano quanto nas produções culturais que as manifesta. (LEDA, 2021, p. 21-22).

A palavra “percepção” de *cosmopercepção* utilizada por Leda (2021) pode indicar tanto um aspecto cognitivo, quanto sensorial. Conceito criado por Oyěwùmí como um contraponto à noção de cosmovisão ocidentalizante, buscando seguir uma diferenciação com a palavra “*worldview*”, que é, usualmente, traduzida para o português como “cosmovisão” e não como “visão do mundo”.



Cenário 58 – Olhar atento.

Terceira Parte – Reencontrando uma nova rota para o sentido da visão.



Cenário 59 – Nova rota para o sentido da visão.

[...] olhar mais devagar; sentir, sentir mais devagar, demorar-se no detalhe, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade [...] cultivar a atenção, falar sobre o que nos acontece, escutar os outros, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço... [...] É experiência aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à experiência da transformação [...] O saber da experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana [...] se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado a existência de um SER individual ou coletivo [...]. (LARROSA, 2009, p. 20-26).

Não é que deixaremos de enxergar; não é que colocaremos uma venda sobre os olhos para deixar de ver a paisagem fixa do horizonte posto. Isso é o que essas paisagens fazem: colocam vendas sobre *outras* imagens.



Cenário 60 – Silenciamento.

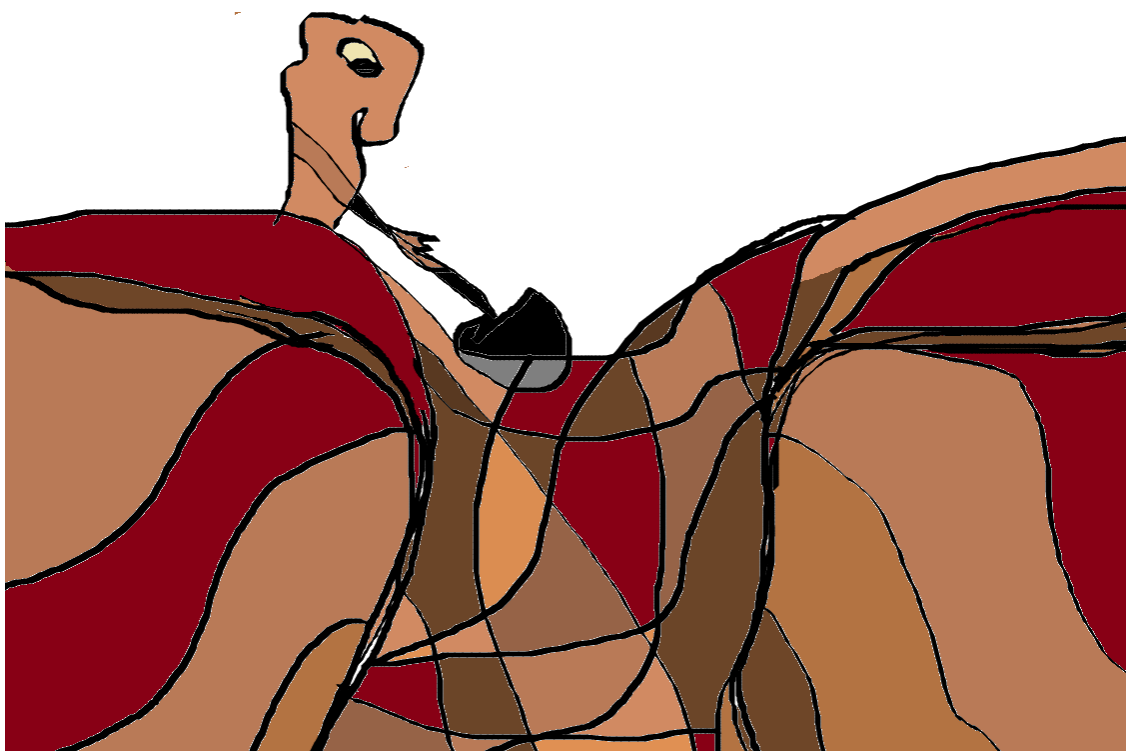
É preciso ver [...] encará-las com criticidade, não mais de forma passiva como um sentido alienante frente nossas escolhas e atuações enquanto indivíduo-coletivo.

Elaborar um olhar corporificado, porque os olhos são corpos de um corpo: possuem tecidos, fibras, membranas, musculatura, água, proteína, minerais, líquidos, ácidos, movimentos, sistema, receptores... os olhos vão muito além do que os condicionaram. Acessar a retina, abrir novamente os olhos com novas maneiras de enxergar as imagens; o que vemos não está dissociado do que nos olha (DIDI-HUBERMAN, 2010).

O que vemos só vale – só vive – em nossos olhos e pelos que nos olha. Inelutável, porém é a cisão que separa dentro de nós o que vemos daquilo que nos olha. Seria preciso assim partir de novo desse paradoxo em que o ato de ver só se manifesta ao abrir-se em dois. (DIDI-HUBERMAN, 2010, p.29).

A imagem é dialética, abrir-se em dois significa subverter a lógica das imagens fixas – de um sujeito que vê e um objeto que é visto. Dois sujeitos veem através do poder da dupla distância: da imagem-memória do olhar corporificado, e de voz ao mesmo tempo. E como abre-se uma imagem?

Enxergá-las através da dialética se faz ato de cavação. Encontrar o encoberto, o que vive nas frestas, debaixo do que passaram e continuam passando por cima – os tremores.

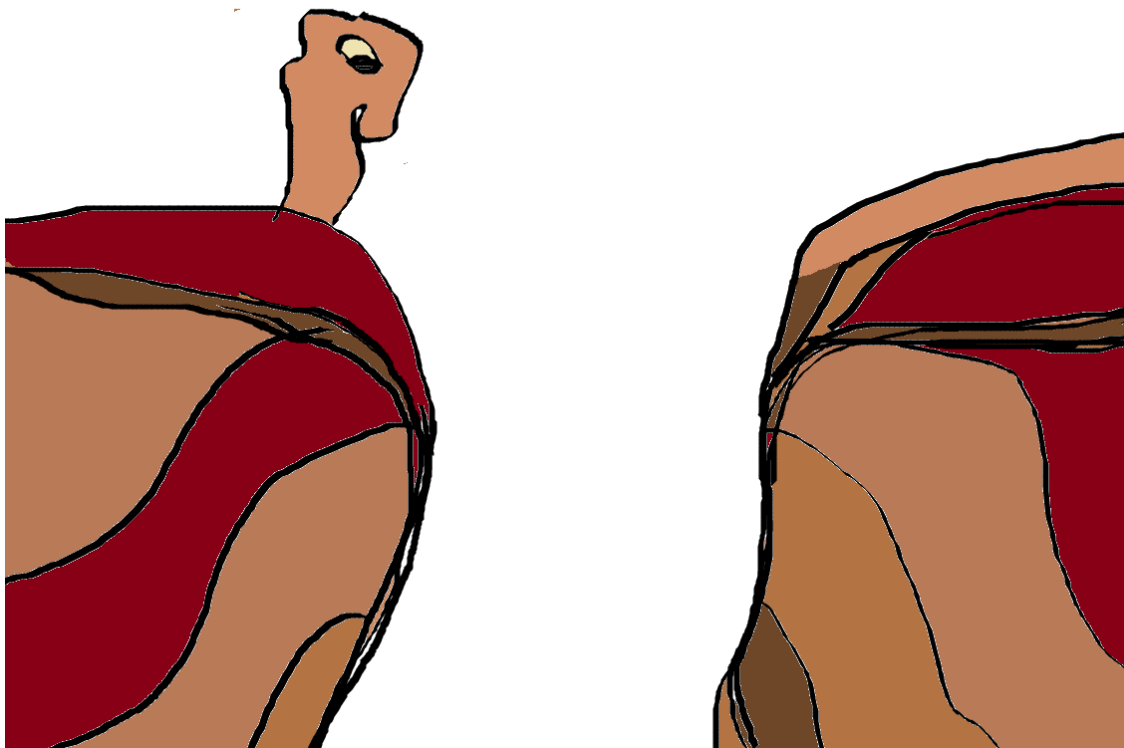


Cenário 61 – Ato de cavação.

Quanto mais se cava, mais se cava – é redundante como o gesto, como o verbo em movimento *CAVAR-CAVAR-CAVAR* – espiralar como o tempo; cavar é percurso adentro. Cavar requer presença, catar palavras-histórias requer todos os sentidos.

Enquanto caio no buraco que desenterro, uma vala sem fim de uma primeira enxadada se abre. O que está na superfície nem sempre é a ausência da profundidade, ainda mais quando não se tem um fim. O que está na superfície é o primeiro grito. Dessa andança anterior à progressão é a ontologia, a violência-primeira de um círculo com todos os tatos-tempos adentrando minha

percepção. Cavar requer perceber o que os tremores nos tocam, nos falam, nos mostram e nos alertam.



Cenário 62 – O buraco sem fim.

O branco.

Não é preciso cavar nada para perceber os lugares e os privilégios que cada um/a ocupa e obtém na sociedade brasileira diante da imagem-fixa e do horizonte posto pela lógica dominante dos corpos vistos. Ainda mais quando se nasce, cresce e vive numa periferia urbana de uma grande metrópole, onde nós brancas/os periféricas/os mesmo pobres, de classe popular e trabalhadora, ainda assim detemos vários privilégios dentro e fora dos nossos territórios. A exemplo disso, a necropolítica (MBEMBE, 2018), sendo política de perseguição e morte impetrada pelo Estado, realidade cada vez mais presente em todas as periferias do país, baseando-se em uma prática de seleção social que penaliza a população negra, preservando e beneficiando os brancos (THEODORO, 2022).

Está exposto, sempre esteve, mesmo com todo encobrimento, só não vê quem não quer; e é preciso ver, independente de quem seja! São “regimes individualizados e a ausência dos indivisíveis e universais parâmetros éticos, jurídicos e políticos” (TADDEO, 2012, p.158). Da convivência diária no bairro até a viagem feita de *busão* ao centro da cidade para *trampar*, estudar etc., coexistem oposições e fricções sob uma mesma bandeira (TADDEO, 2012).

[...] a existência de dois países distintos, coexistindo [...] captam o Brasil oficial dos que tem tudo, habitado por 19 a 20 milhões de abastados, agraciados pela democracia representativa e a realidade alternativa dos que não tem nada, composta por cerca de 170 milhões de assolados por todas as formas de tiranismo (uns mais outros menos). De um lado da intransponível fronteira política, social e econômica, temos um plano terrestre ultramoderno, desenvolvido pelos maiores nomes mundiais da arquitetura e urbanismo e, de outro, um caldeirão efervescente, pontuado por centenas de assentamentos improvisados. O lado sombrio da intransponível fronteira, é reservado ao caldeirão efervescente, pontuado pela presença forçada de milhares de serviçais e operários, cujo único desígnio, é manter o motor das finanças burguesas em pleno funcionamento. A disparidade entre as duas galáxias é tão grande, que tanto os ocupantes do planeta fome, quanto os do planeta riqueza, não se veem como conterrâneos, se veem como estrangeiros, inimigos, adversários, alienígenas, espécies diferentes classificadas como: inferiores e superiores. Quando analisamos a relação fria e comercial entre dominados e dominadores, percebemos que nem ao menos falamos um mesmo idioma. Nos pântanos, onde os subjugados repousam por algumas horas antes de bater os cartões de ponto, a língua falada é a dos empregados, dos consumidores, dos telespectadores e dos eleitores, já na morada dos bem remunerados, os necrólatras que veneram corpos desfigurados de pobres, usam a linguagem desumana do capitalismo imperativo e coercivo. Definitivamente, as pessoas desprivilegiadas que foram reduzidas a material orgânico para estudos de sociólogos, antropólogos, psicólogos e economistas, não são compatriotas dos milionários [...] esse é o separatismo documentado por inscrições em universidades, registros de empresas nas Juntas Comerciais, passagens em DPs e matrículas em presídios [...] (TADDEO, 2012, p.158-159).

“O presente atua como interlocutor do passado e, conseqüentemente, como locutor do futuro.” (SANTOS, 2019, p.16), por assim perceber, se quisermos entender por que somos tratados de forma tão diferente na sociedade onde vivemos, precisamos dialogar – cavar profundamente os conceitos de cor, raça, etnia, colonização e contra-colonização (SANTOS, 2019). É preciso perceber o percurso e os elementos interlocutores entre a questão sócio racial contemporânea e o início da colonização afro-pindorâmica² no Brasil, que se reatualiza atemporalmente nos ataques praticados pelo grande capital.



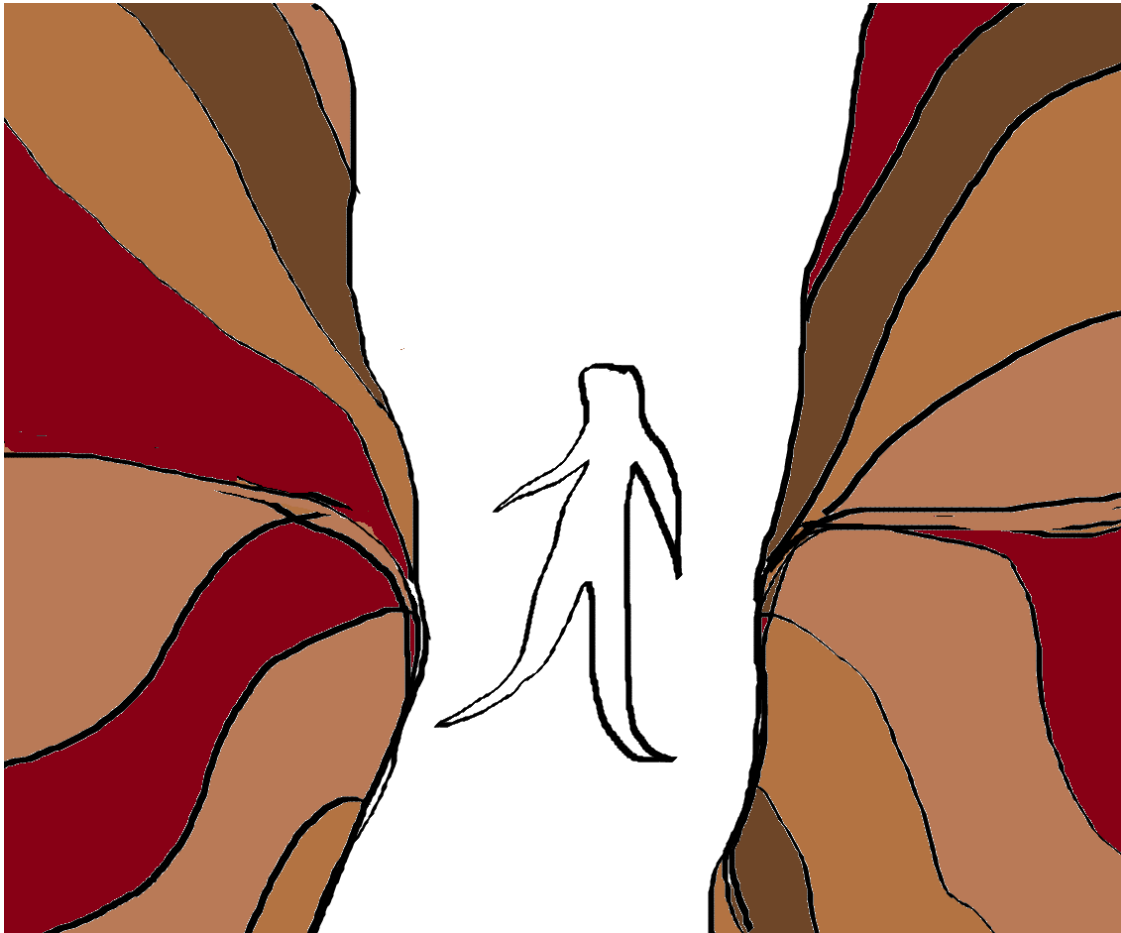
Cenário 63 – A facada.

² Antônio Bispo dos Santos (2019) diz que Pindorama (Terra das Palmeiras) é uma expressão tupi-guarani para designar todas as regiões e territórios da hoje chamada América do Sul. Utiliza alternativamente colonização afro-pindorâmica para denominar a colonização nas Américas, enquanto um exercício de descolonização da linguagem e do pensamento.



Cenário 64 – A facada da verdade.

A linguagem desumana do capitalismo imperativo e coercivo tem cor, e essa violência-primeira está na superfície do buraco. Na primeira enxadada surge o espectro de um corpo branco.



Cenário 65 – O corpo branco.

O que fazem os brancos com todo esse ouro? Por acaso, eles o comem?

Davi Kopenawa

Tribunal permanente dos povos sobre a Amazônia brasileira,

Paris, 13 out. 1990.



Cenário 66 – O Colonizador.

No começo, a terra dos antigos brancos era parecida com a nossa. Lá eram tão poucos quanto nós agora na floresta. Mas seu pensamento foi se perdendo cada vez mais numa trilha escura e emaranhada. Seus antepassados mais sábios, os que *Omama* criou e a quem deu suas palavras, morreram. Depois deles, seus filhos e netos tiveram muitos filhos. Começaram a rejeitar os dizeres de seus antigos como se fossem mentiras e foram aos poucos se esquecendo deles. Derrubaram toda a floresta de sua terra para fazer roças cada vez maiores. *Omama* tinha ensinado a seus pais o uso de algumas ferramentas metálicas. Mas já não se satisfaziam mais com isso. Puseram-se a desejar o metal mais sólido e mais cortante, que ele tinha escondido debaixo da terra e das águas. Aí começaram a arrancar os minérios do solo com voracidade. Construíram fábricas para cozê-los e fabricar mercadorias em grande quantidade. Então, seu pensamento cravou-se nelas e eles se apaixonaram por esses objetos. Isso os fez esquecer a beleza da floresta. Pensaram: “*Haixopê!* Nossas mãos são mesmo habilidosas para fazer coisas! Só nós somos tão engenhosos! Somos mesmo o povo da mercadoria! Podemos ficar cada vez mais numerosos sem nunca passar necessidade! Vamos criar também peles de papel para trocar!”. Então fizeram o papel de dinheiro proliferar por toda parte, assim como as panelas e as caixas de metal, os facões e os machados, facas e tesouras, motores e rádios, espingardas, roupas e telhas de metal. Eles também capturaram a luz dos raios que caem na terra. Ficaram muito satisfeitos consigo mesmos. Visitando uns aos outros entre suas cidades, todos os brancos acabaram por imitar o mesmo jeito. E assim as palavras das mercadorias e do dinheiro se espalharam por toda a terra de seus ancestrais. É o meu pensamento. Por quererem possuir todas as mercadorias, foram tomados de um desejo desmedido. Seu pensamento se esfumou e foi invadido pela noite. Fechou-se para todas as outras coisas. Foi com essas palavras da mercadoria que os brancos se puseram a cortar todas as árvores, a maltratar a terra e a sujar os rios. Começaram onde moravam seus antepassados. Hoje já não resta --quase nada de floresta em sua terra doente e não podem mais beber a água de seus rios. Agora querem fazer a mesma coisa na nossa terra. (KOPENAWA, 2015, p. 407)

“As mazelas sociais que corroem a nossa pátria fantasma, não abalam os opressores, porque foram criadas intencionalmente por eles!” (TADDEO, 2012, p.161) [...] esse é um relato excepcional, ao mesmo tempo testemunho,

manifesto de um grande xamã e porta-voz dos Yanomami – Davi Kopenawa, que historicamente nas palavras-corporificadas nos fala em seus tremores sobre a herança histórica escravocrata que quase nunca se fala. Fala-se de heranças acumuladas em histórias de muita dor e violência, que se refletem na vida concreta e simbólica contemporânea (BENTO, 2022). Da escravidão, genocídio e nos seus impactos negativos para as populações negras e originárias, mas nunca se fala na herança escravocrata e nos seus impactos positivos para as pessoas brancas. Como se carregassem segredos em relação a seus ancestrais, de assassinatos a violações. Um pacto narcísico, como acordos tácitos, não verbalizados, não formalizados (BENTO, 2022) de autopreservação, como se o “diferente ameaçasse o “normal”, o “universal” que se estruturam nas relações de dominação que podem ser de classe, gênero, raça e etnia e de identidade de gênero, dentre outras; um silêncio estratégico para que a história seja contada pelo viés reatualizado, reatualizante de séculos atrás... que expulsa, reprime, esconde aquilo que é intolerável para ser suportado e recordado pelo coletivo de supremacia branco patriarcal heterossexual, gerando esquecimento e deslocamento na memória para lembranças encobridoras comuns. “Esse sentimento de ameaça e medo está na essência do preconceito, da representação que é feita do outro e da forma como reagimos a ele.” (BENTO, 2022, p.18), fazendo com que mitos como o da democracia racial (NASCIMENTO, 1978) ainda fortaleça a perpetuação da branquitude que não se assume como racista, conseqüentemente não se assume como privilegiada.

[...] democracia racial; segundo esta, tal expressão supostamente refletiria determinada relação concreta na dinâmica da sociedade brasileira: que pretos e brancos convivem harmoniosamente, desfrutando iguais oportunidades de existência, sem nenhuma interferência, nesse jogo de paridade social, das respectivas origens raciais ou étnicas. (NASCIMENTO, 1978, p. 41)

Lélia Gonzalez (2020), Sueli Carneiro (2005) e Abdias do Nascimento (1978) confrontam o mito da democracia racial entendendo que mitos não precisam de provas reais, eles são apenas crenças que se sustentam com ou sem provas. E que muitas são suas propagações, como a questão de que somos miscigenados/as/es, portanto, “tenho em meu sangue o sangue de minha avó

negra, indígena [...]” podendo tomar o protagonismo dessas histórias, e continuar perpetuando o encobrimento da branquitude de que não há racismo no Brasil.

Nem todos os privilegiados se reconhecem como parte de um grupo que traz em sua história a expropriação de outros grupos. A herança branca contém marcas da apropriação de bens materiais e imateriais, originárias da condição de descendente de escravocratas e colonizadores e é uma herança frequentemente tratada como mérito para legitimar a supremacia econômica, política e social. Essa herança fortalece a autoestima e o autoconceito da população branca tratada como “grupo vencedor, competente, bonito, escolhido para comandar”. Do lado oposto, a população não-branca é colocada como grupo perdedor, culpabilizada por suas condições de subalternidade política, econômica, educacional e social e, por essa razão, políticas de ação afirmativas são taxadas de protecionistas. (BENTO, 2020, p. 120-121)

A empreitada colonial educativa e civilizatória esteve impregnada da ideia de raça. Silvio Almeida em *Racismo Estrutural* (2020) diz que a noção de *raça* como referência a distintas categorias de seres humanos é um fenômeno da modernidade que remonta aos meados do século XVI. “Não é um termo fixo, estático. Seu sentido está inevitavelmente atrelado às circunstâncias históricas em que é utilizado. Por trás da raça sempre há contingência, conflito, poder e decisão, de tal sorte que se trata de um conceito relacional e histórico.” (ALMEIDA, 2020, p.24).

Não podemos falar que a questão da desigualdade no Brasil é só classe social, até porque a desigualdade social é fruto da desigualdade racial. Um regime que congrega classe e supremacia branca, onde capital e raça já se uniram há séculos (BENTO, 2020, p.41) “do tráfico negreiro transatlântico à destruição da população maia, asteca e guarani; dos combates portugueses na África Central aos inúmeros massacres em terras colonizadas por países europeus.”.

“O nascimento da questão da raça – e, portanto, do Negro – está ligado à história do capitalismo.” (MBEMBE, 2014, p. 299), uma história nefasta que trata do poder não apenas nos contextos de colonização, mas também que ainda se manifesta com força nos contextos brasileiros tendo como eixo central as questões raciais contemporâneas. Enquanto se finge não haver racismo, o corpo branco continua existindo e propagando seu domínio, enquanto corpos não-

brancos estão sujeitos a necropolítica (MBEMBE, 2014). Onde uma parcela dos intérpretes da lei, majoritariamente branca, pode, em seu cotidiano de trabalho, reproduzir, disseminar e sustentar um regime racial de “produção de verdade”, e ao encarceramento em massa de indivíduos considerados “suspeitos” ou “inimigos do Estado”. Onde lideranças de governo aplicam leis antidemocráticas, tendo como base o supremacismo branco e o conservadorismo social e religioso. Um sistema genocida de toda a população não-branca... engendrado no interior das instituições que constituem a sociedade brasileira. “Não são as pessoas individualmente que decidem que a violência é a resposta; são as instituições ao nosso redor que estão saturadas de violência” (DAVIS, 2017), as instituições são racistas porque a sociedade é racista.

Nesse jogo acredita-se que organizações públicas e privadas brasileiras, as quais foram criadas intencionalmente pelos brancos, e hoje são usufruídas pelas novas gerações brancas, sejam desfrutadas por mérito... “não tendo nada a ver com os atos anti-humanitários cometidos no período da escravidão, que corresponde a 4/5 da história do país, ou com aqueles que ainda ocorrem na atualidade.” (BENTO, 2022, p. 24).

Meritocracia é um conjunto de habilidades intrínsecas a uma pessoa que depende esforço individual e não estabelece nenhuma relação dessas habilidades com a história social do grupo a que ela pertence e com o contexto no qual está inserida. Ou seja, a meritocracia defende que cada pessoa é a única responsável por seu lugar na sociedade, seu desempenho escolar e profissional etc. Parte de uma ideia falsa para chegar a uma conclusão igualmente falsa [...] A racionalidade que explica o disposto sistema meritocrático não considera ainda o impacto de histórias e heranças diferentes na vida contemporânea dos grupos, tais como qualidade de escolas frequentadas, disponibilidade de equipamentos e acesso à internet nos ambientes familiares e escolares, ao sistema de saúde, saneamento básico nos locais de moradia etc. (BENTO, 2022, p. 21-22)

Justificativas para culturas ocidentais patriarcais de supremacia branca (hooks, 2020) continuarem se beneficiando das enormes desigualdades que cavaram com seus projetos coloniais, neocoloniais e imperiais. Pensamento que sempre se concentra em quem conquistou corpos, territórios, propriedade, e quem tem o direito de governar.

Ou seja, parte dos líderes que tomam decisões e comandam organizações públicas e grandes corporações age como manipuladores perversos, que não se interessam pelo bem comum e pelo outro. Destroem as instituições democráticas e adotam a necropolítica, que atinge majoritariamente a população pobre, indígena e negra. Assim, relembrar trechos da história da violência na construção da herança que sustenta e perpetua a supremacia branca pode auxiliar a compreender os abismos econômicos e sociais entre as populações negra, branca e indígena no Brasil, que inviabiliza a democracia ao consolidar um sistema que perpetua a geração de bônus para uns e ônus para outros. [...]. As instituições são constituidoras, regulamentadoras e transmissoras desses pactos, que em sua essência são coletivos. Os movimentos sociais, igualmente marcados pela coletividade, são ameaçadores, pois os identificam, denunciam, exigem reparação. (BENTO, 2022, p.121-122)

É imprescindível romper a aliança entre classes, elites políticas, educacionais, culturais e econômicas e uma parte da classe trabalhadora reunida pela supremacia³ branca, que vem possibilitando a reprodução do sistema do capitalismo racial⁴ (BENTO, 2022).

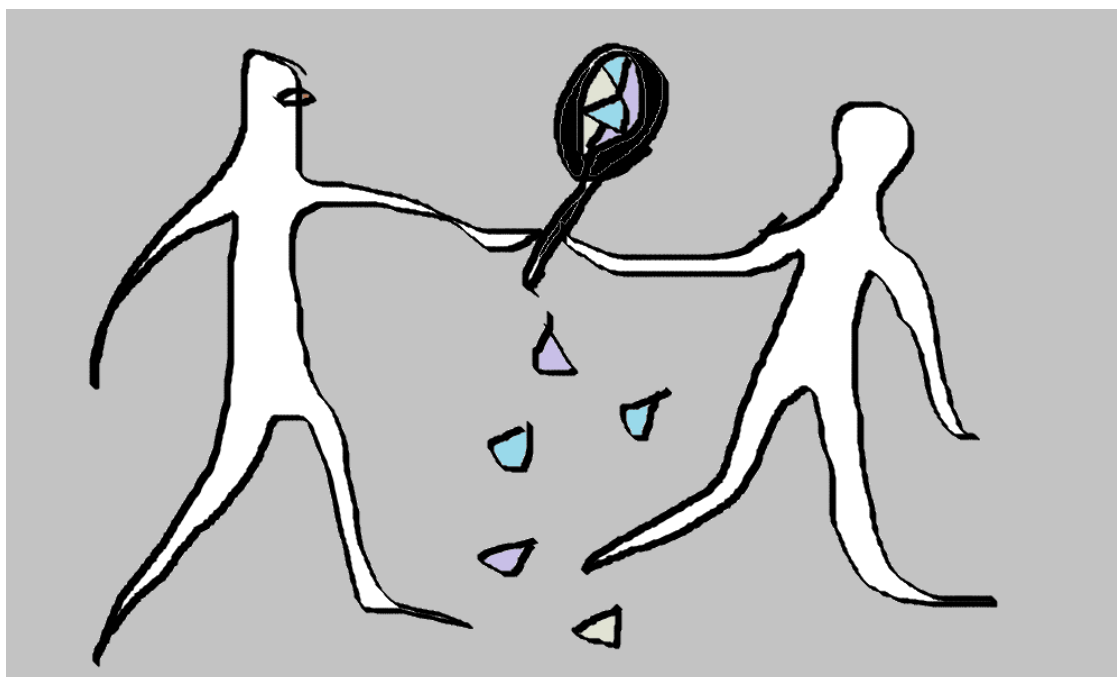
Cada fuzil ou vassoura na mão de uma pessoa excluída, atende a um propósito elitista. Nenhum boy chega ao topo, galgando degraus de altruísmo. O ponto mais alto, só é atingido pelas escadas das desgraças alheias. As nossas desgraças! Os herdeiros formados em Princeton e Harvard, não ocuparam o alto escalão da máquina pública para fazer caridade, mas para construir um sistema que lhes desse status de semideuses, para erguer um sistema onipotente, onipresente e onisciente, que eternamente regerá a vida de toda a população, de acordo com os critérios e as conveniências dos mais fortes. A renda per capita, de menos de um salário-mínimo, da porção majoritária da população anulada, é uma das provas incontestáveis, de que o sistema de domínio não foi instituído para atuar no calvário periférico como uma ferramenta em favor do povo e sim, como uma pena capital aplicada

³ Supremacia branca pode ser definida como a dominação exercida pelas pessoas brancas em diversos âmbitos da vida social. Essa dominação resulta de um sistema que por seu próprio modo de funcionamento atribui vantagens e privilégios políticos, econômicos e afetivos às pessoas brancas. (ALMEIDA, 2020).

⁴ Expressão que nasceu entre os sul-africanos que lutavam contra o regime do apartheid na década de 1970. Localizada hoje a partir da perspectiva de Cedric Robinson, que em 1983 focalizou as formas como o racismo permeia a organização e o desenvolvimento do capitalismo.

em *Slow Motion* para o operariado e em alta velocidade para os “transgressores das leis”. [...] traduzindo: na aquarela pós-colonial, para aqueles a quem foram delegados apenas deveres e obrigações relativos aos serviços braçais, o sistema não passa de um rival asqueroso, que se solidifica em formato de corporações desonestas e exploradoras, sádicos fardados, tribunais de justiça parciais e preconceituosos, penitenciárias superlotadas, necrotérios, cemitérios, e por fim, em ossuários coletivos. A mentalidade dos dominantes de agora, é a extensão dos pensamentos de seus ancestrais, que se sentavam ao ar livre para aproveitar os domingos, assistindo capitães do mato descarnando escravos fugitivos recuperados. Dentro da ideologia burguesa, forjada no preconceito e na cegueira por poder e riqueza, nunca existiu e nunca existirá expectativas de crescimento acadêmico, profissional e social para a massa de manobra! Está gravado nos ensinamentos assimilados por cada opressor, que uma concessão a nosso favor, tritura o equilíbrio econômico genocida, que banca toda a sua pompa! (TADDEO, 2012, p. 163-164)

Cavando meu próprio reflexo-imagem.



Cenário 67 – Meu reflexo-imagem.

Cavando o espectro do corpo branco, que se projeta no meu / em mim enquanto branca, encontrei um espelho. Alguns cacos caíam dele: cacos-

gênero, cacos-sexualidade, cacos-classe, cacos-idade, cacos-religião, cacos-nacionalidade... cacos outras subjetividades que me fazem, mas na base do espectro racham-se, ficando apenas a branquitude.

Nos estudos sobre a branquitude, no Brasil e em outros países, existe o consenso de que a identidade racial branca é diversa. No entanto, na busca por uma definição genérica, podemos entender a branquitude da seguinte forma: a branquitude refere-se à identidade racial branca, a branquitude se constrói e reconstrói histórica e socialmente ao receber influência do cenário local e global. [...] A branquitude é um lugar de privilégios simbólicos, subjetivos, objetivos, isto é, materiais palpáveis que colaboram para construção social e reprodução do preconceito racial, discriminação racial “injusta” e racismo. (CARDOSO, 2010, p.610-611)

O discurso europeu sempre destacou o tom da pele como base principal para distinguir status e valor: “bárbaros”, “pagãos”, “selvagens”, “primitivos” ... evidenciando a cosmologia que orientou a percepção eurocêntrica do outro nos grandes momentos de expansão territorial da Europa. Edward Said (2007) diz que o olhar europeu transformou os não europeus em um diferente e, muitas vezes ameaçador, *outro*. E esse outro tem muito mais a ver com o europeu do que consigo próprio (BENTO, 2022). Para Gayatri Spivak (2010) esse *outro* seria o subalterno dentro do “universal” que tem a fala impedida de reconhecimento e consequentemente de escuta. São sujeitos mudos pelo imperialismo cultural e pela violência epistemológica de um ser “universal”.

Os europeus, brancos, foram criando uma identidade comum que usou os africanos, negros, como principal contraste, e a natureza desigual dessa relação permitiu que os brancos estipulassem e disseminassem o significado de si próprios e dos outros através de projeções, exclusões, negações e atos de repressões que se reatualizam até os dias de hoje (BENTO, 2020). Sendo assim, a branquitude é uma posição em que aqueles que a ocupam foram de forma sistêmica privilegiados no que tange os recursos simbólicos e materiais, engendrados inicialmente pelo imperialismo e colonialismo (SCHUCMAN, 2020).

Santos (2019, p.35) compreende por colonização “todos os processos etnocêntricos de invasão, expropriação, etnocídio, subjugação e até de substituição de uma cultura pela outra, independentemente do território físico

geográfico em que essa cultura se encontra.”. Acusados de serem povos atrasados, improdutivos e sem cultura, portanto, um empecilho ao avanço e ao desenvolvimento da integridade moral, social, econômica e cultural dos colonizadores (SANTOS, 2019). Achile Mbembe (2018) afirma que o colonialismo foi um projeto de universalização, cuja finalidade era “inscrever os colonizados no espaço da modernidade” (MBEMBE, 2018, p.175), assentando-se no discurso da inferioridade racial dos povos colonizados ideologicamente com o neocolonialismo no final do século XVII, ou início do século XVIII, culminando no século XIX, quando adquiriu o reforço pseudocientífico de teorias biológicas de raça, e continuou a servir como apoio ideológico, formulando a ideia de que estariam fadados à desorganização política e ao subdesenvolvimento... sendo apoio ideológico para opressão colonial mesmo depois da abolição da escravidão (MBEMBE, 2018).

O processo de colonização se reatualiza com o movimento do tempo, utilizando armas com poder de destruição ainda mais sofisticadas, numa correlação de formas perversamente desiguais, só que hoje, os colonizadores, ao invés de se denominarem Império Ultramarino, denominam a sua organização de Estado Democrático de Direito (SANTOS, 2019) e não apenas queimam, mas também inundam, implodem, trituram, soterram, reviram com suas máquinas de terraplanagem tudo aquilo que é fundamental para a existência dos povos não-brancos, de seus territórios e todos os símbolos e significações de seus modos de vida.

O racismo e o colonialismo deveriam ser entendidos como modos socialmente gerados de ver o mundo e viver nele (FANON, 2020). Mesmos os brancos pobres e a classe trabalhadora se beneficiam do legado da opressão racial – Du Bois em *Black Reconstruction in America* [A reconstrução negra na América] (1995), constatou que a identificação da classe trabalhadora branca se deu com a elite patronal branca, e não com a classe trabalhadora negra, no Brasil não é diferente... nos últimos anos, o discurso do neoliberalismo conservador de supremacia branca emergiu com força a partir da destruição da sociedade salarial e da diminuição das políticas públicas (D’ANDREA, 2020). Esse discurso está por todos os lados, inclusive nas mentes de setores das periferias que passaram a acreditar que a ascensão social é o caminho e que o capitalismo revestido da meritocracia possibilita esse sonho. Não haverá salvação individual,

e não haverá salvação dentro de um sistema cujo cerne é a morte de indígenas, da população negra, da destruição da natureza, através da exploração e do lucro.

O racismo estrutural engendrado pelo colonialismo moderno insiste em dar cargas pesadas a pessoas não-brancas (AKOTIRENE, 2020). De acordo com Silvio Almeida (2020, p.50) “o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural.”

Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. O racismo é parte de um processo social que ocorre “pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição”. Nesse caso, além de medidas que coíbam o racismo individual e institucionalmente, torna-se imperativo refletir sobre mudanças profundas nas relações sociais, políticas e econômicas. [...] O que queremos enfatizar do ponto de vista teórico é que o racismo, como processo histórico e político, cria as condições sociais para que, direta ou indiretamente, grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistemática. (ALMEIDA, 2020, p.50-51)

Para Achille Mbembe (2018, p.88) o branco é “uma categoria racial que foi pacientemente construída no ponto de encontro entre o direito e os regimes de extorsão da força de trabalho”. Portanto a pobreza branca é diferente ou não faz parte da pobreza negra. Estendendo o diálogo quanto aos cacos caídos do espelho, Carla Akotirene em *Interseccionalidade* (2020) em diálogo com (COLLINS, 2021) diz que a interseccionalidade para a pessoa negra é um sistema de opressão interligado – é sobre a identidade da qual participa o racismo interceptado por outras estruturas.

Trata-se de experiência racializada, de modo a requerer sairmos das caixas particulares que obstaculizam as lutas de modo global e vão servir às diretrizes heterogêneas do Ocidente, dando lugar à solidão política da mulher negra, pois que são grupos marcados pela sobreposição dinâmica identitária. (AKOTIRENE, 2020, p.48)

Para Patrícia Hill Collins (2021) a interseccionalidade é uma ferramenta analítica, que a saber, que, em determinada sociedade, em determinado

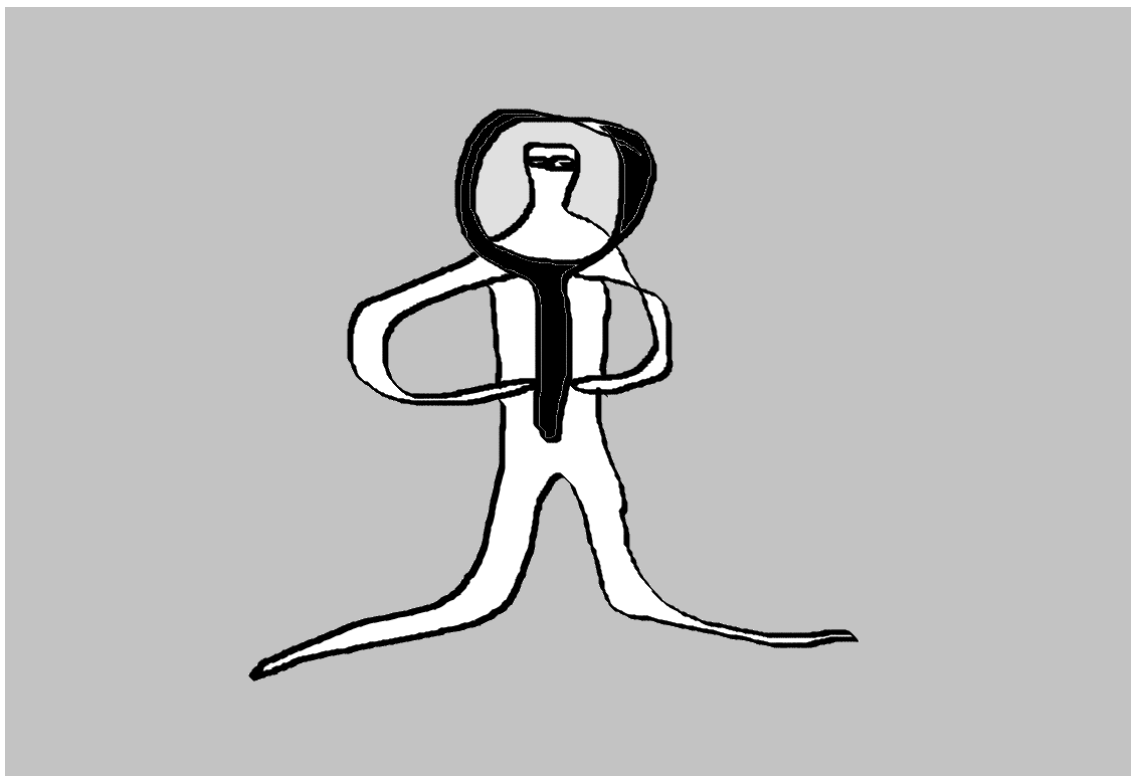
período, as relações de poder que envolvem raça, classe e gênero, por exemplo, além das categorias de gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras, não se manifestam como entidades distintas e mutuamente excludentes. É uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas. Porém entendendo que a branquitude não é só um sistema opressor, como faz parte de toda uma estrutura opressora, como uma pessoa branca: cabe à identidade branca usar interseccionalidade para desconstruir a falsa vulnerabilidade uniformizada, demonstrar o contexto das branquitudes, não incorrer de oportunismos fraudulentos no sistema de cotas raciais – chegando a “desenterrar a avó negra ou colocarem o pé na senzala” (AKOTIRENE, 2020, p.50). Interseccionalidade revela o que classe pode dizer de raça, da mesma forma que raça informa sobre classe. Sendo a raça a maneira como a classe é vivida, conforme diz Angela Davis (2016) em *Mulheres, raça e classe*.

Lourenço Cardoso (2010) em *Branquitude acrítica e crítica: A supremacia racial e o branco anti-racista*, analisa dois tipos de branquitudes distintas e divergentes, mesmo tendo o mesmo lugar de privilégio racial: a *branquitude crítica* que desaprova o racismo “publicamente”, com a ressalva de que nem sempre aquilo que é aprovado publicamente é ratificado no espaço privado, e a *branquitude acrítica* que não desaprova o racismo, mesmo quando não admite seu preconceito racial e racismo a branquitude acrítica sustenta que ser branco é uma condição especial, uma hierarquia obviamente superior a todos não-brancos.

A branquitude crítica não se preocupa com a reflexão de que possuem identidade racial, por outro lado, a branquitude acrítica propaga direta e indiretamente a superioridade e pureza racial branca. Apesar do apoio às práticas racistas ou da inação diante delas, a branquitude acrítica pode não se considerar racista porque, segundo sua concepção, a superioridade racial branca seria uma realidade inquestionável. O discurso principal da branquitude acrítica sustenta-se na ideia de existência de uma superioridade racial branca, expressa o mais acentuado pensamento racista da ultradireita. “Capaz de alinhar “raça” com nacionalidade, patriotismo e nacionalismo. Um racismo que tomou uma distância necessária das grosseiras ideias de inferioridade e superioridade

biológica busca, agora, apresentar uma definição imaginária da nação como uma comunidade cultural unificada.” (HALL, 2005, p.64).

Questionando o espelho.



Cenário 68 – Tencionando o corpo branco.

No Brasil, de acordo com Lourenço (2020), grande parte dos estudos vem se concentrando em abordar a branquitude crítica, apresentando as contradições entre o discurso público contrário ao racismo e as práticas racistas cotidianas presentes nas relações pessoais às instituições, em sintonia com o mito da democracia racial. Mas o que vemos presente na nossa sociedade contemporânea é a branquitude acrítica se apoderando cada vez mais, e repetidamente nos movimentos do tempo, de espaços de poder: como a própria presidência, entre outros cargos políticos, representando mais de 49,12% de votos válidos da população brasileira.

Enquanto o branco “crítico” antirracista faz postagens nas redes sociais, conta a história da “avó pega no laço” para encobrir seu frágil pacto narcísico de se olhar no espelho da própria branquitude e se dar conta do seu lugar nessa

estrutura, um projeto de supremacia branca cresce e se alastra no Brasil – mais uma vez.

Os privilégios que resultam do pertencimento a um grupo opressor é um dos conflitos a serem enfrentados, particularmente, pelos brancos anti-racistas. Esse conflito pessoal tende a emergir no momento em que se visibiliza a identidade racial branca. Desta forma, a branquitude crítica segue mais um passo em direção à reconstrução de sua identidade racial com vistas à abolição do seu traço racista, mesmo que seja involuntário, mesmo que seja enquanto grupo. A primeira tarefa talvez seja uma dedicação individual cotidiana e, depois, a insistência na crítica e autocrítica quanto aos privilégios do próprio grupo. (CARDOSO, 2010, p.624)

É preciso reconhecer-se no espelho, sem medo de pisar em vidros, pois os vidros já estão quebrados faz tempo, e não são nossos pés que estão melados de sangue – pés brancos, pois ainda assim temos passibilidade para caminhar sobre os cacos. É preciso processos, fazeres-mundo que, ao mesmo tempo em que afirmem o lugar dos movimentos negros e indígenas como protagonistas históricos da luta antirracista e da ampliação da noção conflitiva de direitos humanos, coloquem em xeque a perspectiva de que o racismo é um problema das pessoas negras, indígenas e de outros grupos sociais racializados e impliquem de fato pessoas brancas e instituições a assumirem responsabilidades como sujeitos de tensionamento e da transformação das relações raciais, indo além da convocação ao apoio, à solidariedade e à luta política “dos/as/es outros/as/es”.

Trabalhar com equidade exige um posicionamento sistêmico, significa reconhecer e enfrentar o racismo entranhado nas diferentes instâncias sociais, seja no interior das organizações. Seja no campo em que ela atua enquanto parte de um coletivo de organizações que compõe a sociedade. Significa apoiar a construção de um estado de bem-estar social substantivo e conseqüentemente as políticas públicas, já que os principais beneficiários delas são os grupos mais vulneráveis e que dependem disso para acessar serviços de saúde, trabalho, educação e moradia. Diz respeito a se posicionar e fortalecer publicamente a retomada dos direitos constitucionais e das redes de proteção conquistadas pelas populações femininas, negras, quilombolas e indígenas. A equidade encontra-se no território da construção de

organizações melhores para trabalhar, de mundos melhores para viver, de ambientes mais democráticos e justos. Isso implica reconhecer ao mesmo tempo o outro e o que somos, apreender nossos lugares recíprocos, situar os nossos papéis, identificar na estrutura de nossas organizações os elementos que fomentam a supremacia e a história que gerou ônus para uns e bônus para outros. E seguir realizando as mudanças institucionais imprescindíveis. (BENTO, 2022, p.128-129)

Localizando os cacos (sexo, gênero e sexualidade).



Cenário 69 – Cacos subjetivos de um corpo.

Alguns cacos se estilhaçaram pelo buraco sem fim de uma primeira enxadada no percurso da cavação. Longe de um pensamento competitivo, da crença dominante de que o indivíduo se constitui em oposição aos demais, ao coletivo, os cacos não são menos importantes do que o inteiro refletido. Cada caco reflete seu próprio processo, de um todo que está conectado. Não são movimentos opostos em competição pelo “primeiro lugar da opressão”. Cada caco contribui e deve continuar colaborando no reconhecimento e na luta conjunta em desafiar de forma efetiva a norma dominante que se encontra no pensamento ocidental tradicional, no bojo do processo de colonização e nas estruturas que vão se reatualizando e se refletindo com os passos do tempo. A

norma eurocêntrica e ocidentalizante também tem raça, classe e gênero, suas subjetividades são construções dessas próprias categorias, que não são apenas dos “outros” categorizados por *ELES*.

“Dentro da nossa sociedade, todas as formas de opressão encontram apoio no pensamento ocidental tradicional.” (hooks, 2019, p.70), no Ocidente, o pensamento europeu aponta o *outro* por sua tirania de forma científica como – um desvio de um tipo original – e de forma moral, um desvio de uma norma de comportamento. Consequentemente, quem está em posições de poder acha imperativo estabelecer sua biologia como superior, como uma maneira de afirmar seu privilégio e o domínio sobre os outros. Quem é diferente é visto como geneticamente inferior e isso, por sua vez, é usado para explicar sua posição social desfavorecida (OYĚWÙMÍ, 2021).

O tão falado dualismo cartesiano era apenas uma afirmação de uma tradição na qual o corpo era visto como armadilha da qual qualquer pessoa racional deveria escapar. Ironicamente, apenas os ditos *outros*, classificados como diferentes eram corporificados de categorias que estavam distantes dessa lógica: mulheres, judeus, africanos... em épocas variadas. O corpo da razão, do *homem-branco-heterossexual-cristão* era o corpo universal, portanto – *humano* – aliás, “*homem*” (já que essa palavra é usada até hoje na linguagem com a ideia universalizante do ser humano) dito como a norma. “Não é de se estranhar, pois, que a linguagem e a ótica empregadas em tais definições sejam marcadamente masculinas.” (LOURO, 2020).



Cenário 70 – Retrato dominante universal.

Nos discursos ocidentais essas categorias criadas a partir do *universal* e do *outro* são usadas como base para a construção de hierarquias sociais. O corpo é usado como chave para situar as pessoas no sistema social ocidental, quanto mais se parecem com o universal, mais privilégios se inscrevem, quanto mais se distanciam de sua imagem, mais se tinham desvantagens sociais.

Frantz Fanon (2020) diz que, em um mundo maniqueísta – existe um campo de oposições diversas, entre bem e mal, superior e inferior, razão e emoção, corpo e mente etc. – onde a situação colonial produz dois tipos de pessoas: colonizador e o colonizado (colono e nativo). O que os diferencia não é apenas a cor da pele, mas também o estado de espírito, como o próprio domínio colonial é descrito como uma prerrogativa *viril, paternal ou senhorial*. O costume e a prática coloniais surgiram de uma visão de mundo que acredita na superioridade absoluta do humano sobre o não humano e o sub-humano, o

masculino sobre o *feminino*... e o moderno ou avançado sobre o tradicional ou o selvagem (OYĚWÙMÍ, 2021).

O processo colonial foi diferenciado por sexo, na medida em que os colonizadores eram machos e usaram a identidade de gênero para determinar a política. Além de empregar a *raça* como base de distinções, deve levar em conta seu forte componente de *gênero*. Precisamos pensar gênero interseccionado com classe e raça (TEIXEIRA, 2021), assim, interseccionalizando gênero e raça, desde a colonização na hierarquia da imagem universal as mulheres africanas e nativas ocupavam a categoria residual e não especificada do Outro como “mulheres”.

Mulheres europeias estiveram presentes em algumas funções, reconhecidas por seu trabalho “feminino” pelo masculino, mas nos ramos administrativos, que incorporavam poder e autoridade eram excluídas por lei. Se as mulheres “do colonizador” foram tão insignificantes, não é de surpreender, que fosse impensável para o governo colonial reconhecer a categoria de mulheres para povos que colonizaram (OYĚWÙMÍ, 2021).

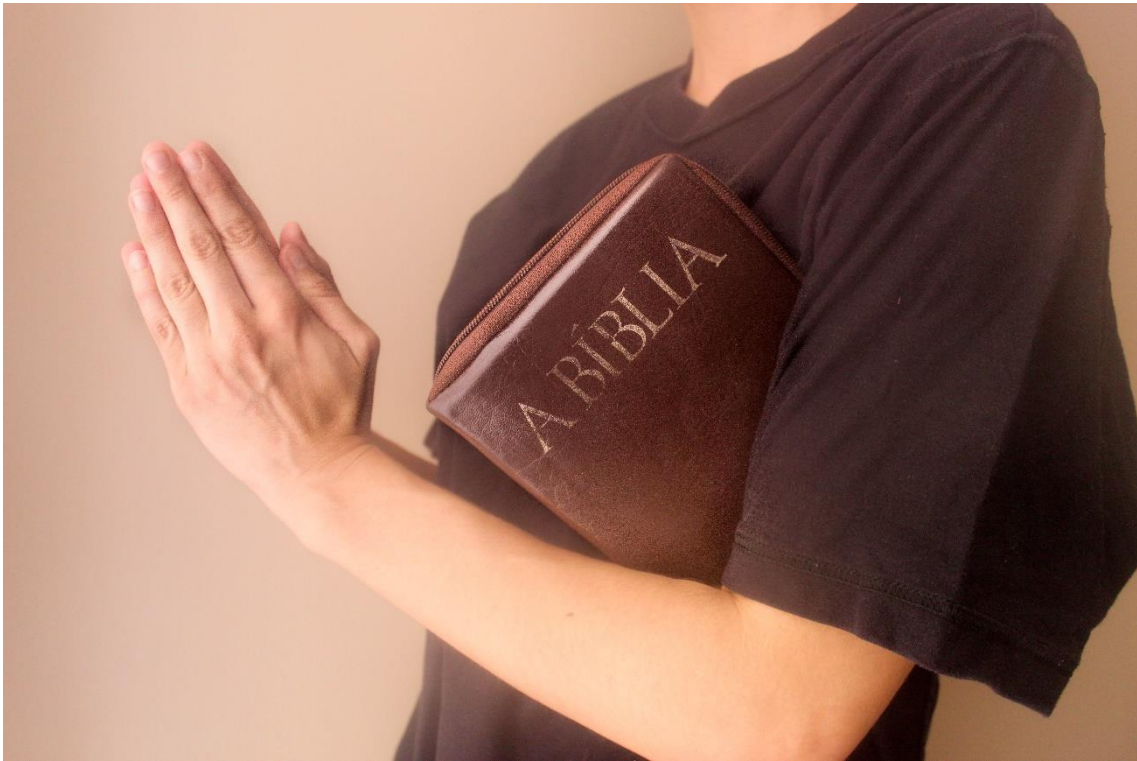
A opressão sexista é perpetuada e propagada historicamente com o passar do tempo, por estruturas sociais e institucionais; por indivíduos que dominam, exploram ou oprimem; e pelas próprias vítimas, educadas socialmente para agir em cumplicidade com o sistema machista e misógino (hooks, 2019).

A opressão sexista é a prática de dominação que a maioria das pessoas aprende a aceitar antes mesmo de saber que existem outras formas ou grupos de opressão. Isso não significa que erradicar a opressão sexista eliminaria outras formas de opressão. Uma vez que todas as formas de opressão estão ligadas em nossa sociedade, um sistema não pode ser erradicado enquanto os outros permanecem intactos. Desafiar a opressão sexista é um passo crucial na luta pela eliminação de todas as formas opressão. (hooks, 2019, p.70)



Cenário 71 – Violência patriarcal.

A identidade de gênero dos colonizadores também é importante quando se percebe a construção do nível da política, dos sistemas administrativos, educacionais, legais e religiosos, onde a colonização foi um processo multifacetado que envolve diferentes tipos de pessoas europeias, em específico, *homens brancos*: missionários, comerciantes e funcionários do Estado. Sendo o processo de cristianização um aparato junto ao estado do patriarcado como parte integrante desse projeto colonial.



Cenário 72 – Colonização no Brasil I.



Cenário 73 – Colonização no Brasil II.



Cenário 74 – Colonização no Brasil III.

O cristianismo e a educação ocidental eram inseparáveis – escola e igreja tinha um propósito: europeização. Transformar os colonizados, seus costumes e cosmo percepções, e não em preservá-los. Tornar *civilizados* aqueles que diziam ser *selvagens*, inferiores. Para o cristianismo colonial meninos e meninas precisavam ser educados, mas para diferentes lugares dentro do sistema, sendo a educação masculina priorizada... o que vai acarretar o acesso de várias mulheres à educação – isso novamente, cavando sempre mais profundo quando intersecionamos raça e gênero. “A formação global de gênero é então um processo imperialista possibilitado pelo domínio material e intelectual ocidental” (OYĒWÙMÍ, 2021, p.130).



Cenário 75 – O pecado original.

Nesse sistema ocidental, os comportamentos associados a cada gênero são postos como a única opção válida e norma aceita. Essas normas também refletem na sexualidade. Assim, as noções de certo e errado, em termos de gênero, sexualidade e orientação sexual, são atributos estabelecidos pelos

valores culturalmente construídos, valores dominantes; estes que seguem uma orientação. Orientação que fala através da educação de um lugar de poder, um lugar que é social, político, filosófico e religioso. A heteronormatividade consequentemente é construída, ou seja, torna os valores associados à heterossexualidade como os pressupostos que regem a sociedade e devem ser compulsórios aos indivíduos – na visão da igreja como algo “natural” do ser humano; na visão do patriarcado como posse e domínio sobre o feminino nos diversos espaços territoriais e subjetivos; na visão do capitalismo como exploração e hierarquia. Todos marcados pela visão da manutenção e propagação à sua autoridade coercitiva, autoritária e dominante no patriarcado (outra maneira de nomear o sexismo institucionalizado).



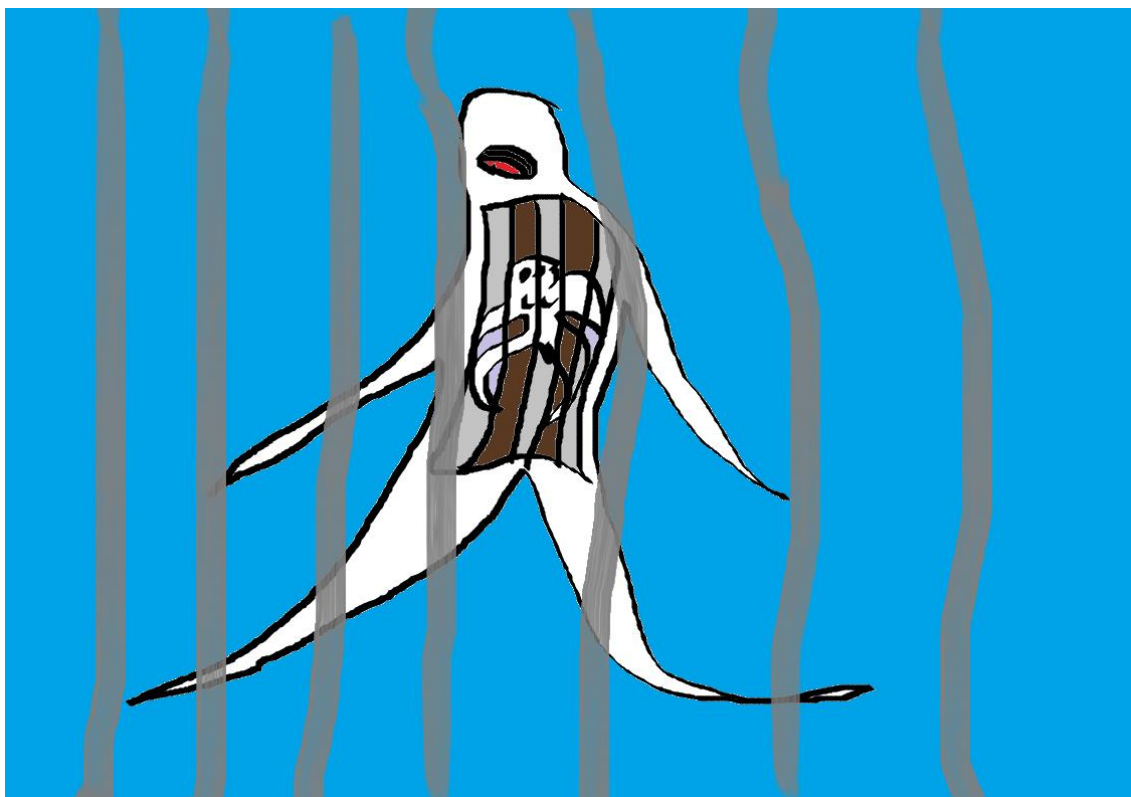
Cenário 76 – Corpo queer.

Produzem-se discursos carregados da autoridade da ciência, que se confrontam ou se combinam com os da igreja, da moral e da lei. Esse padrão eurocêntrico restaurou prerrogativas cristãs, nacionalistas, racializadas da

engrenagem do mundo moderno e responde teoricamente às problemáticas criadas por ele mesmo: *“Deus, pátria, família e liberdade”*.

As discontinuidades, transgressões e subversões que essas três categorias (sexo-gênero-sexualidade) podem experimentar são empurradas para o terreno do incompreensível ou do patológico. Para garantir a coerência, a solidez e a permanência da norma são realizados investimentos continuados, reiterativos, repetidos. Investimentos produzidos a partir de múltiplas instâncias sociais e culturais: postos em ação pelas famílias, pelas escolas, pelas igrejas, pelas leis, pela mídia ou pelos médicos com o propósito de afirmar as normas que regulam os gêneros e as sexualidades. As normas regulatórias voltam-se para os corpos para indicar-lhes limites de sanidade, legitimidade, moralidade ou coerência. Daí porque aqueles que escapam ou atravessam esses limites ficam marcados com corpo – e sujeitos – ilegítimos, imorais ou patológicos. (LOURO, 2020, p.75-76)

O bicho.



Cenário 77 – A gaiola.

Durante muito tempo não tive coragem, coragem de rasgar-me. Guardei meus sentimentos, meu ser. Fui me adaptando. Tentando conciliar a sobrevivência de fora e de dentro, mas para isso alguma parte do inteiro era morta, adoecida. Como um bicho engaiolado em uma prisão que deveria ser a própria liberdade – o corpo.

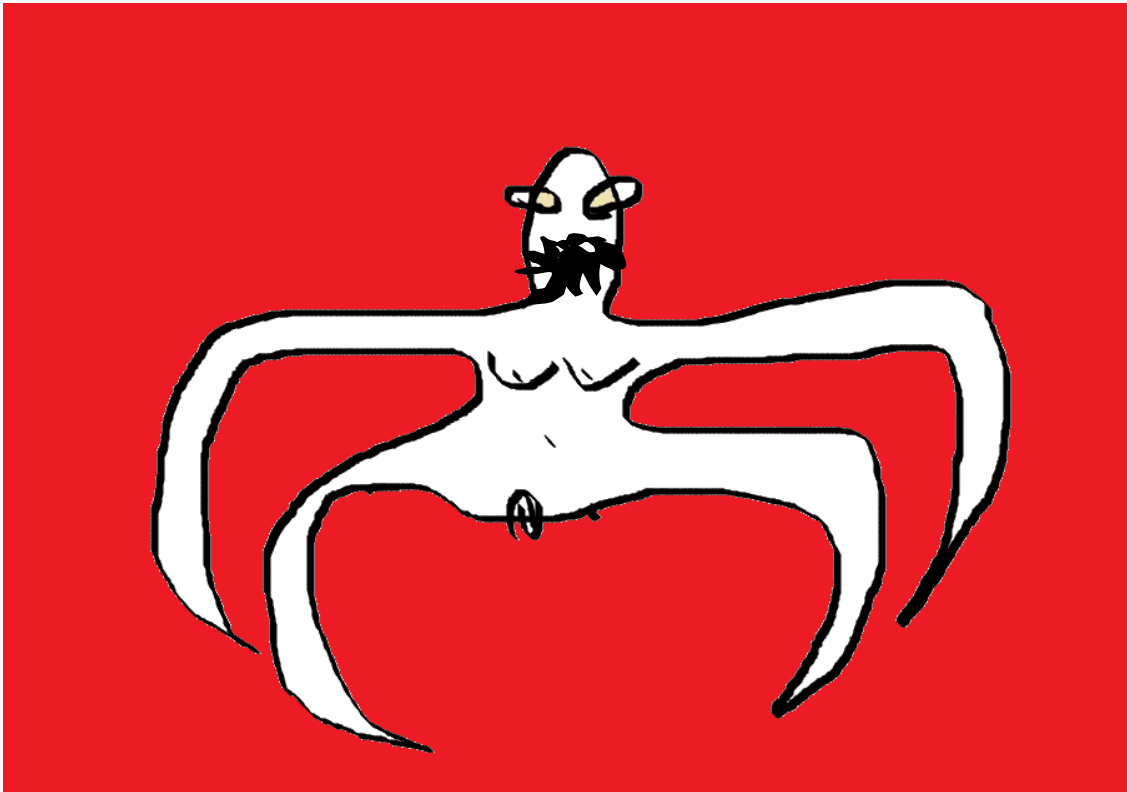
Domestiquei meu bicho: senta, deita, rola! A sociedade dava petiscos para a 'boa' corpa. Às vezes o bicho rebelava-se, fugia da coleira, e queria sair corpo afora, morder todo mundo; mostrar sua fúria. De uma prisioneira na qual o crime era desviar da normatividade. O alcançava antes que saísse pelos poros, pela boca, pelos olhos. O bicho me mordida. Tenho várias cicatrizes de suas mordidas, elas costumam se denominar como falta de coragem. Eu entendia essa dor da mordida como receio. Receio de soltá-lo e o matarem.

Do lado de fora haviam tacos empunhados nos dedos que apontavam, nos discursos, nos olhares, na rejeição. E toda essa violência se materializava em mim, construindo essas cercas, deixando partes presas – inclusive o bicho.

Às vezes o bicho sonhava, no sonho tentava se soltar. Ela vinha nos sonhos do bicho, ele não conseguia dizer que a amava. Estava preso até dentro e dentro de si. Aquela materialização dos tacos chegou nos sonhos. As prisões eram fortificadas. O bicho foi sendo dominado.

A jaula que parecia prendê-lo adoeceu, enferrujou. É que corpo não foi feito para ser jaula, prisão de seus próprios bichos. Corpo foi feito para libertá-los. Ser bicho no mundo. Materializar o urro, o gesto, o movimento, a vida a qual faz e pertence.

Com a gaiola enferrujada o bicho domesticado foi saindo de pouco em pouco, hoje consigo vê-lo em mim, encarando pelos meus olhos a sociedade. Afirmando-se em um novo discurso que se materializa no corpo fazendo dele não mais uma prisão, mas sua morada, seu palco, sua expressão.



Cenário 78 – Fugitiva.

Mulheres e homens, *cis* ou não, *binários* ou não, independente da orientação sexual, temos sido socializados/as/es desde o nascimento para aceitar pensamentos e ações sexistas e homofóbicas. É preciso desafiar tudo aquilo que nos ensinam a ter como norma. Mudarmos a consciência e o coração; até desapegarmos de pensamentos e ações sexistas (hooks, 2020). Homens cis brancos heterossexuais devem abrir mão dos benefícios para encontrar esperança para suas próprias libertações das amarras do patriarcado. Para mudar isso, devem criticar e desafiar a dominação masculina sobre o planeta, sobre homens menos poderosos, sobre homens negros, sobre homens não binários e *trans*, sobre mulhereS e crianças. Mulheres cis brancas heterossexuais devem confrontar as maneiras pelas quais – por meio de sexo, classe e raça – dominaram e exploraram outras milhares de mulhereS. Entender que a sororidade jamais teria sido possível para além dos limites de raça e classe se mulheres individuais não estivessem dispostas a abrir mão de seu poder de dominação e exploração de grupos subordinados por mulheres (hooks, 2020). Enquanto usarem poder de classe e raça para dominar outras mulhereS, a sororidade não poderá existir por completo.

Todos/as/es devem comprometer-se de acordo com seus lugares de enunciação, atuação na sociedade/nos espaços, respeitando cada protagonismo e se aliando efetivamente contra essa lógica colonial. Confrontando o racismo, o sexismo, a lgtqia+fobia, o capacitismo, o capitalismo, e conseqüentemente, o elitismo e o imperialismo, pois nada adiantará caso essa não seja a linha de frente, pensando em todo o percurso dessas palavras catadas-lançadas de uma primeira escavação.

Desafiar de forma efetiva, o binarismo de gênero e a heteronormatividade, em suas estratégias públicas e privadas, que mobilizam coletiva e individualmente, a coerção, o medo e as gaiolas, que tentam amedrontar as identidades e subjetividades desviantes. Desafiar como uma atitude epistemológica que não se restringe à identidade questionar, problematizar, contestar, todas as formas bem-comportadas de conhecimento e de identidade, mas que se tornem práticas educativas diárias para empreender uma mudança epistemológica que efetivamente rompa com a lógica binária e com seus efeitos: a hierarquia, a classificação, a dominação e a exclusão.



Cenário 79 – Tecer novas rotas I.



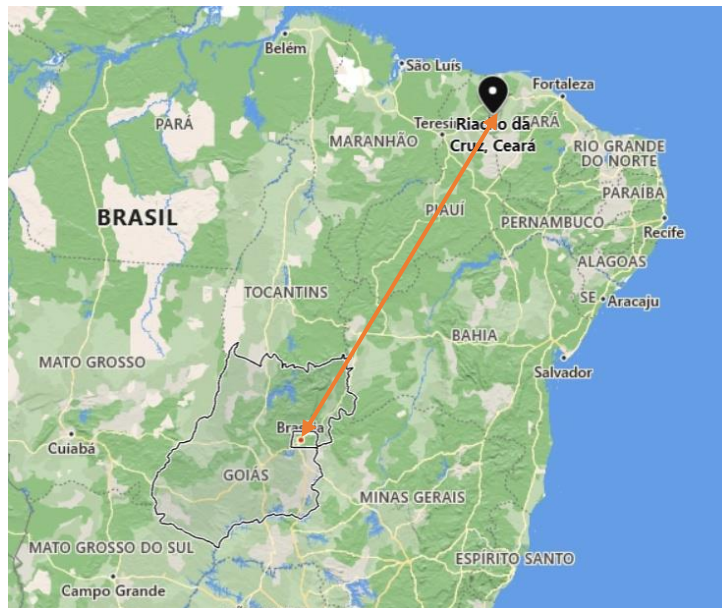
Cenário 80 – Tecer novas rotas II.

Quarta Parte – Vozes geopolíticas do conhecimento.



Cenário 81 – Face feita de várias.

Raimunda Lúcia, avó materna.



Cenário 82 – Mapa de origem avó materna.



Cenário 83 – Avó materna, Raimunda Lúcia.

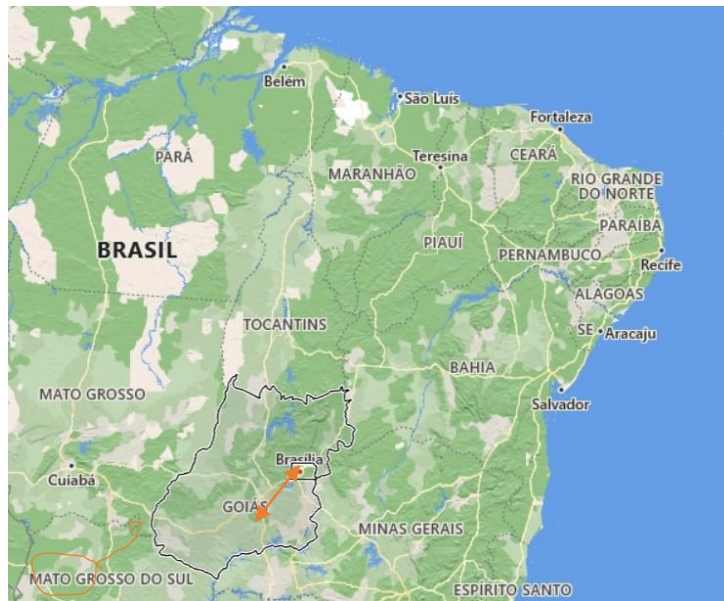
Eu sempre gostei muito de plantas, aprendi a gostar com minha avó materna, Raimunda Lúcia. Ela não tem muitas, sua casa é pequena e com muita gente. No barraco atrás mora minha tia Maria Gorete, a mais velha dos irmãos e irmãs com seus dois filhos, Larissa e Alex, meu primo e prima. Na casa construída na parte da frente do lote moram minha avó, meus três tios solteiros Fernando, Fábio e Fabiano e meu primo Mateus que minha avó pegou para criar. Aprendi a beber chá, costurar à mão, comer rapadura, tapioca e cuscuz com ela. Sobre força, resistência e destemor também.

Nordestina, pobre, do sertão do Ceará, vinda para o Distrito Federal na década de 1970 em um dia de muita chuva. Analfabeta perante a gramática normativa, com uma penca de filhos e sozinha. Lá trabalhava nos roçados, juntamente com as crianças, sabendo o que é passar fome, aqui trabalhou na casa de um/a e de outro/a como faxineira, babá e faz de tudo, como ela mesma diz. Os filhos e as filhas como eram 8 tiveram que se separar nos barracos feitos de madeira em invasões de amigos e amigas, que se fizeram na capital, também vindos/as/es para Brasília de suas cidades de origem. Depois de muita luta, minha avó conta que conseguiu o barraco na Ceilândia, onde ela e todos os filhos e filhas puderam ficar juntos. Não cheguei a conhecer meu avô Raimundo, que também veio para Brasília antes da minha avó em busca de emprego na cidade nova, ele era pedreiro, mas acabou falecendo muito jovem por conta da bebida.



Cenário 84 – Vô Raimundo e Vó Raimunda; Ceilândia – DF.

Maria Deuzinha, avó paterna.



Cenário 85 – Mapa de origem avó paterna.



Cenário 86 – Avó paterna, Maria Deuzinha.

Eu sempre gostei muito de histórias, aprendi a gostar com minha avó paterna, Maria Deuzinha. Ela não tinha livros, cadernos, não sabia ler nem escrever, mas sempre me contava uma história nova. Histórias de vida dela, suas origens, e de pessoas que conhecia.

Goiana, pobre, do interior do Goiás, veio para Brasília com os dois filhos sozinha, meu pai César e minha tia Cristiane (conta que teve poucos filhos/as por conta de uma violência obstétrica na qual o médico retirou seu útero sem consentimento/permissão já na capital). Veio atrás do meu avô Adolfo que havia desaparecido em busca de emprego na cidade nova. Ao chegar aqui encontrou meu avô como uma exímia detetive, rodando a cidade e perguntando de boca em boca se alguém o havia visto com uma foto em mãos... o encontrou, meu avô já estava trabalhando arrumando veículos na cidade, mas ainda sem um local para morar e sem meios para se comunicar.

Minha avó conta que no interior do Goiás aprendiam profissões desde pequenas/os, e que ninguém da família teve a oportunidade de estudar. Ela ainda criança trabalhava como babá e faxineira nas fazendas que seu pai (meu bisavô) trabalhava, cada um dos seus irmãos e irmãs desempenhavam um trabalho nessas fazendas nas quais os donos mandavam em tudo, e que trabalhando também podiam morar nesses espaços e pegar um pouco da parte que colhiam, o que era pouco, mas dava. Que as crianças que ela cuidava iam para a escola, e quando ninguém estava por perto ela abria seus livros e sozinha aprendeu o alfabeto. Seu maior sonho era estudar, mas casou muito cedo desempenhando o papel de dona de casa e cuidadora do filho e da filha, enquanto meu avô trabalhava de mecânico e fazedor de bicos. Ao chegar na capital, trabalhou como faxineira, manicure, fazendo comida, passando roupa... de tudo que sabia e pôde para ajudar no sustento da família.

Meu avô paterno era muito tímido, também pobre do interior do Goiás. Ao chegar na cidade para conseguir conversar, arrumar emprego etc., também começou a beber, quando nasci ele já era alcoólatra, nos seus momentos sóbrio me contava muitas histórias, também aprendendo a gostar de histórias por conta dele. Ele criava personagens imbrincados em sua própria história de vida, sempre de forma crítica misturada com comicidade. A pessoa mais humilde que já conheci na vida, sempre pensava no próximo, mesmo sem ter nada. Faleceu em 2013 por conta da bebida.



Cenário 87 – Avô paterno, Adolfo.

Link de uma cena, recontando uma história do meu avô Adolfo:

<https://www.youtube.com/watch?v=um0BUoeWS64&t=2s>

Uma nova interlocutora, a história da Catadora de Palavras.



Cenário 88 – Mapa origem, Setor O – Ceilândia Norte.



Cenário 89 – Isadora com 6 anos de idade com sua cachorra Cora.

Essa sou eu com 6 anos, uma criança que aprendeu desde cedo a ser inventiva no *faz de conta* para driblar a solidão; independente, pois precisava, não por opção; feliz quando o assunto era rua e as brincadeiras até tarde da noite; conhecida como *pé de toddy*, pois os pés sempre estavam sujos de andar descalça; gostava não só de estudar, mas queria ser destaque todos os bimestres e era – assim chamava atenção da família, principalmente do pai. Carregava consigo sempre um caderno, desenhava as pessoas da rua e escrevia sobre elas, personagens reais de histórias inventadas. Essa coisa de histórias veio da minha família, sempre as contando, inventando-as e me fazendo acreditar que sim, podemos inventar um novo mundo – através do mundo que temos.

Filha de um pai engraxate que se tornou militar, vindo do Goiás para Ceilândia – DF e de uma mãe dona de casa que se tornou técnica de enfermagem, vinda do Ceará para Ceilândia – DF.

Minhas famílias fizeram parte da Vila do IAPI, a maior invasão da história de Brasília. Era um conglomerado de barracos dos/as que vieram trabalhar na construção de Brasília e não tiveram condições de construir uma moradia.

De forma higienizadora, evidenciando o caráter excludente do projeto modernista de Brasília, que expulsava os operários que entregaram suas vidas para a construção da cidade e, ao mesmo tempo, privilegiava com posses e apartamentos as famílias mais abastadas que vieram para a região, o governo decidiu transferir os moradores e moradoras da Vila para Ceilândia, nome que teve origem na Comissão de Erradicação das Invasões (CEI). Cabe ressaltar que os lotes não foram doados aos moradores e moradoras, mas adquiridos e pagos. Os valores inicialmente prometidos e depois reajustados deram origem ao movimento conhecido como *Incansáveis de Ceilândia* – uma das organizações que nasceu em 1979 por meio da mobilização dos próprios moradores e moradoras em torno da questão do pagamento do lote a preço justo, mas que logo depois se desdobrou em outras lutas, tamanho era o trânsito da associação pelos espaços políticos, que exerceram um papel central na luta pela reivindicação de seus direitos (ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL, 2019).

Grande parte dos/das trabalhadoras que depositaram suas forças de trabalho na construção da nova cidade, anunciada como capital da esperança, encontraram um território marcado em termos de raça e classe. Marcadores sociais que serviram de elementos fundamentais na organização urbanística da cidade pela face das elites e dos gestores públicos que queriam ocultar toda a história dessa parcela da população da “invenção” da cidade. Considerando principalmente o movimento de especulação imobiliária e a remoção das Vilas Operárias, que ocorreu posteriormente à construção do complexo central do Plano Piloto. Vale salientar que várias dessas pequenas cidades sumiram do mapa: Vilas do I.A.P.I, Tenório, Esperança, Bernardo Sayão, Morro do Urubu e do Querosene.

Importante salientar o modo na qual percebo, penso o conceito e a relevância de “família” aqui. Como Mandelbaum (2018) aponta,

a relevância de pensar a família como instituição social, historicamente determinada. As transformações econômicas, sociais e culturais sempre impactaram a família, produzindo mudanças em seus arranjos, em suas dinâmicas e suas relações com o mundo. (MANDELBAUM, 2018, p. 19).

E sugere ainda que é preciso compreender a família

[...] como campo de interseção entre a realidade social e a vida psíquica, uma tessitura que, em seu arranjo de parentesco e nos significados que atribui a cada um dos lugares que a compõem, sofre determinação de uma história sociocultural na qual se estabelece e que a atravessa, ao mesmo tempo em que é constituída na interação afetiva entre os membros. Toda família constitui um microcosmo fincado nas intermediações entre a esfera social e individual, o público e o privado, o real e a representação, o biológico e o cultural. (MANDELBAUM, 2018, p. 19).

Sendo assim, penso a família como parte de um primeiro contato na construção sociocultural do sujeito. Inscritos/as em mim pelo compartilhamento de suas histórias e vivências, de seus modos e significações, epistemologias e tecnologias de saberes, traumas e dores. Subjetividades singulares que se revelam como integrantes de uma estrutura particular e, ao mesmo tempo, como

determinações de um todo social. Dentro de cada relação afetiva, dos seios familiares seus sujeitos podem tanto legitimar e/ou desconstruir hierarquias violentas de forma macroestrutural e microestruturais.



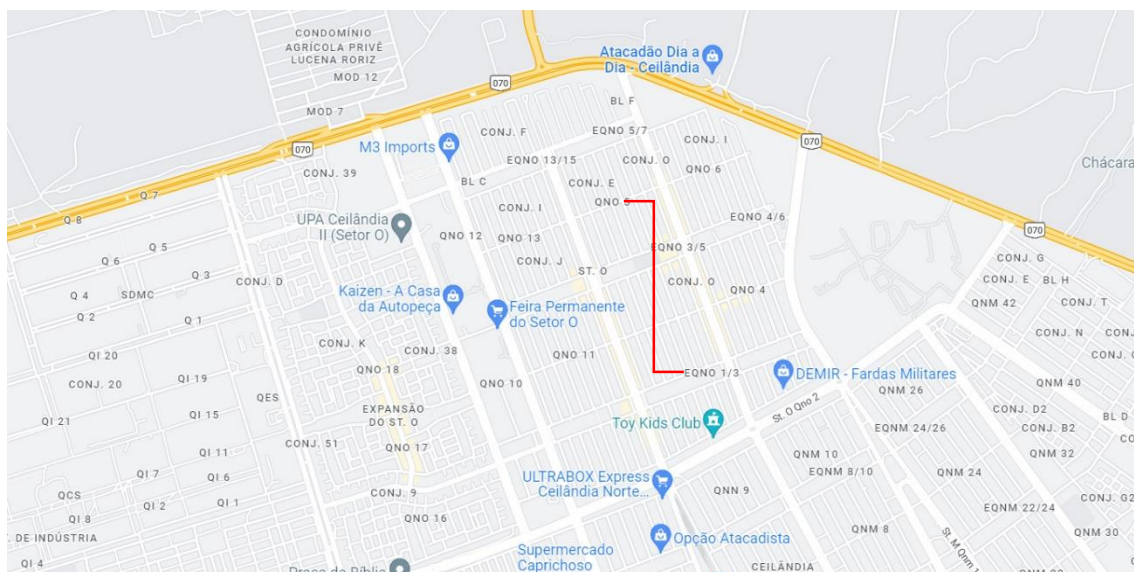
Cenário 90 – QNO 1, Magal, amigo da família e meu pai, 1980.



Cenário 91 – QNO 1, meu tio, meu sobrinho e minha avó paterna, 2022.

Minha família materna mora na QNO 5 da Ceilândia Norte, minha família paterna na QNO 1 da Ceilândia Norte, a QNO 3 da Ceilândia Norte é o entre das duas. Vivo indo de uma quadra à outra. Esse é o percurso do meu afeto, do meu pertencimento, da minha construção enquanto sujeita, da minha biblioteca de

histórias. Espaços cotidianos que fazem parte do mapa-múndi dos/as/es moradores.



Cenário 92 – Percurso do que me faz

Pessoas de localidades distantes, até mesmo a televisão, dizem o quanto meu território é perigoso, e enquanto eu ando de uma casa para a outra me sinto segura, é importante para a minha constituição afetiva (de um lado Raimunda e do outro Maria; no meio várias pessoas que também se fazem família-comunidade). Mesmo sabendo que morar na periferia é ter perdido o jogo urbano (demorados deslocamentos no trajeto trabalho-moradia; dificuldades no mercado laboral; dificuldade de acessos a serviços públicos; escassez de opções de lazer e cultura; visível precariedade e pobreza dos bairros populares, dentre outras expressões da desigualdade facilmente perceptíveis), o pertencimento vem de um fio de histórias. Não tem como andar por esse percurso sem escutá-las – um bordado tecido pelas mãos vivas de quem o habita e vai deixando seu rastro, como em cada cenário. A vivência incorpora esses cenários, os cenários incorporam essas vivências, somos um imbricamento de tudo isso através da linguagem, dos códigos culturais, das estéticas e das poésis.



Cenário 93 – Palavras-corpos.

“Eu só quero é ser feliz, andar tranquilamente na favela em que eu nasci, é! E poder me orgulhar, e ter a consciência de que o pobre tem seu lugar.”. Cidinho e Doca (1995)



Cenário 94 – Vista do conjunto A da quadra QNO 1.



Cenário 95 – Vista do conjunto A da quadra QNO 5.

Da QNO 1 à QNO 5 da Ceilândia Norte observo a vida e a vida apresenta-se de acordo com a realidade vista. O estigma reduz essa vida, aqui falo da posse do orgulho – longe de uma “romantização da pobreza”, pois nenhum pobre deseja permanecer na condição da miséria; pelo contrário, orgulho de pertencer à potência criativa de uma habilidade exigida para habitar – da passagem da passividade à ação (no e para além do território). No desenvolvimento do senso crítico e projeto para a superação das atuais condições, o que é diferente da vergonha, da recusa, do distanciamento e do silêncio do que sou. Minha avó paterna narra quantas amigas perdeu pela vergonha que sentiam em pertencer: “elas foram embora porque queriam morar em outro lugar, um “lugar melhor”. Hoje me pedem até a localização para chegar aqui, como pode né?!”.

Meu olhar é como uma câmera fotográfica apreendendo imagens e filmes de um tempo espiralado. Imagens e filmes que fazem parte da minha história – de uma história coletiva. Cada cenário é um *lócus* enunciativo.



Cenário 96 – Pipa nos fios.



Cenário 97 – Quem é que sabe ler?



Cenário 98 – Placa de entrada.



Cenário 99 – Muro da escola.



Cenário 100 – Vista da laje.



Cenário 101 – Grafite Caixa d'água.



Cenário 102 – Pixo é arte.

Toda imagem é um pensamento – imagens pensam (SAMAIN, 2012), possuem sua própria autonomia, independência. É como se as imagens tivessem vida própria, como se fossem sujeitos e não produtos. Qual a voz da imagem e como ela se conta? Como as escutamos? Como percebemos estéticas periféricas?

No território da qual falo existe uma ciência do social, um universo expressivo central para entender melhor o conflito social e urbano de um tempo espiralado que se tenciona no tempo da qual escrevo. Nessa articulação simbólica coletiva, partilhas são refeitas, abrindo-se espaços de intervenção na ordem normal de códigos, ao mesmo tempo em que firmam posições de desidentificação com as normas vigentes, ultrapassando com seus gestos limites urbanos outrora confiscados (BERTELLI, FELTRAN, 2017). Sendo instituídas novas formas de experiência, que abrem espaços e tomam a palavra, a possibilidade, através de linguísticas, artístico-culturais e estéticas presentes na sociabilidade e nos seus múltiplos significados políticos.



Cenário 103 – Rua enquanto relação; pique pega.



Cenário 104 – Rua enquanto relação; pique esconde.



Cenário 105 – Rua enquanto relação; biloca.



Cenário 106 – Rua enquanto relação; pipa.

Ao chegar nas casas das avós, que também se fazem minhas casas, a trajetória não se põe “chegada” ou “fim”. Suas paredes são atemporais, de um material que se escorrega enquanto as palavras que saem dos seus corpos servem de projeções para outros tempos, inclusive do agora. A memória de acordo com Benjamin (1994) sobrevive do inesperado, das relações afetivas, de saltos temporais do passado no presente. Nessa projeção de tempos, a casa é um arquivo de memórias para o qual contribuem suas dimensões de matéria a partir da história da sua construção e de suas modificações, como também de representação, imagem e poética dos significados as quais construímos e damos a ela através das nossas relações.



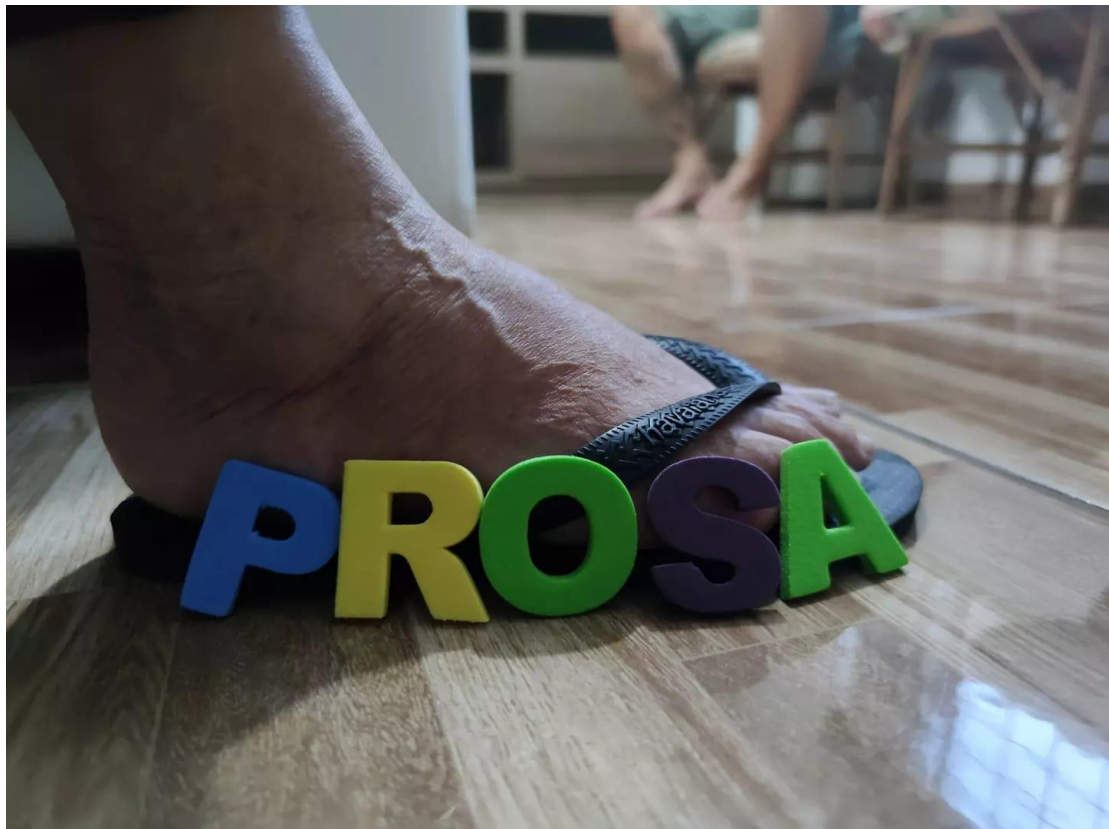
Cenário 107 – Casa enquanto arquivo de memória: riso.



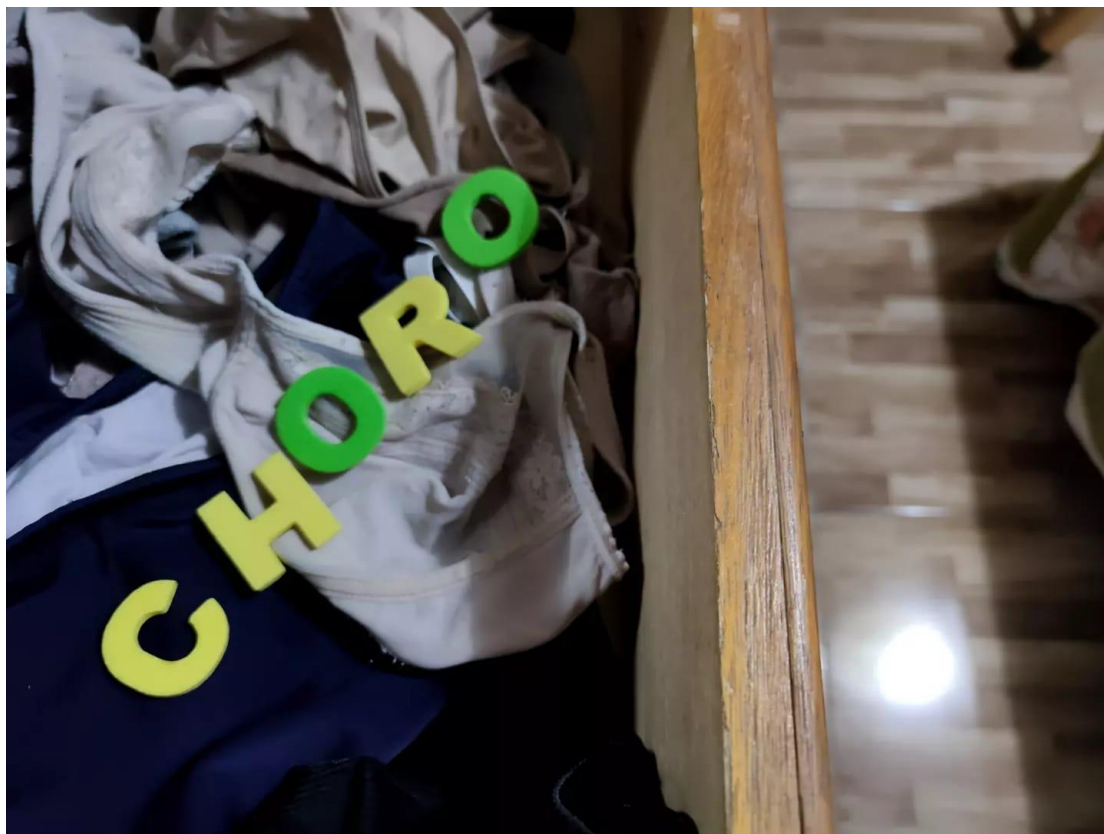
Cenário 108 – Casa enquanto arquivo de memória: medo.



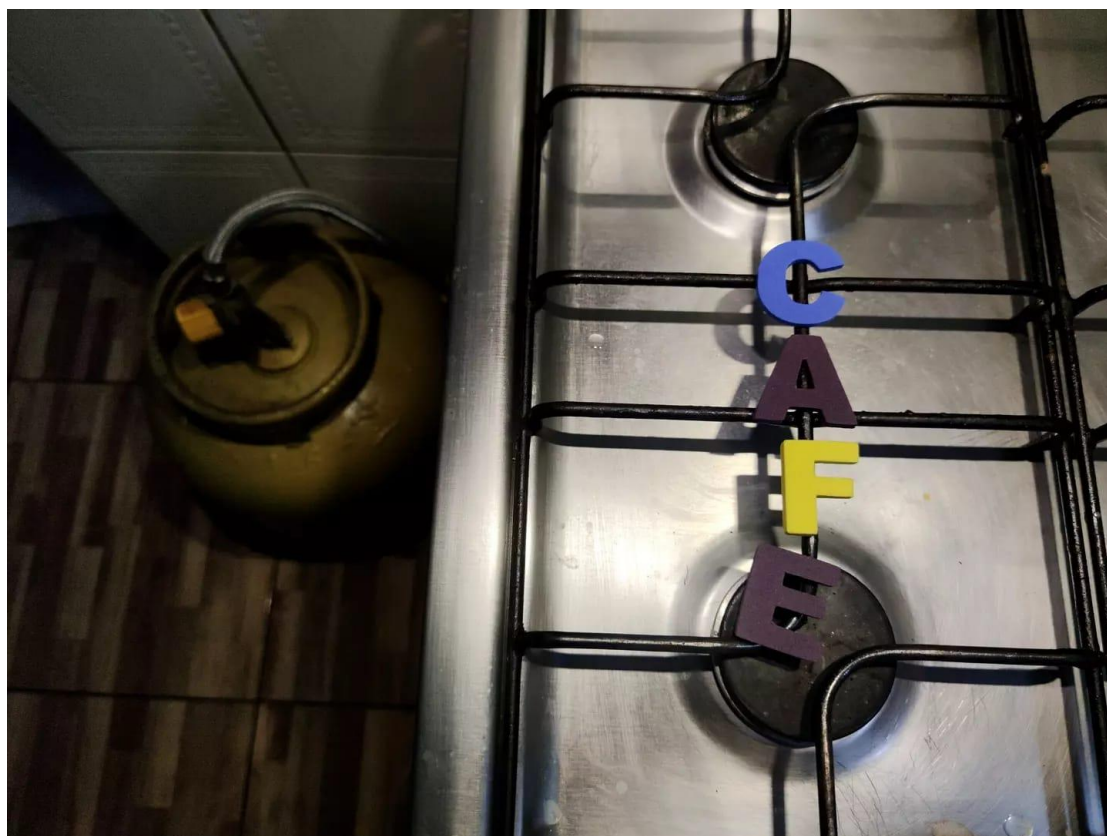
Cenário 109 – Casa enquanto arquivo de memória: história.



Cenário 110 – Casa enquanto arquivo de memória: prosa.



Cenário 111 – Casa enquanto arquivo de memória: choro.



Cenário 112 – Casa enquanto arquivo de memória: café.



Cenário 113 – Casa enquanto arquivo de memória: chá.



Cenário 114 – Casa enquanto arquivo de memória: bolo.



Cenário 115 – Casa enquanto arquivo de memória: beju.

No pequeno espaço da casa da minha vó materna Raimunda Lúcia tinham alguns vasos espalhados pelo quintal. Era regra que não podíamos jogar bola ou brincar por perto das plantas se não ela virava o bicho pensando que poderíamos quebrar alguma folhinha.



Cenário 116 – Quintal com plantas.

Foi nesse quintal em uma ida até a QNO 5 na casa da avó materna, com a avó paterna, que percebi algo. As duas trocavam companhia, enquanto tomavam café e se presenteavam com mudas de plantas. Eu cuidava do vasinho onde colocaria a muda da vó Deuzinha. Elas se lembravam de muitas coisas que haviam acontecido e coisas que iam acontecendo: das suas origens, dos

roçados, da chegada à capital. Lembravam de quando eram meninas, de quando foram crescendo e de como era a vida agora véias.

Enquanto elas plantavam as mudinhas, várias palavras caíam das suas bocas, escorregavam pelos corpos, desciam pelos seus pés e logo entravam pela terra.

Vídeo da cena https://www.youtube.com/watch?v=xYMZL_FCQxw



Cenário 117 – Plantando palavras

Eu podia ver palavra semente sendo plantada e palavra criando raízes. Essas palavras de tão fortes, quebravam os vasos, se espalhavam muito facilmente e cresciam num piscar de olhos, numa escala difícil de acompanhar. As vós diziam que tinha que ser assim, que memória tinha que quebrar vaso e crescer livre para que todos pudessem ver a verdade por detrás do que se apara. Pegavam as raízes com muito cuidado e as punham com os vasos quebrados suspensos, onde todo mundo pudesse enxerga-las. Essas palavras tinham poder, como elas falavam.



Cenário 118 – Palavra tem poder.

O poder das palavras era tocar os corpos como se fossem instrumentos musicais e através do toque tirar som da garganta. Mas não era qualquer som, era som de palavra-memória, som de palavras que continuariam tecendo outras palavras para aquela história, como se a raiz fosse um fio que conectasse passado, presente e futuro, em um tempo refletido.



Cenário 119 – Palavra Futuro.



Cenário 120 – Plantando palavra Futuro.



Cenário 121 – Palavra Futuro plantada.

Uma vez vi as vós penduradas em um desses fios, elas foram indo, indo, indo e desapareceram dentro da terra, quando voltaram, trouxeram outras histórias. Disseram que sempre precisavam trazer para o agora um pouco das raízes mais profundas que cultivavam.



Cenário 122 – Palavra Ancestral

Enquanto as vós buscavam outra muda fora de casa, eu vi um Homem se aproximando. Ele usava terno e gravata e apunhalava uma maleta. Eu me escondi, fiquei com medo o observando. Esse Homem chegara perto dos vasos quebrados suspensos, abriu a maleta e lá dentro havia um monte de histórias roubadas. Tirava do seu bolso uma faca e começava a cortar algumas raízes das palavras. Depois de cortá-las, tirava do outro bolso uma borracha, passava sobre as raízes na tentativa de terminar o serviço – as apagando. Mas não conseguia, as raízes até sangravam, mas as palavras permaneciam. Frustrado, as enrolavam e as guardavam em sua maleta e ia embora como se nada tivesse acontecido.

Quando as vós chegaram, fui correndo contar o acontecido, foi então que elas me disseram que esse Homem era o Ladrão das Memórias, e fazia de tudo para que as pessoas se esquecessem de quem elas eram, de suas origens e trajetórias. Eu perguntava o porquê, por que elas haveriam de se esquecer?! As vós respondiam que assim seria mais fácil para ele, além de ladrão ele vendia histórias. Ganhava poder assim, vendendo palavras malditas, versões que ele queria, para que sempre fosse o dono de tudo, o dono dos caminhos, do passado, do presente e do futuro. Era muito perigoso, porque essas histórias vendidas apagavam outras, e essas pessoas de histórias roubadas podiam deixar de existir juntamente com suas línguas e linguagens. A borracha é como uma bala no peito, diziam elas. Mas disse para elas que mesmo ele roubando as palavras, elas não se apagavam... ele até tentava como tentou, mas não conseguia. Então me responderam que ele poderia roubar o que roubou para deixá-las sem força, mas que o lugar mesmo da memória era o corpo. Era do corpo, da boca que saíam as palavras, o verbo e o corpo era uma só carne.



Cenário 123 – Verbo e corpo como forças motrizes.



Cenário 124 – Zoom corpo-verbo.

Enquanto elas estivessem vivas, poderiam descer nos fios de suas raízes terra adentro para que pudéssemos pendurar nelas e criar outras palavras.

Enquanto catavam as palavras caídas da mala do Homem pelo jardim, outras palavras suspensas saíam dos vasos quebrados, e começavam a dançar, algumas corriam, algumas pulavam, outras me faziam cócegas, até que as

palavras pousaram nos meus pés. Me deram uma cabaça, e disseram para eu despejar o líquido nos meus pés. Fui despejando, era líquido de sonho, um sonho que só se sonha junto.

Vídeo da cena <https://www.youtube.com/watch?v=Z34Wq92MBVE>



Cenário 125 – Recortes de uma cena, comunidade.



Cenário 126 – Recortes de uma cena, comunidade II.



Cenário 127 – Recortes de uma cena, comunidade III.



Cenário 128 – Recortes de uma cena, comunidade IV.

Enquanto despejava o líquido, via cada uma dessas pessoas que localizei anteriormente, via fotografias de cenas de vida, minhas palavras grafadas teriam sempre meu corpo juntamente com seus corpos. Meus pés criavam raízes junto das palavras, das histórias contadas por todos/as. Aquele era o poder das palavras, poder de criar raízes nos pés, independente dos caminhos, eu sempre lembraria das histórias da minha família, que são retratos de uma sociedade. São parte da minha garganta, boca, língua e do meu coração. De cada parte do

meu corpo. Porque o perigo ao escrever novas palavras seria não as fundir a nossos corpos. Fui entendendo que é através desse poder que as histórias se mantêm vivas até hoje.

(...), mas o Homem é ainda poderoso, roubou tantas histórias, apagou tantas outras e logo, aprendeu a atualizar seu poder em várias roupagens. Alimentava-se diariamente em programas de televisão e de rádio, em colunas de jornal e revista, em livros e manuais que pretendiam ensinar o que era “certo” e o que era “errado”, inclusive na oralidade – estigmatizando todos/as locutoras aqui presentes de analfabetas; e como diria Paulo Freire (1987):

Como construção social, a alfabetização não só nomeia experiências consideradas importantes para uma dada sociedade, como também realça e define, pelo conceito de analfabeto, aquilo que se pode denominar a “experiência do outro”. O conceito de analfabeto, nesse sentido dá muitas vezes uma cobertura ideológica para que os grupos poderosos simplesmente silenciem os pobres, os grupos minoritários, as mulheres, ou as pessoas de cor. Conseqüentemente, nomear o analfabetismo como parte da definição do que significa ser alfabetizado representa uma construção ideológica enformada por determinadas interesses políticos. (FREIRE, 1987, p. 52)

O Homem desenvolveu uma ordem pelo progresso onde poucos/as/es tinham acesso: uma espécie de gramática normativa, para corpos universais. Assim, da mesma forma como não tinham terra, não tinham teto, não tinham trabalho, não tinham saúde, também passaram a não ter língua. E quem é que diz algo sem língua? Eu vi minha avó com medo de falar palavras, eu vi meu pai com medo de sair além dos limites demarcados da quebrada, eu vi minha mãe calada. Eu vi os próprios falantes se envergonharem das suas palavras, linguagens e códigos culturais. Todo momento uma língua afiada os apontava os dedos, fazendo/as sentir constrangidas, com vergonha, com medo e inferiores. Sem falar, é claro, nos instrumentos tradicionais daquela norma: os livros. Os livros era privilégio de muita pouca gente, por mais que ensinar o “certo” fosse uma estratégia das escolas, enquanto instituição do Homem, muitos permaneciam à margem do domínio de uma norma culta – essa norma, que ensinada em sala de aula era, em muitas situações uma verdadeira “língua estrangeira”. Com sua gramática particular, que, no entanto, não era, é

reconhecida como válida, e sim desprestigiada, ridicularizada, alvo de chacota e de escárnio por parte dos falantes português-padrão/patrão, ou mesmo daqueles/as que, não falando o português-padrão, o tomavam como referência ideal.

Existe um hiato entre a escola e a sociedade contemporânea. Em meio a outros aspectos, sobressai o fato de que a escola não tem dado conta de reconhecer e legitimar a presença de outras culturas e de outros letramentos que já estão lá dentro. Estão nas falas do alunado, nos gestos, nas roupas, nos temas e nas formas de dizer e de reportar-se crítica e positivamente em relação às matrizes sócio-históricas, revelando padrões sociais e culturais de uso da linguagem, importantes nas ações cotidianas. (SOUZA, 2011, p.159)

O analfabetismo não só ameaça à ordem econômica de uma sociedade, como também constitui profunda injustiça (FREIRE, 1987), essa injustiça tem graves consequências, como a falta de participação do processo político, ameaçando o caráter mesmo da democracia e de seus princípios éticos.

Escrever é uma estratégia de retomar nossas vozes, direção oposta da estratégia colonizadora do Homem. Palavras precisam ser ditas, proferidas encantando e entoando seu poder de palavra-raiz. Cravar no papel branco suas memórias, fazer do papel mais uma pele, que abre os poros para que possamos sonhar. Para destruir histórias únicas, velhos mitos, na divulgação do que há de realmente fascinante no aprendizado da escuta, da fala e conseqüentemente da leitura, da escrita e da educação.

O ato de aprender a ler e escrever deve começar a partir de uma compreensão muito mais abrangente do ato de ler o mundo, coisa que os seres humanos fazem antes de ler a palavra. Até mesmo historicamente, os seres humanos primeiro mudaram o mundo, depois revelaram o mundo e, a seguir, escreveram as palavras. Esses são momentos da história. Os seres humanos não começaram por nomear A! F! N! Começaram por libertar a mão e apossar-se do mundo [...] Às vezes estamos tão acostumados a pensar na linguagem como um “meio de comunicação” que pode ser surpreendente descobrir, ou ser levado a lembrar, que a linguagem é o meio de construir aqueles significados que comunicamos. (FREIRE, 1987, p. 14-15)

Vivemos não só no momento presente, mas na história. A linguagem nos dá o poder de recordar significados, e desse modo podemos não só interpretar, como interpretar nossas interpretações, como uma forma de habilidades de sobrevivência frente a tudo, que a todo instante quer nos roubar as histórias, apagar nossas palavras ou as intitular como “erradas”, emotivas demais ou apenas contemporâneas. A libertação só vem quando as pessoas cultivam sua linguagem e, com ela, o poder de conjetura, a imaginação de um mundo diferente a que se deve dar forma (FREIRE, 1987). O conhecimento está sempre vinculado ao poder, e as práticas sociais são encarnações de relações concretas entre seres humanos e tradições diversas.

A linguagem e o poder estão inextricavelmente entrelaçados e proporcionam uma dimensão fundamental da ação humana e da transformação social. A linguagem tem um papel ativo na construção da experiência e na organização e legitimação das práticas sociais disponíveis aos vários grupos da sociedade. A linguagem é o “verdadeiro recheio” da cultura e constitui tanto um terreno de dominação quanto um campo de possibilidade. A linguagem é tanto hegemônica quanto contra hegemônica, servindo de instrumento tanto para silenciar as vozes dos oprimidos quanto para legitimar as relações sociais opressivas. Ao universalizar determinadas ideologias, procurava subordinar o mundo da ação e da luta humanas aos interesses dos grupos dominantes. Ao mesmo tempo, porém, a linguagem também era encarada como o terreno sobre o qual os desejos, aspirações, sonhos e esperanças radicais ganhavam sentido pela incorporação do discurso da crítica e da possibilidade. (FREIRE, 1987, p.45-46)

O Homem de terno e gravata pode se reatualizar quantas vezes for, mas só existe língua se houver seres humanos que a falem. Ele pode não levar em consideração as pessoas vivas que a falam, mas enquanto houver corpo encantando palavras de poder, nossas histórias continuarão vivas. *Foi assim que me tornei uma Catadora de Palavras, guiada pelos tremores, escuta afiada e percepção criadora. Se ficamos fracas, as inventamos de novo, as escrevendo com nossos corpos.*

Maria-nova olhou novamente a professora e a turma. Era uma história muito grande! Uma história viva que nascia das pessoas, do hoje, do agora. Era diferente de ler aquele texto. Assentou-se e, pela primeira

vez, veio-lhe um pensamento: quem sabe escreveria esta história um dia? Quem sabe passaria para o papel o que estava escrito, cravado e gravado no seu corpo, na sua alma, na sua mente. (EVARISTO, 2017, p.138).



Cenário 129 – Retrato de si e da sociedade.

“Não confunda briga com luta. Briga tem hora para acabar e luta é para uma vida inteira...” Poeta Sérgio Vaz.

O conceito e a experiência de luta cotidiana são diferentes de uma briga; lutar é normalmente a única maneira de conseguir algo na quebrada. A luta é a forma como opera a periferia rumo a transgressão, à realização de um sonho, e como diz Gloria Anzaldúa (1983) é necessário o coração em chamas para manter os sonhos aquecidos.



Cenário 130 – Continuar escrevendo.

Referências bibliográficas

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ADORNO, Theodor W. Educação e Emancipação. São Paulo, Paz e Terra, 2000.
- ANZALDÚA, Gloria. A vulva é uma ferida aberta & outros ensaios. Rio de Janeiro: A Bolha Editora, 2021.
- ANZALDÚA, Gloria - This Bridge Called My Back - Writings by Radical Women of Color. Nova York: Kitchen Table: Women of color press, 1983.
- ALMEIDA, Silvio Luis de. Racismo Estrutural. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.
- ANGELOU, Maya. Carta a minha filha. Rio de Janeiro: Agir, 2019.
- ARQUIVO PÚBLICO DO DISTRITO FEDERAL. Brasília, DF: Ministério da Justiça e Segurança Pública, 2019.
- AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.
- BANIWA, Brulina Aurora. Mulheres e Território. Vukápanavo: Revista Terena, vol.1, n.1, p.165-170, 2018.
- BERTELLI, G. B., FELTRAN, G. Vozes à margem: periferias, estética e política. São Carlos: EdUFSCar, 2017.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. v. 1. (Obras escolhidas).
- BENTO, Cida. O pacto da branquitudes. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BOAL, Augusto. A estética do oprimido. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- BUTLER, Judith. Discurso de ódio: uma política do performativo. São Paulo: Editora Unesp, 2021.
- CARDOSO, Lourenço. Branquitude acrítica e crítica: a supremacia racial e o branco anti-racista. Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud (Vol. 8 no. 1 ene-jun 2010).
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser. Feusp. Tese de doutorado. 2005.
- CHAUÍ, Marilena. O que é ideologia? São Paulo: Brasiliense, 2018.

- COLLINS, Patricia Hill. Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica. São Paulo: Boitempo, 2022.
- COLLINS, Patricia Hill. Interseccionalidade. São Paulo: Boitempo, 2021.
- D'ANDREA, Tiaraju Pablo. 40 ideias de periferia: história, conjuntura e pós-pandemia. São Paulo: Editora Dandara, 2020.
- DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DAVIS, Angela. Mulheres, cultura e política. Boitempo, 2017.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. O que vemos, o que nos olha. São Paulo: Editora 34, 2010.
- DU BOIS, W. E. B. (1977[1935]). Black Reconstruction in the United States. New York: Russell & Russell.
- EVARISTO, Conceição. Becos da Memória. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- FANON, Frantz. Os condenados da terra. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.
- FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- FERRÉZ. Capão Pecado. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. São Paulo: Autores Associados, 1989.
- FREIRE, Paulo. Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra S/A, 1987.
- GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In Gonzalez, Lélia. Por um feminismo afrolatinomaericano – ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- GONZALEZ, Lélia. Mulher negra, essa quilombola. In Gonzalez, Lélia. Por um feminismo afrolatinomaericano – ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- HALL, Stuartt. A identidade cultural na pós-modernidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&a, 2003.

- HARAWAY, D. *Ciencia, cyborgs y mujeres – La reinención de la naturaleza*. Madrid: Editora Cátedra, 1995.
- HARDING, Sandra. Existe un método feminista? In: BARTRA, Eli (Org.). *Debates en torno a una metodología feminista*. México, D.F.: UNAM, 1998.
- hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- hooks, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.
- hooks, bell. *Pertencimento: uma cultura do lugar*. São Paulo: Elefante, 2022.
- hooks, bell. *Talking Back: Thinking Feminist, Talking Black*. Boston: South End Press, 1989.
- hooks, bell. *Teoria feminista: da margem ao centro*. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*. Edição Popular, 1963.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.
- KOPENAWA, Davi. ALBERT, Bruce. *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- LORDE, Audre. *Irmã outsider*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Coobogó, 2021.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Tradução de Marta Lança. 1. ed. Lisboa: Antígona, 2014.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- NASCIMENTO, Abdias do. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

- OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ. A invenção das mulheres: Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2021.
- PASSÔ, Grace. O teatro é uma espécie de aquilombamento. Entrevista a Mariana Filgueiras. In: Revista Continente. Abril, 2018.
- PIMENTEL, Aldenor. Jogo da democracia. Editora Oficinar Ltda, 2021.
- SAID, Edward W. Orientalismo: o Oriente como invenção do Oriente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SAMAIN, Etienne. Como pensam as imagens. São Paulo: Editora Unicamp, 2012.
- SANTANA, T. Abrir-se à hora: Abrir-se à hora: reflexões sobre as poéticas de um tempo-sol (Ntangu). Revista Espaço Acadêmico, v. 20, n. 225, p. 04-13, 13 nov. 2020.
- SANTOS, Antônio Bispo. Colonização, quilombos: modos e significações. Brasília: Ayô, 2019.
- SCHUCMAN, Lia. Entre o encardido, o branco e o branquíssimo - branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo. São Paulo: Veneta. 2020.
- SODRÉ, Muniz. O Brasil simulacro e o real: ensaio sobre o cotidiano nacional. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1991.
- SOUZA, Ana Lúcia Silva. Letramento de reexistência: poesia, grafite, música, dança: HIP-HOP. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- TADDEO, Carlos Eduardo. A guerra não declarada na visão de um favelado. São Paulo, 2012.
- TEIXEIRA, Juliana Cristina. Trabalho doméstico. São Paulo: Jandaíra, 2021.
- THEODORO, Mário. A sociedade desigual: Racismo e branquitude na formação do Brasil. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.
- ZUMTHOR, Paul. Memórias das vozes. São Paulo: Assimetria Editora, 2018.

Letras de músicas citadas

- Atitude Feminina. "Desistir Jamais". Autoras: Hellen e Aninha. CD *Desistir Jamais*. Produção independente, 2013.

Cidinho & Doca. "Rap da felicidade". Autores: Cidinho e Doca. CD *Eu só quero é ser feliz*. Produção Spotlight Records, 1995.